REVISTA DA SEMANA

25 ★ 50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

NO TEXTO:

OS PRACINHAS QUE REPOUSAM EM PISTOIA

Um perfume de Myrurgia



EXTRATO
LOÇÃO
PÓ DE ARROZ

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA

Viva São João!

SÃO JOÃO na metropole. Que coisa desenxabida, insulsa, aguada! Um dia como os outros. Nenhuma nota colorida na cidade suarenta, trepidante de civilização. Caras tristes de gente desconsolada, namorando vitrinas indiferentes atulhadas de copos vazios, de pratos emborcados. Ruas monotonamente vestidas de asfalto. Nenhuma fogueira para queimar a antropofagia moderna que vai impiedosamente devorando o patrimônio tradicional do povo.

★

Tenho saudades do meu sertão longinquo em plena Avenida Rio Branco. Saudades da meninice. Da minha ruazinha barbara, onde as pirâmides de lenha verde ardiam e fumegavam em frente ás casas sem preconceitos. Penso nos fogos que me encantavam: — nas "estrelinhas", nas "pistolas", nas bombas... Penso, enquanto uma senhora gorda passa. Passa e me cumprimenta... E fica ainda enchendo o meu pensamento. E' que conheço esta senhora. Já foi bonita, esbelta, dengosa, intangivel como essas pinturas frescas que trazem cartazes: "cuidado com a tinta!" E como eu estava pensando em bomba, a senhora gorda que já foi bonita, parece-me hoje uma "bomba" para qualquer preparatoriano amoroso.

★

Mas, deixemos as decepções humanas e voltemos à roça.

— Viva São João, comadre!

— Viva nós, cumpadre!

As labaredas lambiam a enorme pilha de angico que estralejava como pipocas. Tôda a nossa familia reunida na casa de Tio Jerónimo. Os moradores chegando. A cabroeira do engenho vadiando no terreiro. Mãe Bilina preparando as batatas para assar no borralho. O negro Pedro com meu irmão no "[illegible]". Grande alegria... A nossa grande alegria de meninos soltos, com as mãos cheias de traques, pistolas e buscapés.

★

Na varanda iluminada da Casa Grande o poeta Azulão cantando, ao som da viola tôda enfeitada de fitas coloridas:

"Viva São João!
Fartura! Barriga cheia!
Diabo leve quem tem pena
De mexer no pé-de-meia.
Vou fazer uma fogueira
Como a Torre de Babel;
Vou enfeitar meu terreiro
Com bandeiras de papel.

Já tenho joguetes,
Pistolas, ronqueiras,
Traques, buscapés,
Bichas-corredeiras.
P'ra depois das 12
Já tenho um baralho,
Batatas e abóboras
P'ra assar no borralho.

Mariquinha, minha negra,
Promete trazer
As caboclas bonitas
Que diz conhecer...
E o negro Sebastião
Já arranjou a "geribita"...
Êste negro é um perigo!
Essa negra tem "chita"!

Vai haver sorte,
Que não é brinquedo!
Quem for feliz passa bem,
Quem não for,
Chucha no dedo.

Eu, por mim, já tenho
Com quem passar fogo:
Já tenho comadre,
Já tenho compadre...
E uma outra cosinha
Eu tenho, também...
Que eu morro e não digo,
Não digo a ninguém.

— São João disse,
São Pedro afirmou,
Que seremos compadres
Porque São João mandou.
— Viva São João, comadre!
— Viva nós, compadre!

Compadre e comadre
Todo mundo tem.
Porém, o que guardo
E não digo a ninguém...
Porém, o que eu tenho,
Quem terá, também?"

★

— Viva São João, comadre!

— Viva nós, compadre!

Eu e Mariazinha... E entre nós dois um tição fumegante. Nunca mais me esqueci desta cena ingenua e boa! Outras esplendidas noitadas joaninas cairam sôbre esta noite. Muitas comadres encantadoras surgiram depois desta singela comadre roceira. Nenhuma, porém, conseguiu apagá-la. Por que? Não sei! Talvez por ser pobre e... quasi feia! Certamente porque foi a primeira. E a primeira é sempre a única! E a única é a maior de tôdas.

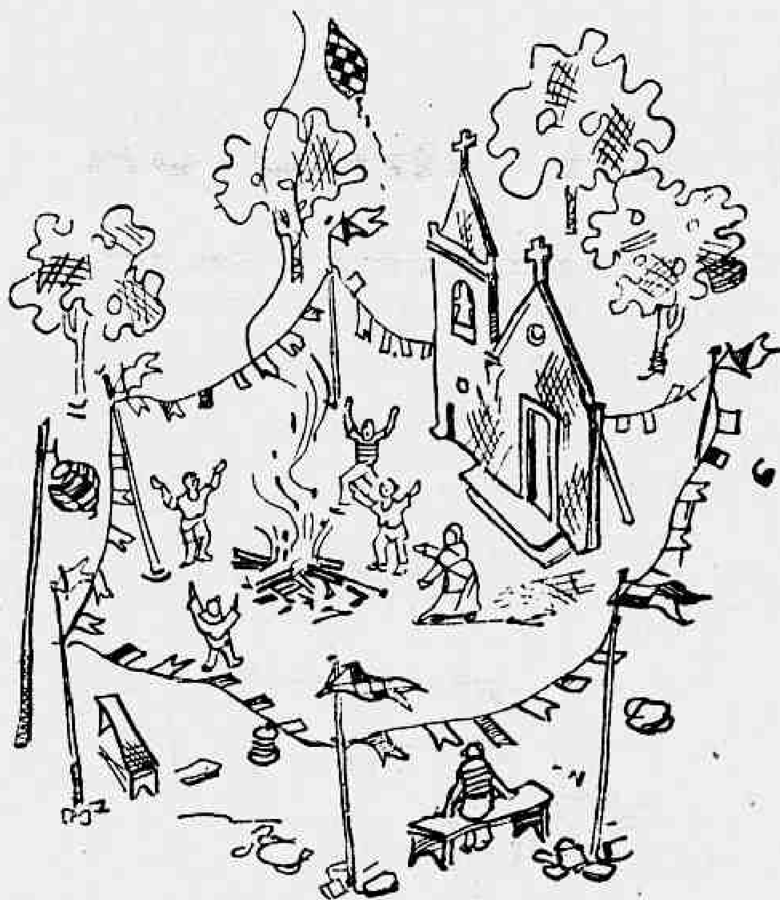
Isso, porém, já vai tão longe... Tão longe!... Por êsse tempo, meu triste São João metropolitano, eramos garotos felizes e folgavamos nas ruas maltrapilhas do sertão. Mudou o tempo. Mudamos nós. Fizme proletário. Enchi-me de responsabilidades. Assumi compromissos com o futuro. Perdi-me nos atalhos. Cansei-me nas encruzilhadas. Enquanto tú rumaste direito pela estrada real da vida. Venceste. Subiste. Arranjaste a serenidade dos magnatas. Ficaste com a sociedade. Circunscrito aos clubes elegantes, à gente privilegiada. Esqueceste-me e não te esqueci. Amo-te ainda e amar-te-ei sempre, porque, todos os anos, me trazes a lembrança de que já fui feliz ao teu lado.

★

E no tumulto da Avenida Rio Branco, nestas vesperas desencantadas de São João, ninguém sabe que eu vou pensando nestas coisas alegres e gostosas. Mas, eu vou. Vou indo e pensando: por onde andará minha comadre Mariazinha! O tempo dispersou os nossos destinos. Nem sequer me recordo da última vez em que a vi. Sei bem que o seu compadre está aqui. Batendo pernas a-tôa e acotovelando os passantes. Perdido na sensaboria da cidade. Na cidade onde o São João é uma festa sentimental. Festa de emoção e saudade! E sei também que onde ela estiver, na noite memorável que se aproxima, em pensamento repetirá comigo:

— Viva São João, compadre!

— Viva nós, comadre!



MARTINS D'ALVAREZ



TOSCANINI

O EVANGELISTA DA MÚSICA

QUEM não ouviu falar em Toscanini? Êsse nome é como o dos profetas, dos santos, dos cientistas e inventores imortais. Antes do rádio, Toscanini era conhecido apenas pelos que iam aos seus concertos nos teatros ou liam notícias em jornais e revistas. Mas, com as emissoras radiofônicas, o nome de Toscanini e a sinfonia de suas orquestras tornaram-se familiares em qualquer parte da terra, por mais longínqua que esteja dos grandes centros civilizados.

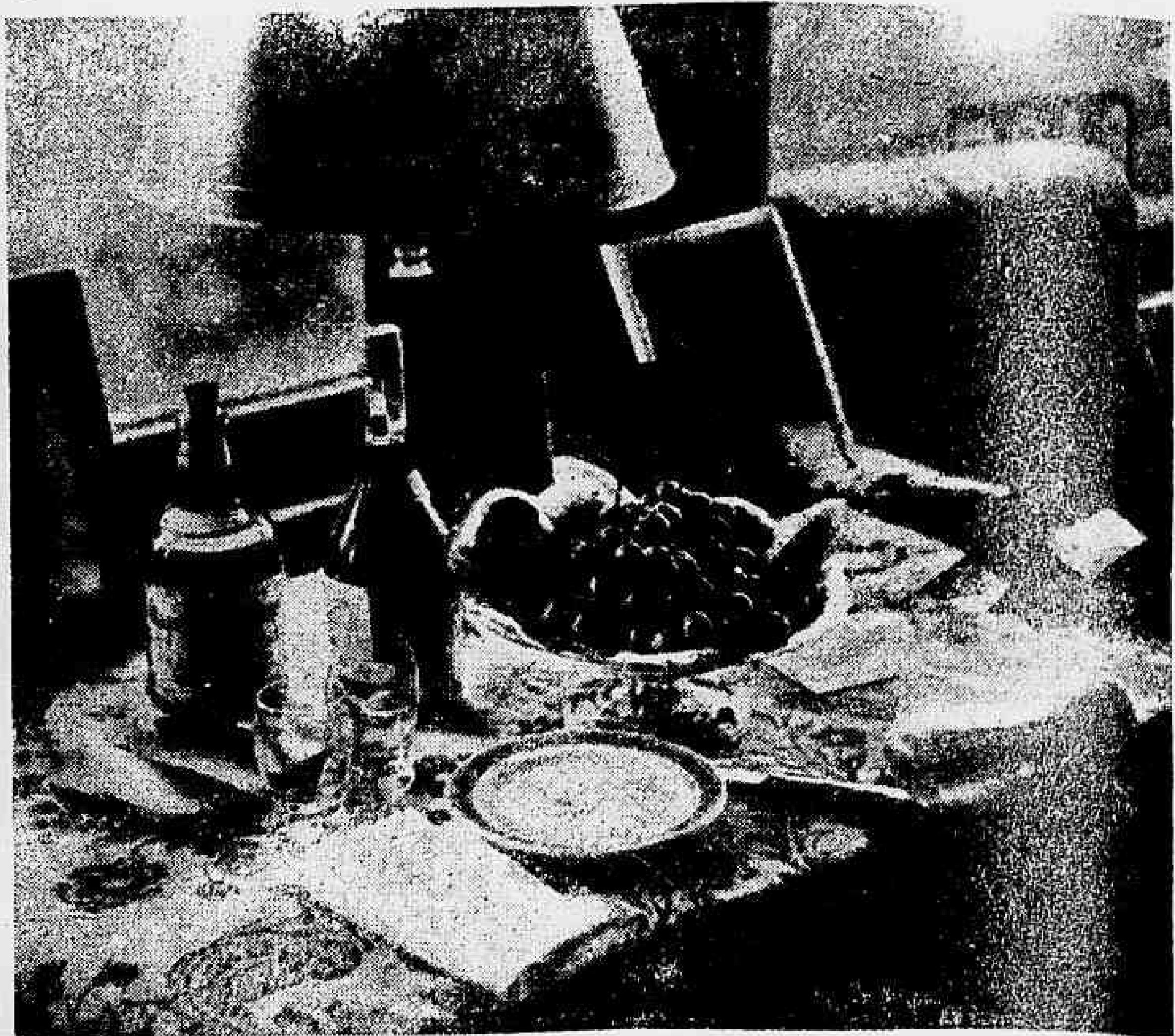
O que mais admira nesse gênio da música é sua memória prodigiosa. Toscanini poderia dar um concêrto diário sem que necessitasse de rever antes as partituras das músicas a reger. Tem no cérebro, de forma indelével, tôdas as peças e lhes sabe os mais insignificantes detalhes de orquestração.

Que idade tem Toscanini? Mais de oitenta anos; mas tem o vigor físico e a lucidez espiritual de um jovem de vinte-e-cinco primaveras.

Nunca se esquivou de empreender as mais penosas excursões em favor de sua grande arte, no sentido de educação do povo. Toscanini está sempre pronto a cumprir sua missão em face da humanidade. Tem o fascínio da batuta e se agiganta, transfigura-se diante de uma orquestra para as delícias dos que o ouvem.

Sua cabeleira branca toma cada vez mais a configuração de uma coroa, como se a providência divina lhe passasse, por intermédio do tempo, um recibo de glórias nesta vida. Aquêles cabelos brancos são, em verdade, a prova de que Toscanini não vive inùtilmente e converte as aflições desta vida em hinos de sons num mundo cada vez mais assoberbado de agonias.

Aos seus apóstolos disse Jesus: Ide e pregai por tôda parte o meu evangelho. A Toscanini, o espírito de Deus segredou outra pregação também divina: Ide e executai por todos os continentes a mensagem da Divina Arte.



TOSCANINI NA PLATAFORMA do vagão do comboio que o levou em excursão artística a diversas cidades do interior dos Estados Unidos, antes de ir servir-se do frugal mas substancioso almôço nessa viagem que tantas impressões lhe despertou e mais aumentou ainda a admiração que, pelo grande maestro, sente o povo norte-americano. Toscanini parece estar longe...



NO "GREGORY GIMNASIUM", da Universidade do Texas, o regente palestra com estudantes sôbre arte musical, pronunciando quase uma conferência nessa ocasião



O GRANDE MAESTRO, aproveitando uma parada mais longa do programa de excursão, salta em Williamsburg, e percorre as ruas, admirando obras arquitetônicas



ÊSTES SÃO OS DOIS chapéus que Toscanini usa conforme o tempo e que foram expostos em Atlanta, como uma espécie de distintivo. À direita, o famoso maestro no "Atlanta's Civic Auditorium", onde foi alvo de intensas aclamações da grande assistência que enchia o salão, mais uma vez demonstrando sua admiração por êle





AO SAIR A PASSEIO pelas ruas da cidade de Mobile, é Toscanini cumprimentado pelo garotinho Victor Ostrowski, que, embora não entendendo lá muito de arte musical, rende suas homenagens ao insigne maestro Arturo Toscanini



TRÊS APAIXONADOS DA MÚSICA em Austin, no Texas, fazem questão de falar a Toscanini e lhe significam a honra da cidade em hospedá-lo, ouví-lo e vê-lo reger

E Toscanini tem sido, durante tôda a sua existência nesta vida, um verdadeiro apóstolo, um evangelista inimitável. Além de gênio criador, é dotado de infinita bondade. Adora os humildes, as crianças, os simples. Embora possa viver para todo o resto de sua vida em absoluto confôrto, morando em palácios ou apartamentos de luxo, cercado de aduladores e cortesãos, êsse Rei dos sons sinfônicos, prefere andar, excursionar, pôr-se em contacto com o povo, com os músicos, os maestros, a massa que o admira e quer.

E não o faz por vaidades inúteis, que um gênio como êle e que chega aos 83 anos, não pode ter mais vaidades, defeito próprio dos fátuos, dos medíocres, dos escrávos da ambição. Toscanini fala com todos, tem um sorriso para cada um, seja prêto ou branco, rico ou pobre, banqueiro ou proletário.

Veja-se o que sucedeu em uma de suas recentes excursões pelo interior dos Estados Unidos. Em Nova Orleans, em Dallas, em Áustria, no Texas, por onde ia passando, jamais se esquivou de falar com os que o procuravam. Para todos uma palavra de incentivo, uma expressão amiga, um sorriso quase sobrenatural.

O povo dos Estados Unidos o adora. Em Dallas sucedeu um episódio que teria aborrecido qualquer pessoa, teria desfeito qualquer bom-humor, mesmo a uma pessoa dotada de grande paciência.

Anunciado o concêrto para aquela noite, antes de começar o espetáculo, desabou sôbre a cidade a mais tremenda das tempestades. Trovões, raios, faíscas, inundações de ruas, paralisação de tráfego, o diabo. Toscanini e os seus músicos já estavam no teatro e aguardavam o final daquela "ouverture" estranha e terrífica. Passavam-se os minutos, passou-se meia hora, uma hora...

Logo que o tempo amainou, os assistentes começaram a afluir ao teatro, que, minutos depois, estava superlotado. As audições foram cumpridas à risca e Toscanini, com o mesmo sorriso, a mesma paciência e bondade evangélica, dirigiu a orquestra recebendo palmas e aclamações delirantes; mas, sabem quem estava mais agradecido? Não era o povo que afluira à casa; era êle, Toscanini! E por quê? Pelo simples fato de ver tôda aquela multidão no teatro para ouví-lo, em lugar de ficar cômodamente em suas casas, diante da justíssima alegação do impiedoso temporal.

Falou à assistência e agradeceu seu comparecimento, apesar da borrasca e da caceteação pelo atraso com que o concêrto havia começado... E' mais uma faceta do espírito apostolar de Toscanini, êsse imortal e inimitável Evangelista da Música.



O sr. Acúrcio Tôrres, líder da bancada do PSD na Câmara Federal, quando discursava na Convenção Nacional



CAPTADO por várias emissoras fala o sr. Freitas Castro, delegado do PSD gaúcho, solidarizando-se com a escolha



Fala o sr. Cristiano Machado, deputado federal por Minas, e sôbre quem recaiu a escolha da Convenção Nacional

O P.S.D. ESCOLHE O SEU CANDIDATO

REALIZOU-SE na noite de 10 de junho a Convenção Nacional do P.S.D. para proclamação do nome do seu candidato ao próximo pleito para Presidente da República.

O conclave se efetuou no Teatro Municipal, atraindo grande número de pessoas de nossa alta sociedade, vendo-se muitas senhoras, altas patentes de nossas fôrças armadas, políticos do partido e delegados de várias outras organizações políticas especialmente convidados.

O grande teatro apresentava-se numa de suas noites de grande brilho, notando-se viva ansiedade no desenrolar do memorável acontecimento.

A reportagem da REVISTA DA SEMANA estêve presente e colheu os flagrantes que estampamos nesta página.

A solenidade se revestiu de muita

A reportagem da REVISTA DA SEMANA surpreendeu em animada palestra os srs. S Tinoco, (à esquerda), Cristiano Machado (ao centro), Horácio Laffer (ao fundo) e Mendes de Moraes





Vista geral da compacta assistência que encheu completamente tôdas as dependências do nosso maior teatro, notando-se grande número de senhoras e senhoritas de nossa sociedade

ordem e vibrou em vivas palmas ao ser pronunciado o nome do sr. Cristiano Machado, o escolhido pelos convencionais para competir nas urnas a 3 de outubro próximo.

E' mais uma etapa que se vence na larga estrada das eleições para a sucessão do Gen. Eurico Dutra, mobilizando-se o P.S.D., um dos maiores partidos políticos nacionais. Nossa democracia, que já foi comparada a uma "tenra plantinha", está, porém, robustecendo o caule, esgalhando a fronde e criando raízes vigorosas, e tudo leva a crer que a 3 de outubro próximo, processem-se as eleições para a escolha do futuro chefe da nação, na mais perfeita ordem, como ocorrera em 1945.

Os líderes do P.S.D., escolhido o seu candidato, entram agora na fase da preparação do eleitorado para a pugna cívica das urnas, notando-se em todos os seus dirigentes a certeza de que saberão medir fôrças com lisura e patriotismo, pois é assim que nossa pátria precisa marchar sempre.

Quisemos obter declarações de algumas das figuras mais em evidência do P.S.D. sôbre o que pensavam do futuro; mas, como o momento não era para revelações e sim destinado a ratificar em ato público e solene a escolha do sr. Cristiano Machado, achamos mais prudente deixar as perguntas para outra oportunidade.

Contudo, era visível o bom-humor estampado na fisionomia de todos os presentes, como se mandassem uma mensagem de esperança e fé na vitória para todos os que ali estavam ou que, de longe acompanhavam o desenrolar da sessão magna.

Tôdas as dependências do grande teatro estavam repletas de povo, famílias, correligionários e curiosos. Faixas partidárias se estendiam nos balcões das gerais, enquanto grinaldas festivas traçavam arabescos sôbre os camarotes, vendo-se flores por todos os lugares.

Reinava entusiasmo entre os partidários do P.S.D., sendo os discursos dos seus representantes vivamente aplaudidos.

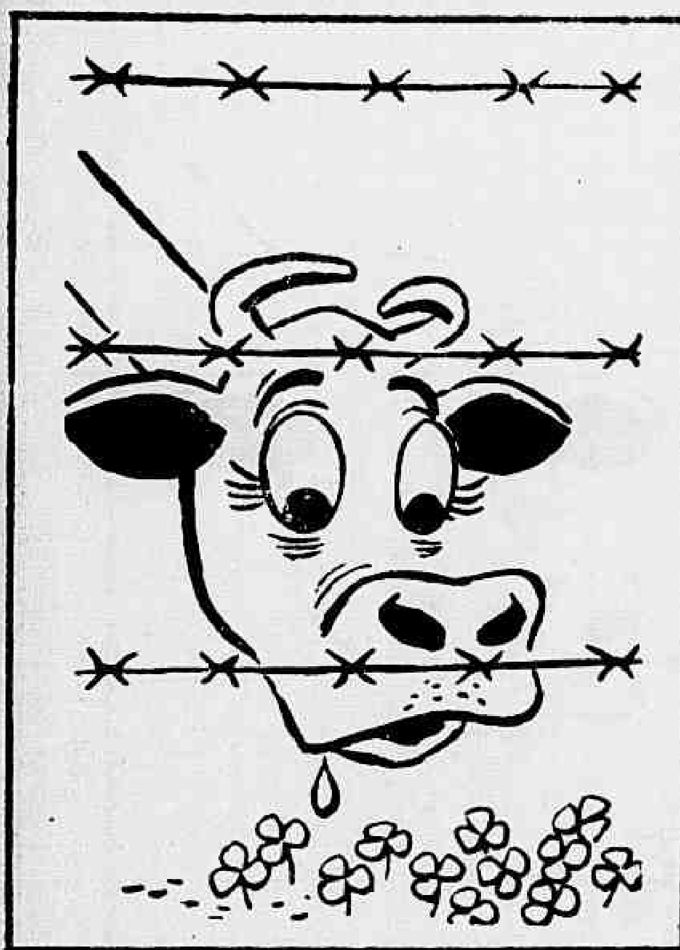


Fala o sr. Cirilo Júnior, ladeado pelo deputado Benedito Valadares (à esquerda) e pelo prefeito do Distrito Federal, general Mendes de Morais (à direita) sendo muito aplaudido



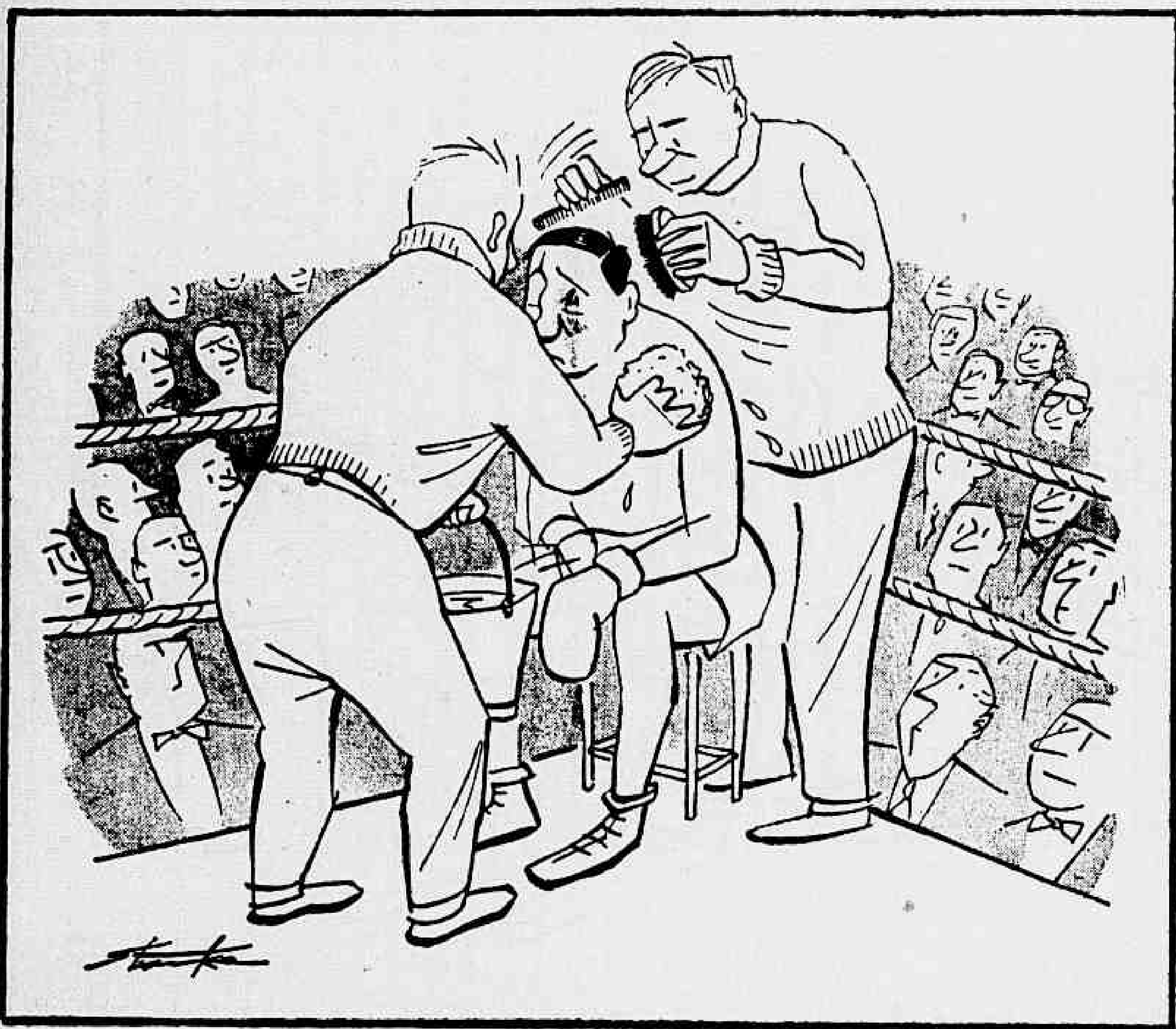
Do camarote de luxo destinado ao Prefeito do Distrito Federal, pronuncia o gen. Mendes de Morais a sua oração, referindo-se elogiosamente ao sr. Cristiano Machado e ao PSD

BOM HUMOR



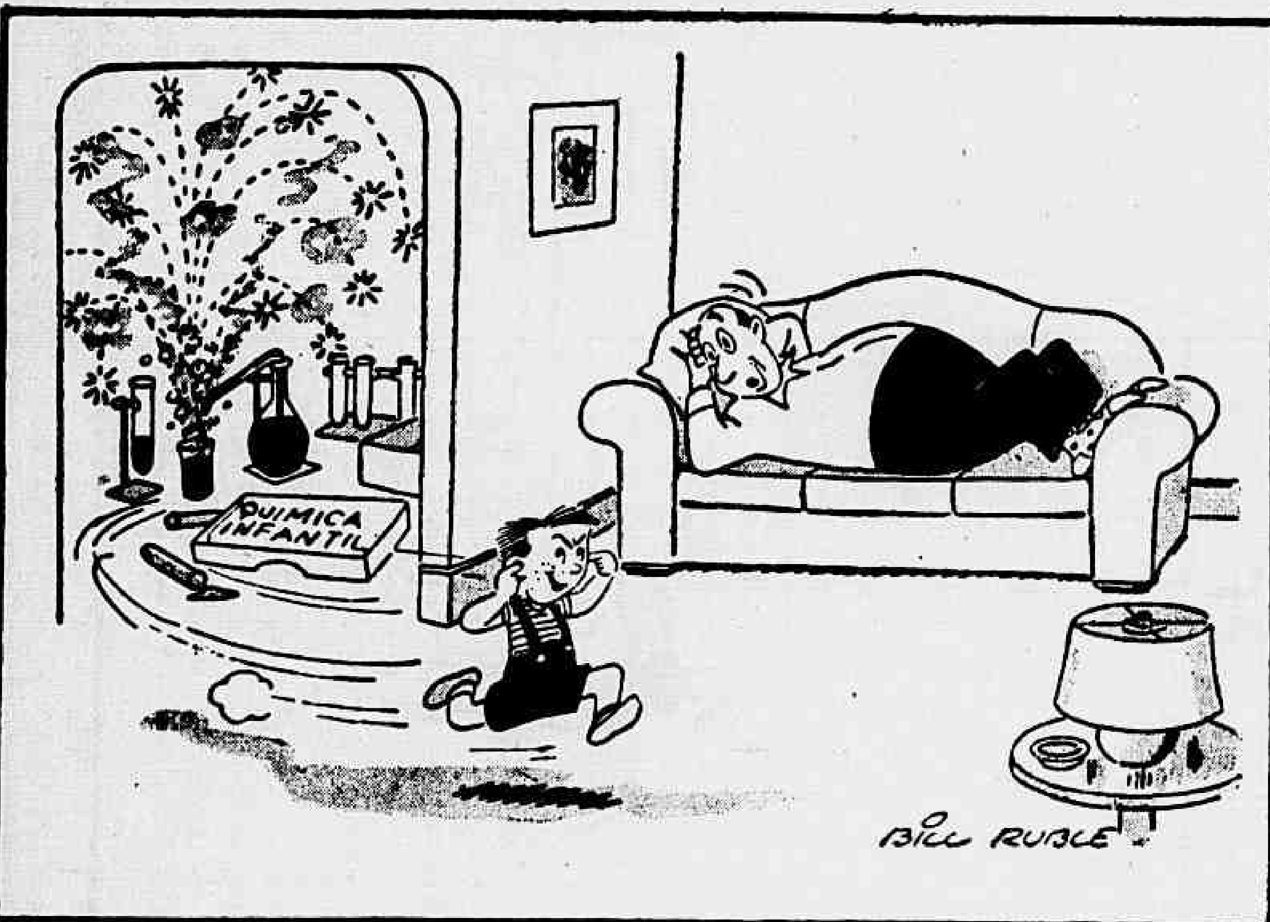


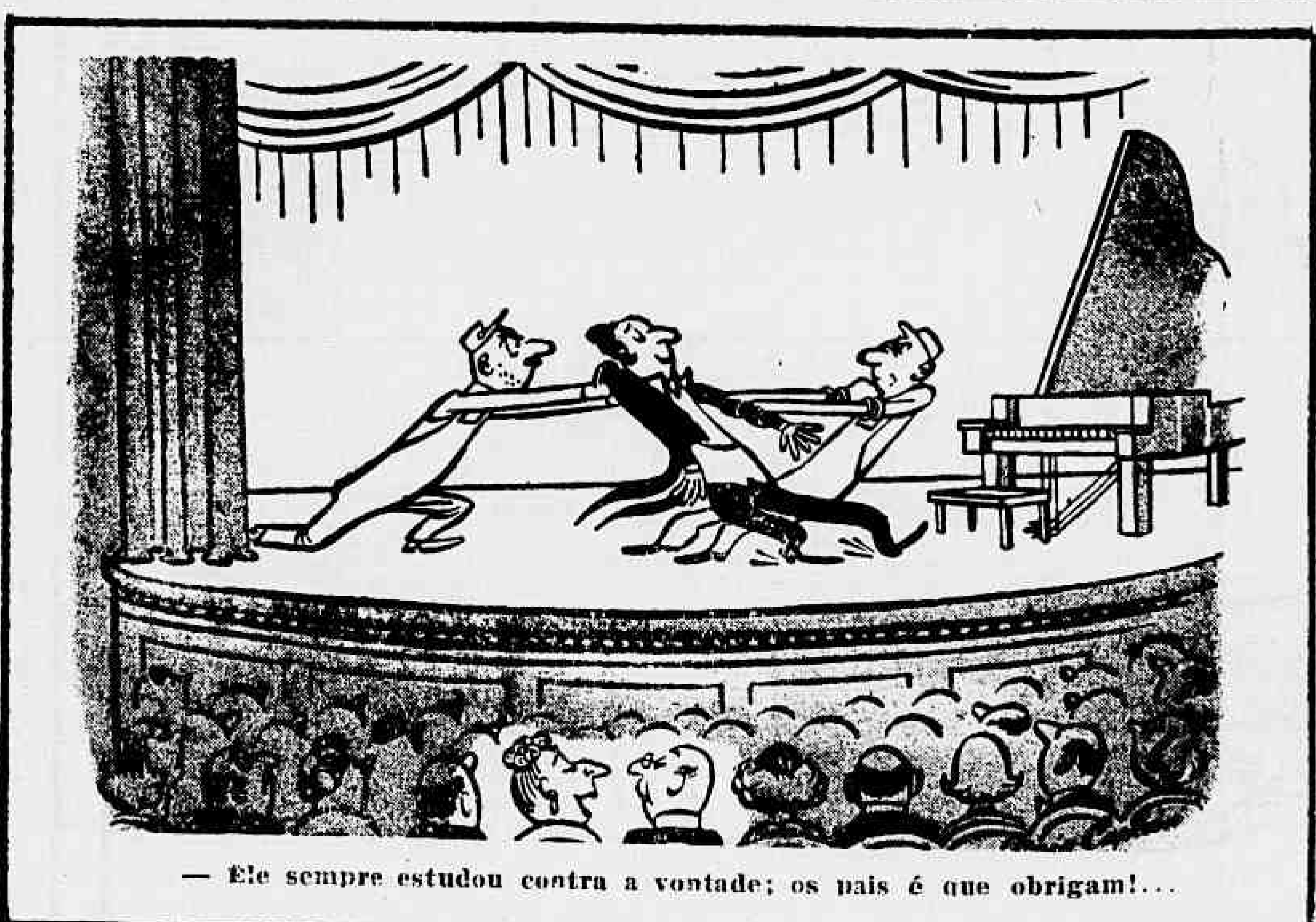




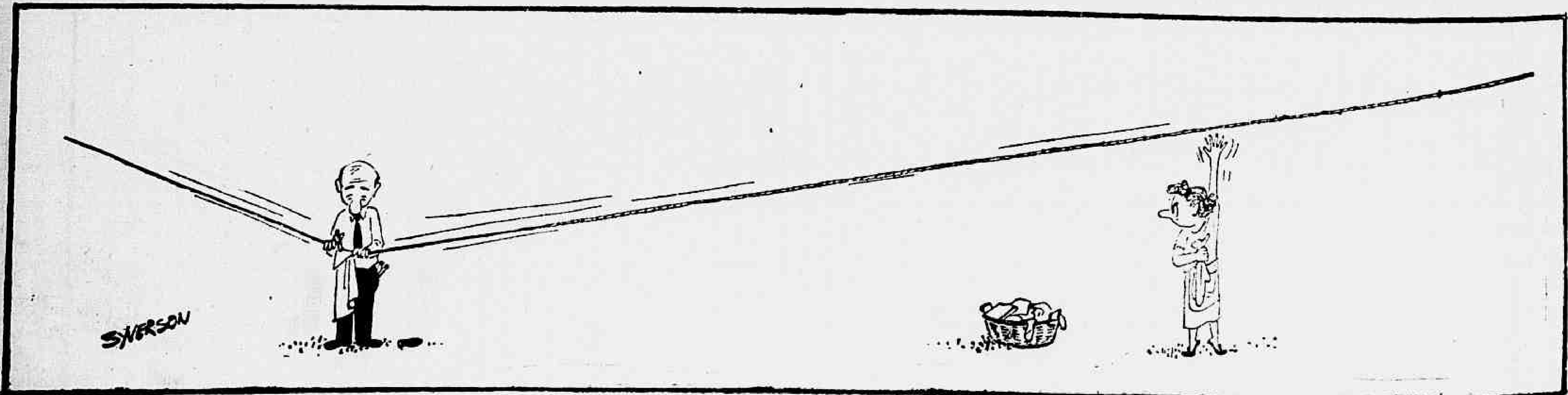


— BENEDITO!!!...





— Ele sempre estudou contra a vontade; os pais é que obrigam!...



A SEMANA EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ N. 25 ★ 24-6-50

FANTÁSTICO!

Ainda ressoam por todo o país o doloroso desastre de aviação de Itacaré, na Bahia, quando uma dezena de vidas foi sacrificada no acidente. Dentre as vítimas pranteadas estava a daquela pobre aero-moça, lindíssima, cheia de esperanças e que fôra coroada rainha de sua classe havia pouco tempo. Mortos também pessoas de destaque nas letras, na cultura nacional, personagens de quem tanto o Brasil esperava ainda para o seu avanço na estrada do progresso espiritual. Mas, diante de tanto luto, de tantas lágrimas, de tanta consternação, houve um episódio que merece ser divulgado.



Quando o aparelho se espatifou de encontro às árvores e caiu ao solo, seu estrondo se fêz ouvir num raio de muitos quilômetros, surpreendendo os roceiros que por ali residiam. Com as providências de nossas autoridades e da própria emprêsa de aviação a que pertencia o aparelho sinistrado, turmas de trabalhadores acorreram a recolher os destroços humanos, a bagagem dos tripulantes e dos passageiros, hospitalizando-se os dois únicos sobreviventes: um senhor e uma senhora.

Todos sabem que, em tais ocasiões, surgem sempre indivíduos espertos que arregalam os olhos à cata de objetos valiosos e de dinheiro espalhados e pràticamente perdidos pelos seus donos, mortos ou feridos gravemente. Mas em Itacaré se passou êste episódio positivamente fantástico: dentre as pessoas que davam busca no recolhimento dos despojos, um modesto operário, investigando por entre o cerrado da mata, encontrou, sòzinho, sem testemunhos, um pacote contendo 125 mil cruzeiros! Sabem o que fêz? Guardou-o e, com a chegada do pessoal da Aeronáutica, entregou o pacote, para os devidos fins. E ninguém sabe o nome dêsse roceiro honestíssimo!

POR CIMA DA CARNE SÊCA

Houve uma época em que a expressão "Por cima da carne sêca" era sinônimo de "estar com tudo e não estar prosa". Pois, amigos e leitores, o assunto "carne sêca" tomou conta do noticiário jornalístico desta grande cidade e chegou até mesmo a movimentar repórteres radiofônicos para irradiação para o Brasil e para o mundo.



Mas a carne sêca de agora não é o saboroso charque, tão bom assadinho nas brasas e comido com farofa, como em pedaços no feijão ou convertido na excelente paçoca, prato divino dos cearenses.

Carne sêca virou gente. E' um homem. A polícia andava nas suas pègadas, de morro em morro, e dêle diziam-se coisas tenebrosas. Mais perigoso que Lampeão, mais audaz que Antônio Silvino, mais cruel que Jararaca (o venenoso), mais terrível que Jesuíno Brilhante ou Mané Sabino. "Carne Sêca" era o terror dos morros do Rio. Caçá-lo como quem caça um tigre esfaimado fugido de algum zoo.

Súbito, porém, "Carne Sêca" procura um guarda mais tranquilo e se entrega à prisão. Levado pelo seu advogado à casa de um juiz, êste o recebe, oferece-lhe um cafèzinho, examina-lhe o busto, constata que o "perigoso" está indene, faz um ofício à autoridade policial e o manda em paz.

Foi o maior sucesso da semana. "Carne Sêca", entrevistado em todos os sentidos, saiu em todos os jornais. Um herói. Um "gangster" digno de Chicago. O próprio chefe de Polícia desejou falar-lhe. E "Carne Sêca" o satisfez. Mas, afinal, quem é êsse fenômeno dos morros do Rio?

Ah, leitor! Que decepção! João da Costa Rezende, vulgo "Carne Sêca", não é nenhum perigo, nenhum "gangster", nenhum fenômeno. E' um pobre que deseja trabalhar, ganhar a vida, casar e constituir família. Estêve, evidentemente, "por cima da carne sêca"; mas agora... por baixo das grades.

MULTADO UM "DON JUAN"

Sucedeu em S. Paulo, na sua agitadíssima capital. O sr. Diógenes Torquato Beller foi levado à barra do tribunal presidido pelo corretíssimo juiz Olavo Guimarães, da 11.ª Vara Criminal da capital paulista, para responder pelo delito de ofensa ao pudor público.



O caso, em verdade, não encerra nenhuma novidade. Aquêle cidadão faltou com o respeito a uma senhora desde quando ambos tomavam um ônibus na Mooca e prosseguiu em suas inconveniências até o largo do Paissandu. Aí a senhora perseguida pelo D. Juan não suportou mais e lhe vibrou uma bolsada bem nas ventas, e chamou um guarda. Juntou gente. Houve comentários e o processo foi à apreciação do juiz. O dr. Olavo Guimarães analisou o fato e não deixou de verberar a falta de compostura de muito moço bonito ou velhote faceto que não têm compostura em plenas vias públicas. Depois de passar um "carão" em regra no infeliz Lovelace, aplicou-lhe uma multa de Cr$ 500,00 (quinhentos cruzeiros).

A originalidade não está, pois, no episódio, no delito cometido pelo desgraçado Diógenes, que, em lugar de imitar o outro que andava com uma lanterna a procurar um homem, êste anda com suas macaquices a perseguir senhoras de respeito; está, sim, no destêcho do caso: multa de quinhentos cruzeiros.

Ah, senhores juízes das Varas Criminais! Se fôssemos imitar o titular da 11.ª lá de S. Paulo aqui no Rio! Como aumentaria a renda federal! Bastava, todos os sábados, uma colheita na Cinelândia, na rua Gonçalves Dias, na rua do Passeio.

Os moços bonitos tornam-se até irritantes. Uma polícia de costumes se faz urgente nesta cidade. E, em lugar de Cr$ 500,00 de multa, despachá-los para os confins de Mato Grosso...

O TAURICÍDIO

Aí está um assunto da mais saborosa curiosidade: o tauricídio. Que quer dizer isso? Nada mais, nada menos do que o ato de matar-se um touro. Touro, que em latim se escreve "taurus", não poderia jamais dar "touricídio", pois assim perderia a feição erudita de suas roupagens morfológicas em face da ciência da linguagem.



Por êsse motivo, o Instituto dos Advogados Brasileiros, pela bôca do seu ilustre membro, sr. Tomaz Leonardos ,definiu o delito que se quer praticar nesta lindíssima cidade, com a inclusão de touradas no Estádio de Mangueira. Mas, minha gente, a tourada é espetáculo que obedece a dois princípios que se convertem em dois fins: enfezar o touro, provocando delírios dos fãs, e o matar, no final. Contudo, segundo os hábitos toureiros de Portugal, êsse epíligo sangrento e tauricídico pode ser modificado noutro: não abater o animal.

Ora, se todo o barulho é porque os pobres touros vão ser imolados na "arena con lo sangre", que é como usam os espanhóis, adotemos o sistema lusitano, mais humano, isto é, mais de acôrdo com a Sociedade Protetora dos Animais e com o alto saber dos nossos causídicos.

Em verdade, essa história de tourada no Brasil vai mesmo abafar. Veja-se o que ocorreu há duas semanas no "Cineac". Durante todos os dias de um programa em que apareciam touradas divertidíssimas em Vila Franca de Xira, em Portugal, aquela casa de espetáculos cinematográficos não cabia de tanto povo. Imagine-se o que não seria se tivéssemos no Rio touradas em espécie, com todo aquêle aparato rebrilhante e majestoso. O que está criando aborrecimentos é o ato final de matar o pobre touro. Pois que se remova o crime: em lugar de matar o bicho, já vencido e humilhado pelas farpas e "dribblings" do herói toureador, que lhe aumentemos a ração de alfafa e ofereçamos uma taça de champanha.

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140.00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170.00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Têda correspondência deve ser enderecada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA

Ao sair a público esta edição, outro fato de repercussão política no cenário do Brasil se consumou: o lançamento da candidatura do sr. Getúlio Vargas à sucessão presidencial de 1951, pela Convenção do Partido Trabalhista Brasileiro levada a efeito no Palácio Tiradentes, na noite de 16 de junho. A que ritmo obedeceu o «processus» dêsse lançamento? Eis, em resumo, o que verificou: em face das malogradas tentativas entre líderes políticos dos grandes partidos para que se encontrasse um nome que pudesse evitar a dispersão de votos e o pluralismo de candidatos, a UDN resolveu apoiar o seu candidato lógico: o Brigadeiro Eduardo Gomes. Logo depois, não sendo encontrada outra solução unificadora, o PSD convoca os seus dirigentes e lança o nome do sr. Cristiano Machado. Estávamos aí, com dois candidatos para a pugna das urnas a 3 de outubro próximo. Tôdas as vistas continuavam, porém, dirigidas para o governador de S. Paulo, que, segundo se propalava, não apoiaria o nome do ex-ditador para terceiro candidato e sim, um outro indicado por êle. Mas a política tem os seus caprichos e imprevistos. Apesar de já definidas as diretrizes da UDN e do PSD prosseguiam os rumores de que elementos dirigentes do PTB e do PSP procuravam uma brecha para obter a desistência do que fôra assentado nas duas grandes Convenções Nacionais — UDN e PSD —, escolhendo-se um terceiro e único candidato com o plácito dessas quatro organizações políticas. Já era muito tarde, porém, e voltar-se ao primeiro degráu da longa escada a percorrer novamente, seria desfazer tudo o que fôra realizado justamente em face das desinteligências que redundaram na perda do nome do sr. Afonso Pena Jr., por exemplo. Que o PTB e o PSP resolvessem como melhor lhes parecesse. O nome do sr. Ademar de Barros permanecia na berlinda, e o interZsse geral se acirrou ainda mais com o encontro do governador de S. Paulo com o ministro da Cuerra, em Rezende, a 14 de junho, embora houvesse a 15 um desmentido de que ambos se encontraram deliberadamente. Tudo não passara de mera coincidência... Na noite de 15, ao pé do monumento do Ipiranga, o sr. Ademar de Barros convoca os seus correligionários e lança o nome do sr. Getúlio Vargas para a Presidência da República. Foram, entretanto, para alguns, um pouco esquisitas as características dêsse gesto do governador de S. Paulo. E' que, para tomar essa importante atitude, nada teria comunicado ao chefe do PTB, no Rio, nem tampouco ao sr. Mozart Lago, líder do próprio partido do sr. Ademar de Barros, na Capital Federal. O assunto ocupou o centro de todos os que se interessam pela marcha dos acontecimentos políticos do país a encerrar-se em janeiro de 1951, com a posse do sucessor do general Dutra, e o sr. Ademar de Barros, com as atividades políticas desenvolvidas e sua proclamação às margens do Ipiranga, como que repetia aquelas palavras de César transpondo o Rubicon: «Alea jacta est»... E' de notar, porém, que ainda não se reuniu a Convenção Nacional do Partido Social Progressista, cujo chefe é o sr. Ademar de Barros.



Sr. Ademar de Barros

EXPEDIÇÃO A TRINDADE

A ILHA DAS LENDAS E DO DEGRÊDO

Mil e quatrocentos kms. afastada do Brasil, mas famosa em todo o mundo ★ O outro aspecto da Expedição João Alberto ★ Plano fracassado de um aventureiro inglês ★ Trindade vai ser habitada: base aero-naval, dragagem, campo de aviação, piscinas de água do mar, jôgo, um panorama à altura de um novo centro internacional de turismo ★ E o tesouro dos piratas?

Texto e fotos de CARLOS DUARTE

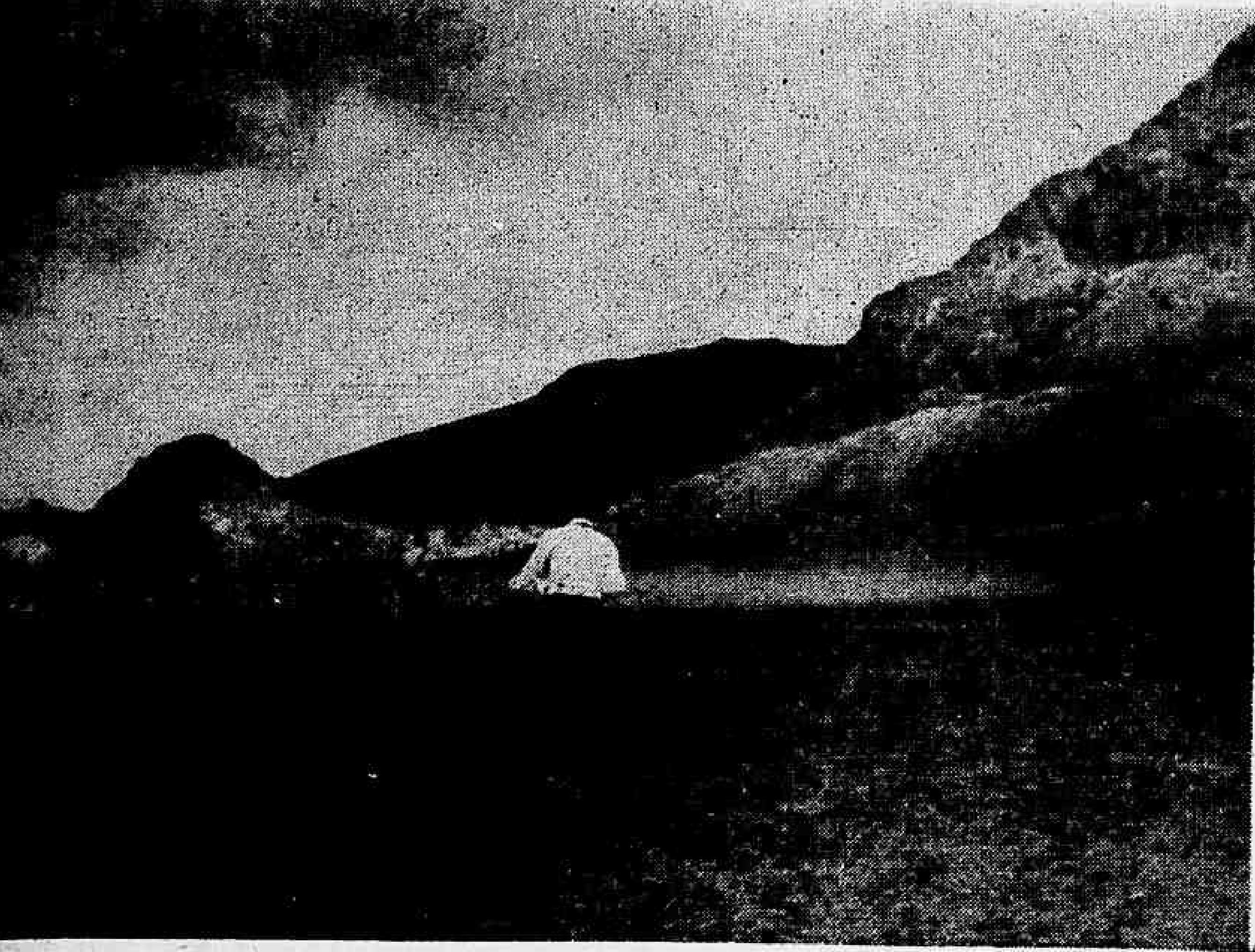
A NATUREZA DESLUMBRANTE se mostra em todos os recantos da pequena e lendária ilha brasileira perdida na imensidão do Oceano Atlântico. Trindade dista cêrca de 1.400 quilômetros do litoral do nosso país, na altura do Espírito Santo

ISTO é uma ilha ou um livro de fadas? Indagou um dos expedicionários. É Trindade. Sua história é impressionante! O roteiro do fabuloso tesouro que um pirata levou a um capitão da Marinha Britânica tornou a ilha da Trindade famosa no mundo inteiro, desde fins do século passado. Desde 1880 o «tesouro da ilha de Trindade» embriaga a imaginação dos aventureiros de todo o mundo. Por isso, antes de embarcarmos com a expedição que ia demandar à longínqua ilha brasileira perdida no Atlântico, distante 1.400 quilômetros do Rio, à altura do Espírito Santo, perguntamos ao sr. João Alberto, chefe da Expedição, se êle pretendia encontrar o fabuloso El Dorado dos antigos e audaciosos piratas. O antigo revolucionário e Coordenador da Mobilização Econômica, com um sorriso, nos respondeu: — «Não. Meu objetivo é outro; é fazer com que o Brasil se faça verdadeiramente dono daquele rochedo de tão grande importância estratégica. Para isso precisamos povoá-lo, construir ali uma base aeronaval e se possível, instalar uma grande indústria de pesca. Alegando abandono, os inglêses, por diversas vêzes, já tentaram se apossar da ilha. Na realidade êles visaram outras vantagens. Nós, porém, temos esquecido a Trindade; estamos imitando o caboclo que olhando para o céu, vendo o tempo bom e a lua bonita, perguntava aos amigos porque é que êles queriam casa para morar. — Mas quando chovia...»

E acrescentou o sr. João Alberto:

— «Como você vê, não se trata de uma simples aventura. O nosso objetivo é muito sério. A história do tesouro é sedutora... mas deixemos que outros o procurem. Feliz aquêle que o achar!»

Antes de se falar no tesouro, Trindade já tinha a sua história. A ilhota que Deus ancorou tão longe, no Atlântico, foi descoberta pelos portuguêses, em 1502, quando suas náus demandavam os mares a caminho das Índias. Deram-lhe a princípio o nome de ilha da Ascenção, e depois Trindade. E já aí começa a confusão em tôrno dessa ilha de tanta fama: os dois nomes geraram confusão; muita gente passou a imaginar que fôssem duas ilhas ao invés de uma, inclusive o govêrno colonial do Brasil, até que em 1822, as



O ÚNICO PONTO da ilha em que as pedras e montanhas cedem lugar a uma pequena planície será aproveitado como campo de pouso para os aviões que conduzirão os turistas



UM CAPIM RASTEIRO constitui a vegetação da ilha. Da praia às montanhas, poucas outras espécies vegetais são vistas. O capim sôbre as pedras facilita as escaladas perigosas

coisas foram postas nos seus lugares, isto é, Trindade e Ascenção eram uma ilha só. Em 1700, a Inglaterra, já então na busca constante de terras e ancoradouros seguros para os seus navios em todos os mares, encontrando-a abandonada, ocupou-a. Saíram depois os inglêses, para voltar em 1723, quando o Duque de Xambre julgou-a excelente para o seu nefando negócio — o tráfico de escravos para o Brasil e Antilhas. Êste escravagista inglês povoou-a com êsse objetivo, sem grandes resultados. Em 1781, porém, os inglêses mais uma vez voltaram e foi preciso então que Portugal reclamasse enèrgicamente junto à Sua Majestade Imperial Britânica para que se retirassem. Já estava preparada uma grande expedição para expulsá-los de qualquer maneira quando os inglêses dali saíram. Seria a guerra entre as duas nações, e se explica: Trindade, localizada como está, a meio caminho para o continente sul-americano e a África, já naquela época era de grande importância estratégica, mormente se considerando que então a potência das nações media-se pelas fôrças nos mares. Justificavam-se os inglêses dizendo que assim agiam para interceptar as naves holandesas e espanholas, com quem estavam em guerra; e foi atendendo a uma reclamação da Espanha que o govêrno português apressou-se em pôr os inglêses para fora. Na verdade, Trindade sempre constituiu um «abacaxi» para os portuguêses; a ilha vivia infestada de piratas de tôdas as nacionalidades, contrabandistas e traficantes de escravos, que os obrigava a uma vigilância tanto quanto possível constante daqueles mares. E êles o faziam mais por uma questão de amor próprio que por vantagem ou prazer de conservar em seu poder a ilha. Tanto assim que, após a última ocupação pelos inglêses, D. Luís de Vasconcelos, vice-rei do Brasil, em 1789, irritado, conforme documento existente, bradava mais ou menos nestes têrmos: «Esta ilha está nos dando tanto trabalho e vale tão pouco, que melhor seria arrasá-la!»

Em 1895, já no Brasil República, outra vez a Inglaterra ocupou Trindade. Foi em janeiro daquele ano, e o nosso govêrno só veio a sabê-lo seis meses depois pela transcrição que o «Rio-Neves» fêz de uma nota a respeito, publicada pelo «Financial-News», de Londres... Houve o diabo. O povo se aborreceu e organizou um «quebra-quebra» contra os bens dos súditos de S. M.. Os jornais atiçaram a campanha e o nosso Congresso quase pegou fogo, tanto o ambiente se esquentou contra os inglêses. E tínhamos razão. Os usurpadores alegavam que a ilha estava abandonada e precisavam dela para estenderem uma longa rede de cabos submarinos até à Argentina... Na verdade, porém, o que objetivavam era, além da importância estratégica da ilha, apropriar-se dela para garantir a posse de um fabuloso tesouro roubado pelos piratas aos jesuítas da Catedral de Lima, no Peru, que, conforme a notícia que correu o mundo na ocasião, estava oculto sob o sopé de uma das montanhas. Graças a alguns ofícios do Govêrno Português, o Govêrno Britânico, em 1896, ordenou aos seus marinheiros que se retirassem. E os inglêses abandonaram Trindade tôda esburacada... Não foi atôa que, durante a guerra de 1914-1918, e a de agora, o Govêrno Brasileiro enviou destacamentos de Fuzileiros Navais para lá. Na movimentada história da pequena, mas tão cobiçada ilha de Trindade, há dois outros episódios dignos de registro: em 1817 o bergantim francês «Jeune Sophie» que conduzia a bordo o conde Amerval e sua família, juntamente com alguns amigos, em alegre cruzeiro oceânico rumo a uma ilha da França, localizada quase ao sul da África, afastando-se muito do rumo foi ter a Trindade. E com uma felicidade única: o navio incendiou-se em pleno mar, tendo o fogo principiado numa «farmácia preparada» que viajava clandestinamente a bordo, pois não passava de cachaça assim camouflada... O navio já navegava quase desarvorado, quando avistou Trindade. Encalharam-no numa das praias da ilha e em botes, o conde e sua família, amigos e tripulantes, foram para a terra. No dia seguinte o barco acabou de ser consumido pelo mar e o fogo. O conde, o comandante e 5 marinheiros, antevendo que sua família, 11 passageiros e 14 tripulantes, iam morrer à míngua naquela ilha, decidiram fazer uma empreitada heroica... Largaram-

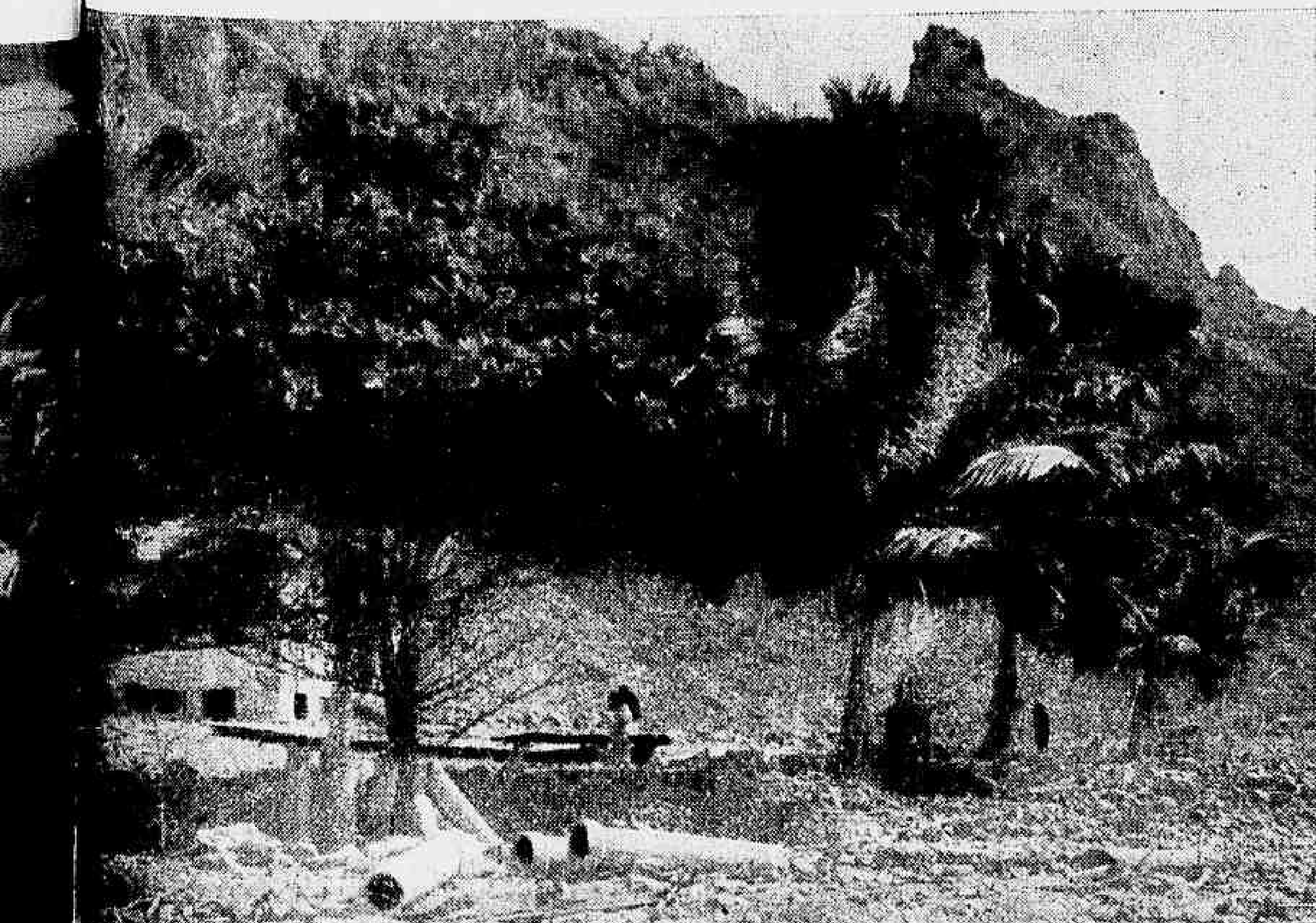


A SEDUÇÃO DA AVENTURA ou a oportunidade de fazer ciência levaram para Trindade muita gente que, doutra maneira, nunca teria pisado lá: srs. João Alberto, dr. Manuel Ferreira, dr. Paulo de Assis Ribeiro e o comte. Lins de Barros





PORCOS SELVAGENS foram mortos pelos expedicionários, entre êles um gigantesco, pesando mais de 200 quilos. As aves da ilha, porém, são mansas. Pode-se apanhá-las com a mão, e algumas delas chegam a pousar nos visitantes



OS COQUEIROS e a amendoeira na Praia dos Portuguêses, local de mais fácil acesso pelo mar, na Trindade, foram plantados pelos Fuzileiros Navais em 1942, quando ocupavam a ilha



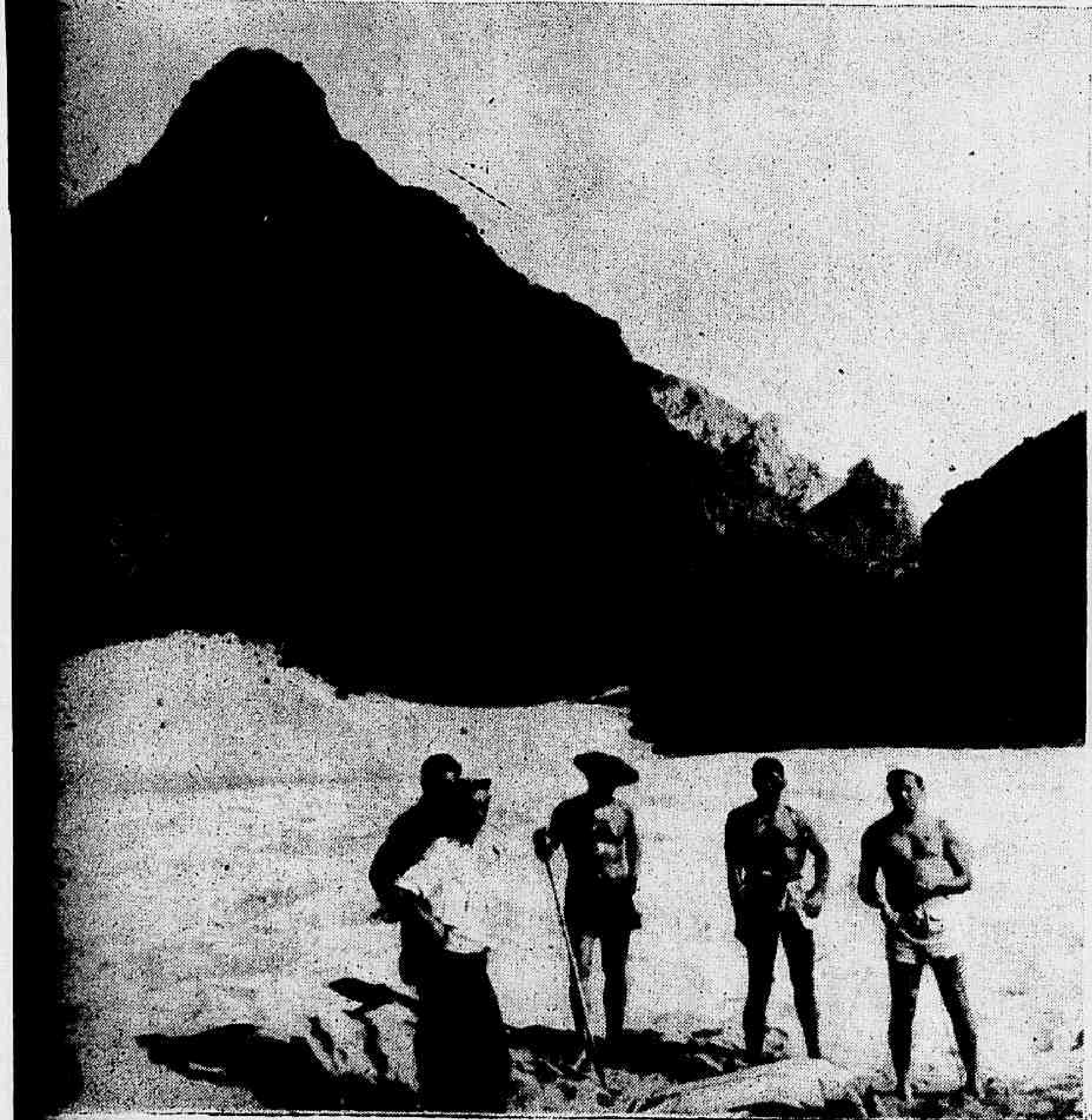
FORMANDO CONTRASTE com a paisagem vegetal da ilha, no cimo da montanha mais alta, o «Desejado», se estende uma floresta de árvores como esta, semelhante à laranjeira



A VIOLÊNCIA DO MAR, no dia seguinte ao da chegada da expedição arrebentou os cabos que prendiam a lancha a uma balsa de desembarque, arremessando-a contra as pedras



UM MOMENTO de descanço das longas e cansativas caminhadas pelas montanhas da Trindade. Não fôssem as trilhas dos cabritos, muitos pontos não poderiam ser atingidos



UM AREAL IMENSO, a bela Praia das Tartarugas, invade as encostas das montanhas, onde milhares daqueles anfíbios sobem, à noite, para desovar, enchendo a praia de buracos



A CIÊNCIA OCUPOU Trindade. Enquanto muitos, da expedição, foram levados pelo prazer da aventura, cientistas e técnicos, com a sua aparelhagem, vasculhavam tôda a ilha

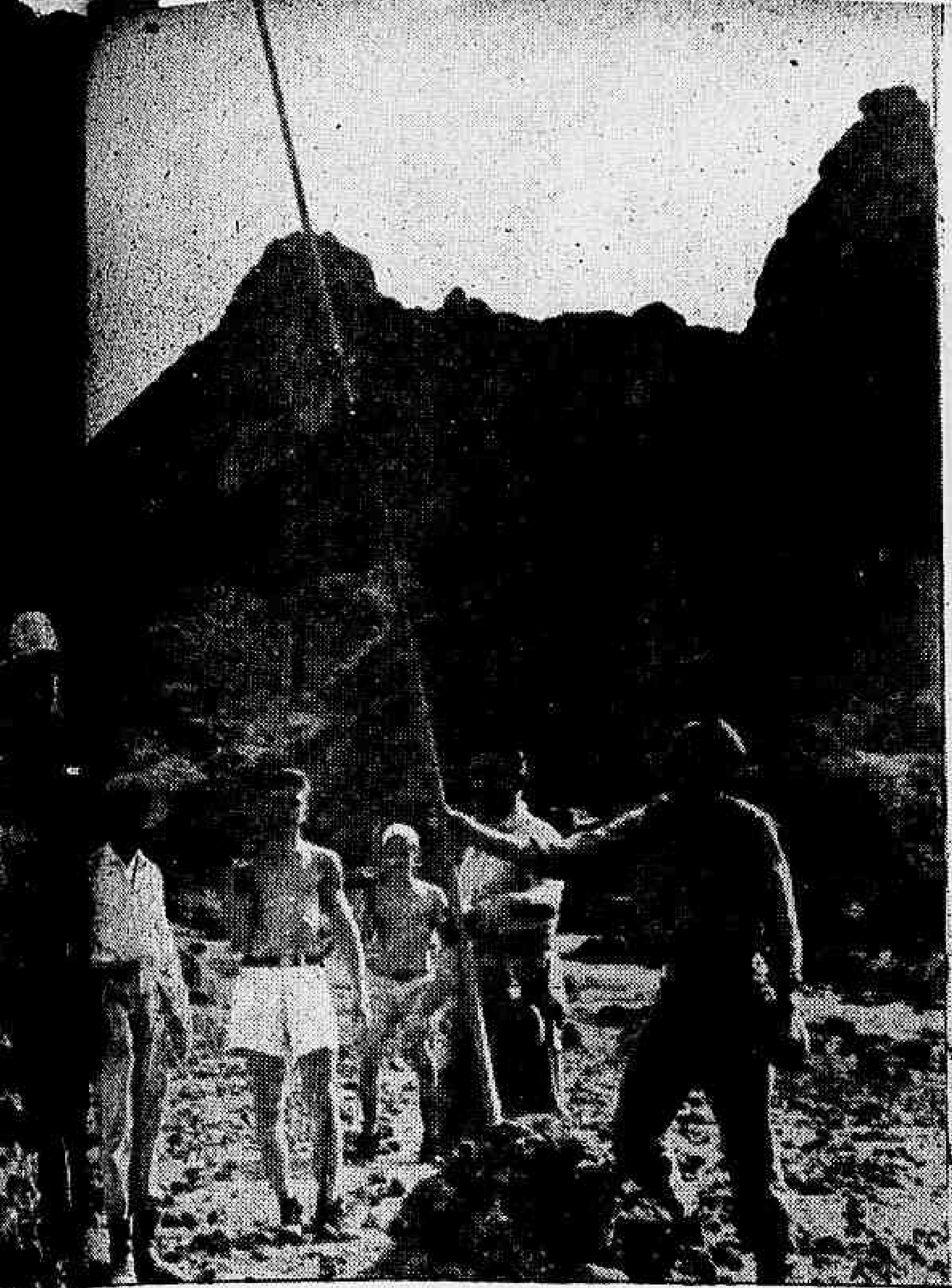
se num bote, oceano a dentro, rumo ao litoral brasileiro, orando a Deus que os acompanhasse naquela jornada maluca. E tiveram sorte: após alguns dias de viagem foram encontrados por um navio inglês que os levou para a Bahia, onde providenciaram a partida de outro navio, mandado pelo Govêrno Brasileiro, para salvar os que haviam ficado na ilha. Quando a escuna de guerra «Maria Emília» lá chegou, apenas um bilhete foi encontrado. Estava dentro de uma garrafa e dizia que na incerteza em que haviam ficado do bom ou mau sucesso da viagem do conde, êles (sua espôsa, amigos, etc.), haviam partido em outro navio que passara por lá com destino às Índias...

O outro fato prende-se à pachorra de um inglês residente nos Estados Unidos, o barão Harden Hickey, que em 1892 fêz ampla distribuição de prospectos pedindo voluntários para uma expedição à ilha de Trindade, onde iriam fundar nada menos que «um principado», à semelhança dêsses ainda existentes como o de Monaco, na fronteira da França com a Itália. Por falta de voluntários ou por que tenha mudado de idéia, o vaidoso aventureiro de sangue azul não realizou essa expedição. De qualquer forma, antes que, por ventura, a intentasse, o Govêrno Brasileiro fêz ver na ocasião que de forma alguma admitiria aquela intrusão. Quem teria pôsto essa idéia na cabeça do barão? Teria êle perdido o juizo? Saberia êle para onde ia? Essas e outras foram as conjecturas que se fizeram e ficaram sem resposta. Uma coisa, porém, ficou patente: o menosprêzo que ainda se fazia pela soberania brasileira sob a legendária ilha. Pode ela ser habitada? Essa é a pergunta que todos fazem ao se falar em Trindade. Pode, sim, não obstante a sua natureza agreste, o seu solo pedregoso, a extraordinária evaporação que rouba ao solo grande parte da umidade que as águas da chuva e de córregos lhes poderiam dar, e não obstante ainda os 1.400 quilômetros que a separam do litoral brasileiro. Aliás, tanto os portuguêses como os inglêses, êstes por ocasião das ocupações que fizeram da ilha, chegaram a povoá-la, com algumas famílias levadas para lá com êsse fim. Em 1797, após a expulsão dos inglêses mais de 200 pessoas havia em Trindade, entre elas cêrca de 100 marinheiros e soldados portuguêses. Os animais até hoje existentes na ilha foram levados remotamente para essas e outras tentativas de povoamento. O carneiro, por exemplo, lá foi introduzido em 1629 pelos portuguêses e bem assim o porco em 1791. Os cabritos teriam sido levados pelos inglêses. Desde princípios do século XIX, ao que parece, tem sido hábito mandar para lá os sentenciados militares, mas sem mulheres... Inclusive até, recentemente, durante o govêrno Bernardes, quando foram degredados para Trindade os civis e militares envolvidos em revoluções fracassadas, entre êles os atuais brigadeiro Eduardo Gomes e general Juarez Távora. Talvez devido à distância, as pequenas dimensões da ilha e seu solo ingrato, até agora, no entanto, fracassaram tôdas as tentativas de povoá-la. E também, nenhum govêrno até hoje ou nos tempos do Brasil colonial, levou essa tarefa a sério.

E agora? Diz o sr. João Alberto que levará a sua idéia para a frente.

— «Dentro de 5 anos, Trindade deverá ter dois mil habitantes».

Os técnicos apuraram que a ilha não se presta para a instalação de uma grande indústria de pesca, por ser o «plateau» que serve de viveiro aos peixes, muito pequeno



ENGENHEIROS e topógrafos procederam ao levantamento geográfico de Trindade. Subiram montanhas e morros para realizarem o trabalho, plantando bandeirolas como marcos



O TEODOLITO, enchergando longe, era outro bom companheiro dos cientistas que ali foram trabalhar. Trindade não mais será «a ilha misteriosa e abandonada do Atlântico»



NO ALTO DE UMA colina, em frente ao mar, fica o cemitério, repousam os restos mortais de oito soldados e marinheiros que faziam parte da guarnição durante a guerra



O CAPITÃO-TENENTE Maximiniano importunando uma pacata tartaruga no seu ninho de desova. Ficando acanhado, o bicho parou de pôr os ovos, mas já havia largado nada menos de 97, conforme averigüamos depois



UM BOM PASSEIO sôbre o casco de uma tartaruga. Sem se importar com o intruso que está em cima, ela procura calmamente o seu melhor ambiente, que é o mar, onde não há quem pretenda transformá-la em burro de carga...



APÓS A CONQUISTA DO PONTO mais alto da Trindade, o «Desejado», a 600 metros de altura, os membros da expedição fincaram lá uma bandeira, como marco para a orientação dos que, dentro em breve, irão habitar a ilha

(15 kms. quadrados), exceto para os peixes migratórios (baleia, cachalote, atum, etc.), que em dadas épocas do ano descem ou sobem o Atlântico em grande quantidade, e dos peixes da família do tubarão. Êsses peixes prestam-se para uma industrialização rendosa: produtos vitaminados, óleo, couro, gelatina, uma espécie de bacalhau, etc..

Desfeita, pois, a possibilidade do Rio ser abastecido com peixe dos mares que banham Trindade, apegou-se então o sr. João Alberto ao plano de transformá-la em um grande centro de turismo e base aero-naval. Vai ser pedida a conversão da ilha em território federal, semelhante ao arquipélago de Fernando de Noronha. Em Trindade não há campo para plantação de muita coisa; pode ser feito apenas o plantio de pequenos vales de feijão, milho, bananeiras, côco da Bahia, etc.. Tudo ou quase tudo terá que ser importado. Criação, poderá ser feita a de animais domésticos, estabulados, inclusive vacas, se fôr importada a forragem. O capim existente na ilha não presta para o gado. Segundo opina ainda o dr. Alberto de Carvalho Júnior, médico-veterinário que fêz parte da Expedição, quanto ao abastecimento de carne, leite e ovos aos futuros habitantes da ilha, só mesmo o produto vindo de fora ou mediante criação de espécies adequadas às condições locais de clima e à formação de pasto adequado. Poderá, por exemplo, ser importada a cabra de raça «nubiana», que vive bem na África, ótima produtora de leite. Não obstante essas deficiências e dificuldades, Trindade pode ser perfeitamente habitada e colonizada. O clima da ilha é excelente e está completamente livre das endemias que assolam o litoral brasileiro (malária, doença de chagas e outras) e nem apresenta condições que possibilitem o desenvolvimento dêsses males em larga escala. O clima é sêco, não há pântanos. Tratada pelas mãos da Engenharia e posta em comunicação rápida e constante com o Rio e outros portos do litoral do país, para garantia do abastecimento que lhe faltar, ela se tornará, com tôda a certeza, num ponto de grande atração turística. Pretende por isso o sr. João Alberto dotá-la de todo o confôrto moderno: campo de pouso, água encanada, «city», luz elétrica, telégrafo, cinemas, bons hotéis, piscina de água do mar, helicópteros para ascenção de pontos mais altos, drenagem das praias, escola, hospital, enfim, completa urbanização.

E além disso, o jôgo. Trindade poderá vir a ser uma segunda Monte Carlo. Com os seus panoramas deslumbrantes e o confôrto da civilização moderna, a legendária ilha se transformará num ponto de atração universal, para onde afluirão os espíritos românticos, os aventureiros, ou aquêles que quiserem gozar as férias num mundo diferente. E a imensidão desoladora do Atlântico a ninguém impedirá, porque os aviões, em quatro ou cinco horas de vôo, livrarão os turistas de três dias de viagem pelo mar. Trindade deixaria, assim, de ser a simplesmente famosa ilha brasileira perdida no Aceano Atlântico, a ilha das lendas e dos conflitos, do degrêdo, ou ainda a do fabuloso tesouro perdido pelos piratas.

E antes de entrarmos no assunto, que será objeto de nossa última reportagem sôbre essa empolgante viagem de ciência e aventura, indagamos:

— Será que o sr. João Alberto está sonhando?

Êle nos diz que não, e frisa:

— «O Brasil vai tomar a ilha de Trindade ao seu atual dono, o mar!»





AQUI ESTÃO dois curiosos flagrantes obtidos no camarim de Jean-Louis Barrault, no Municipal, por ocasião da sua recente temporada: o consagrado artista procede à «maquillage», fazendo o industrioso e cínico Dubois, o personagem mais característico de «Les Fausses Confidences», um de seus grandes êxitos. Nessa peça de Marivaux, Barrault foi sempre notável

BARRAULT 50°/. DO TEATRO E DO CINEMA

NA SUA OPINIÃO JEAN-PAUL SARTRE É "O MAIOR" ★ UMA ENTREVISTA AO SOM DA "CHIQUITA BACANA", NOS BASTIDORES DO TEATRO MUNICIPAL ★ DESTA VEZ NÃO FOI TEMPERAMENTAL

Reportagem de CARLOS TENORIO ★ Fotos de A. VIEIRA

A única indicação que possuiamos, ao penetrar o Municipal, era: — "Mercredi, a quelque heure, aprés-midi".

Na imensidão vazia da nossa primeira casa de espetáculos, que tanta vez vibrara em aplausos sinceros, é que sentimos a representação daquele silêncio austéro, sugestionável, a quem, àquela hora, se lhe atrevia atravessar. Eram duas horas pouco mais ou menos. Ensaiava-se, àquele dia, "Baptiste", a famosa pantomima. Entramos no palco, cheio de decorações e luzes. Jean-Louis Barrault não havia, ainda, chegado. A um canto alguns membros da companhia, entre os quais Simone Valère e Granval, entoavam, entre beijos sonóros e amigáveis, a "Chiquita Bacana". Daí a instantes iniciava-se o ensaio com Barrault, já em cêna, dirigindo-o.

Sentamo-nos, então, numa das poltronas da segunda fila. Anteviamos que não seria possível, naquele dia, a entrevista, com antecedência marcada. Mas, em compensação, pudemos apreciar tôda atividade e



JACQUES GALLAND, com o tipo que desempenha em «Les Fausses Confidences» (Le Valet), traz a Barrault o roteiro da entrada dos artistas, que submete à sua aprovação

dinamismo daquele ator e ensaiador, e conversar com Jean Desailly.

Barrault é, em realidade, um profundo conhecedor dos mistérios da Ribalta. Seus efeitos psicológicos na platéia, sua preferência por André Gide para adaptador das peças que representa, e na seleção que faz com diversos autores, bem demonstram aquilo que julgamos. E' de uma movimentação nervosa, quando ensaia, pulando, alternadamente, do palco para a platéia, estudando os efeitos de luzes, de cenários, e de sonoplastia.

Terminado o ensaio — onde são êle e Pierre Granval dois pontos altos da pantomima — procuramo-lo por trás dos bastidores. Barrault estava suado, de mãos sujas e agitadíssimo. Só lhe pedimos que remarcasse a entrevista. Designou-a para domingo, na "matinée", em espetáculo gratis aos estudantes universitários. E é desta que trataremos.

No domingo encontramos o senhor Jean-Louis, já em seu camarim, caracterizando-se para a representa-

ção da peça "Les Fausses Confidences". Acercamo-nos, pedimos a concessão de umas chapas e de um inquérito. Atendeu-nos e iniciamos o trabalho.

A princípio interessava-nos a preferência do povo francês: cinema ou teatro? Formulamos a pergunta. Barrault prosseguindo em sua "maquillage" respondeu:

— E' difícil definir a preferência do povo nessas duas modalidades de arte. Creio que elas se equivalem no gôsto do público. O teatro tem a preferência como o mais artístico. Mas, não se póde negar que o cinema tem mais público, o grande público — e nessa opinião são acórdes Barrault e Dessailly.

— E entre os dois — continuamos — a qual prefere como arte, requerendo maiores dotes artísticos do ator?

— O teatro... e o cinema também — tergiversou Jean-Louis.

— E na sua opinião, qual a principal corrente doutrinária, filosófica, que tem influido, hoje em dia, no teatro francês?

— No sentido real da palavra não há, pròpriamente, uma corrente filosófica exercendo influência no teatro francês. Mas, não se negam dois autores, e, em conseqüência, duas teorias. São êles — que a nosso ver sabem profundamente estranhos pelo paradoxo que estabelecem suas concepções filosóficas — Gabriel Marcel (cristão) e Jean-Paul Sartre com seu existencialismo.

A êsse tempo, Jean-Louis Barrault terminava sua "maquilage" — fazendo-se o cupido Dubois de "As confidências falsas" — e ocorreu-nos nova pergunta ante a sugestiva resposta.

— Como a França, tradicionalmente tão religiosa, recebe as obras de Sartre?

— Bem.

Essa evaziva fez-nos lembrar uma outra, mais positiva que nos dera, dias antes, Dessailly, quando inquirido sôbre o mesmo ponto.

— A França independente de ser, em verdade, religiosa, recebe perfeitamente bem as obras de Sartre. Não se faz assim uma forte oposição ao Existencialismo, considerado uma atividade intelectual. O povo francês é bastante inteligente, e faz da obra de Sartre e do sentimento religioso uma perfeita distinção.

Prosseguimos em nossa palestra interessados nos autores mais populares em França, os quais considera Barrault: "Sartre — em primeiro plano — Bousset, Claudel e alguns outros".

Sentiamos que o término da entrevista se aproximava e ainda queriamos saber de Barrault a peça que mais gostava de representar e seu conhecimento com Madeleine Renaud, como se déra. Conseguimos fazê-las e delas obter as respostas. Barrault gosta, entre outras, da pantomima "Baptiste" e da peça de Marivaux "Les fausses confidences". Conhecêra sua atual esposa há quinze anos, e, ao que sabemos, reencontraram-se durante a filmagem de "Hélène" em que Madeleine Renaud trabalhava. Só após casados é que Jean-Louis ingressou na Comédie Française.

Barrault reparte seu tempo de trabalho entre cinema e teatro, normalmente, alternadamente.

Seu último filme é "La Ronde" de Max Ophiéls.



PRONTO PARA iniciar o espetáculo, Barrault dá os últimos retoques no material

LUZ E SOMBRA

Novela de G. GASTÃO BUSSAMÁRA

ZÉ-BÔBO, quer casar comigo? — a voz feminina era risonha. As moças levantaram os olhos das costuras e fitaram, curiosas, o gigante que se detera à porta.

Zé-Bôbo limpou desajeitadamente a bôca com o braço do paletó rasgado e seus olhinhos espremeram-se, num sorriso acanhado.

Alice, irrequieta, começou a palrar, como sempre. Mexia com o mulambo e êste ficava prêso ao fascínio que vinha daquela figurinha graciosa. As outras riam. Depois, mais tarde, Zé-Bôbo ia embora devagarinho, gingando a esmo pelas ruas. Uma ou outra pessoa mandava-o rachar lenha no quintal e o presenteava com um prato de comida. Todos conheciam Zé-Bôbo na cidade pequena.

— Zé-Bôbo, quer casar comigo? Zé-Bôbo, quer casar comigo? Zé-Bôbo, quer casar comigo?

Êsse estribilho por fim soou natural aos ouvidos broncos do mazorro e êle ficava como um cachorrinho obediente tôda vez que via Alice. Esta sabia dominar o gigante com a fôrça da sua graça. E sendo mudo, o homem estampava nos olhos e nos gestos um contentamento infantil de animal acariciado.

— Alice — diziam as amigas — por que judia tanto dêsse pobre diabo?

— Brincadeira...

— Não tem mêdo dêle?

— Qual! Vocês não vêem como êle me obedece direitinho? Zé-Bôbo, vá buscar cinco carretéis de linha no bazar de seu Elias — a moça entregava-lhe o bilhetinho, mais o dinheiro, e o mulambo saía trotando satisfeito. Zé-Bôbo, vá cuidar da vida — e o homem lá ia, servil, vaguear à porta dos bares.

Zé-Bôbo morava numa tapera perto do cemitério, sòzinho. Arrumava o seu foguinho de gravetos tôdas as noites. Vivia dentro do seu mundo. Um mundo pequenino, constituído pela tapera onde dormia, pela voz grossa de seu Manuel, dono do empório onde êle prestava maior soma de servicinhos e pelos sinos da igreja. Seu sonho, desde que vira, certa vez, o sacristão badalar a Ave-Maria, era subir lá em cima e apalpar os sinos. Sòmente apalpar. E quando o pedreiro Netinho subiu na tôrre para reformar umas telhas trincadas, Zé-Bôbo seguiu atrás dêle e pôde realizar o seu desejo.

Agora, a imagem de Alice enchia a tapera, nas noites frias e escuras, dominava e até fizera com que esquecesse o contacto duro e frio dos misteriosos sinos. Alice tomava todos os limites do seu pequenino mundo.

★

Edmundo, o novo inquilino da pensão fronteira, permanecia mais tempo na janela, às tardes, e as moças ficaram como passarinhos quando dão com arrozal. Chilreavam o dia todo na saleta de costura, à espera do moço moreno com ar sonhador.

— Êle veio de São Paulo. Dona Estér me disse. Trabalha no banco e é solteiro. — a mais feia, que sabia não poder competir, falava sem recalques.

Heleninha, a loura, inclinava a cabeça sôbre a costura, mas não podia esconder o ciúme antecipado de Alice, pois esta era sempre a mais bonita.

— Não me interessa — caçoou Alice, numa risada. — E' um bom partido para Heleninha. Ela gosta dos morenos.

Heleninha corou.

— Olhe que você fica para titia. — Augusta, a mais velha, punha seriedade na voz.

— Não tem importância. O meu príncipe ainda não chegou...

Heleninha falou sem sentir:

— O príncipe dela está aí.

Tôdas voltaram os olhos para a janela da pensão mas quem se postara à porta fôra Zé-Bôbo.

Pela primeira vez, Alice tratou Zé-Bôbo com aspereza e êste foi saindo como cachorro que tomou coça. Penetrou na quitanda de d. Martinha e permaneceu num canto, zanzando. Deram-lhe algumas frutas mas aquilo ficou na sua mão, esquecido do lugar, da fome e de si mesmo.

— Zé, chegue até em casa pra consertar o portãozinho da horta — o vigário o chamara, da rua. — Diabo de cabras, arrebentam tôdas as cêrcas que encontram. O prefeito devia tomar uma providência, ora! — e lá se foi o gordo pároco.

★

— Que cabeleira negra que o Edmundo tem! Aposto como gasta um tempão danado, tôda manhã, para empastar o troço... — comentou Augusta, despeitada.

— Mas pelo menos tem cabelo. Vocês se lembram do Otavinho, noivo da Judite? Coitado, está ficando careca.

Houve um estacato na conversa. Soavam, na calçada fronteira, passos conhecidos de todos aquêles corações. Olharam. Era Edmundo que entrava, calmo e fleugmático como sempre, na pensão de D. Estér.

— Uai, hoje êle veio mais cedo...

— Quem sabe está doente?

— Por que será que êle anda sempre triste?

— Vai ver que teve algum amor infeliz...

— Judiação! Tão simpático...

— Tontas! — Augusta sorriu o sorriso forçado da infelicidade.

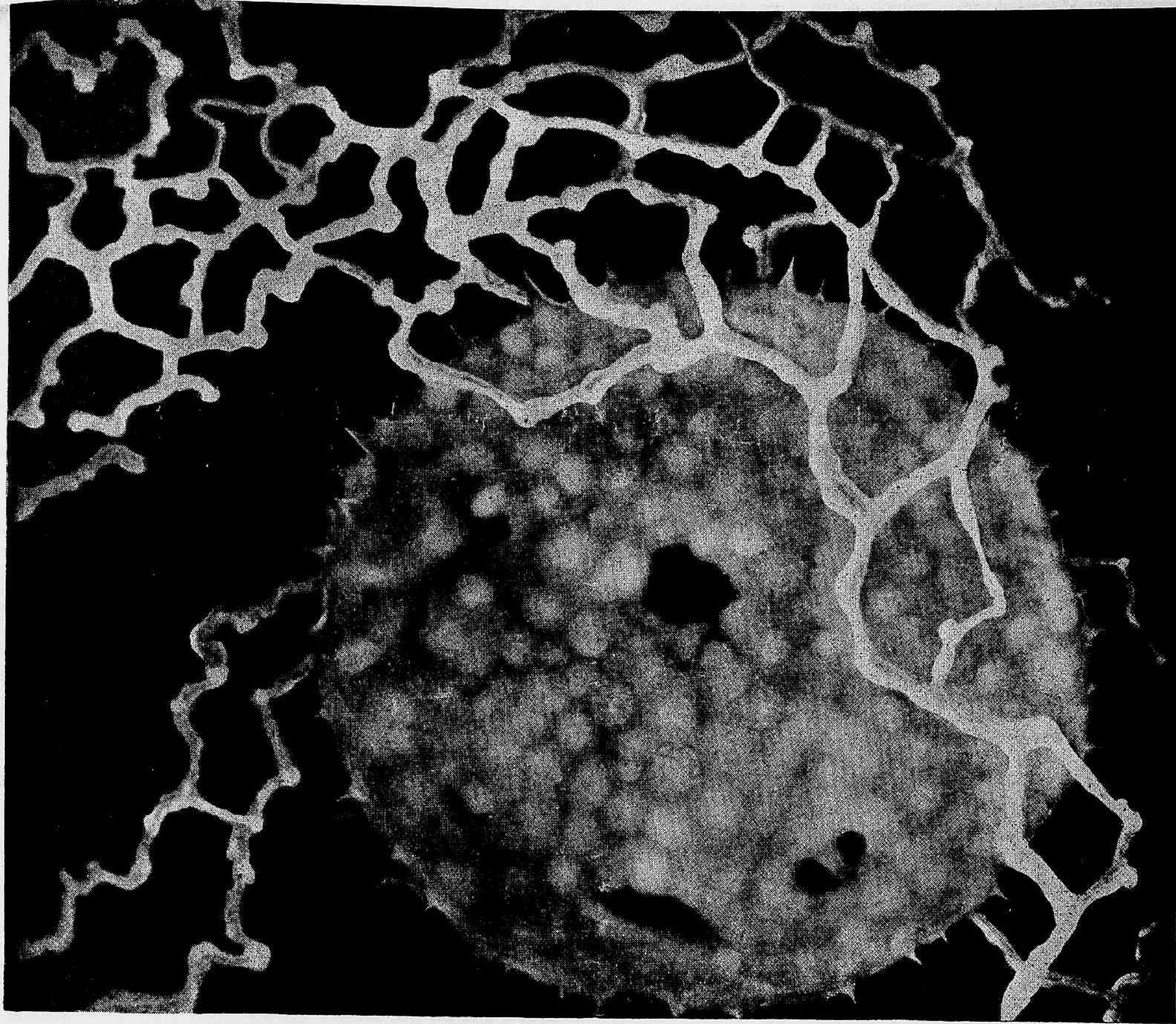
★

Feliz sentia-se o padre português quando tratava com carinho a terra fôfa e gordurosa da sua pequena horta. A enxada rebrilhava ao sol pálido, antes de afundar-se na terra negra e morna. Até cantava baixinho, nesses momentos, quando não monologava com os brotos que despontavam, acariciando-os, ou despetalando com prática as possíveis fôlhas queimadas dos pés de alfaces e repolhos. Agora tinha Zé-Bôbo ali, próximo, tentando arranjar o portãozinho. O padre descansou a enxada, olhou o céu e por fim acocorou-se, detendo-se longos minutos a fitar o outro, enquanto seus dedos gordos afundavam-se na terra mole e pegajosa, em enternecida volúpia. Aquêle contacto fazia-lhe bem. Pôsse a falar da sua terra, do seu Portugal, da sua província. As festas da vinha, o colorido dos trajes, os costumes diferentes, a avó quitandeira, o Senhor fidalgo do Castelo próximo, a pontezinha florida da estrada principal e a árvore genealógica dos seus antepassados que trabalharam no Castelo.

— Sempre convivemos com os nobres. Por isso nossa gente foi se amaneirando e ganhando essa distinção que todos reconhecem nos Pinheiros. Se ficasse em minha terra, talvez chegasse a ser Cardeal. Mas o desejo de servir o Senhor em humildade trouxe-me às terras do Brasil — o padre extraiu um vasto lenço do bôlso e enxugou uma baga de suor que teimava em deslizar-lhe pelo ôlho esquerdo. Recolheu-se, emocionado. Em seguida, num suspiro que denunciava velha queixa: — Ah! meu Portugalzinho querido! Tornarei a pisar o teu chão de estradas limpas e carretas enfeitadas? Deitarei outra vez o meu olhar nos longos vinhedos das tuas colinas alegres e meus olhos ainda pode-

(*Cont. na pág.* 46)





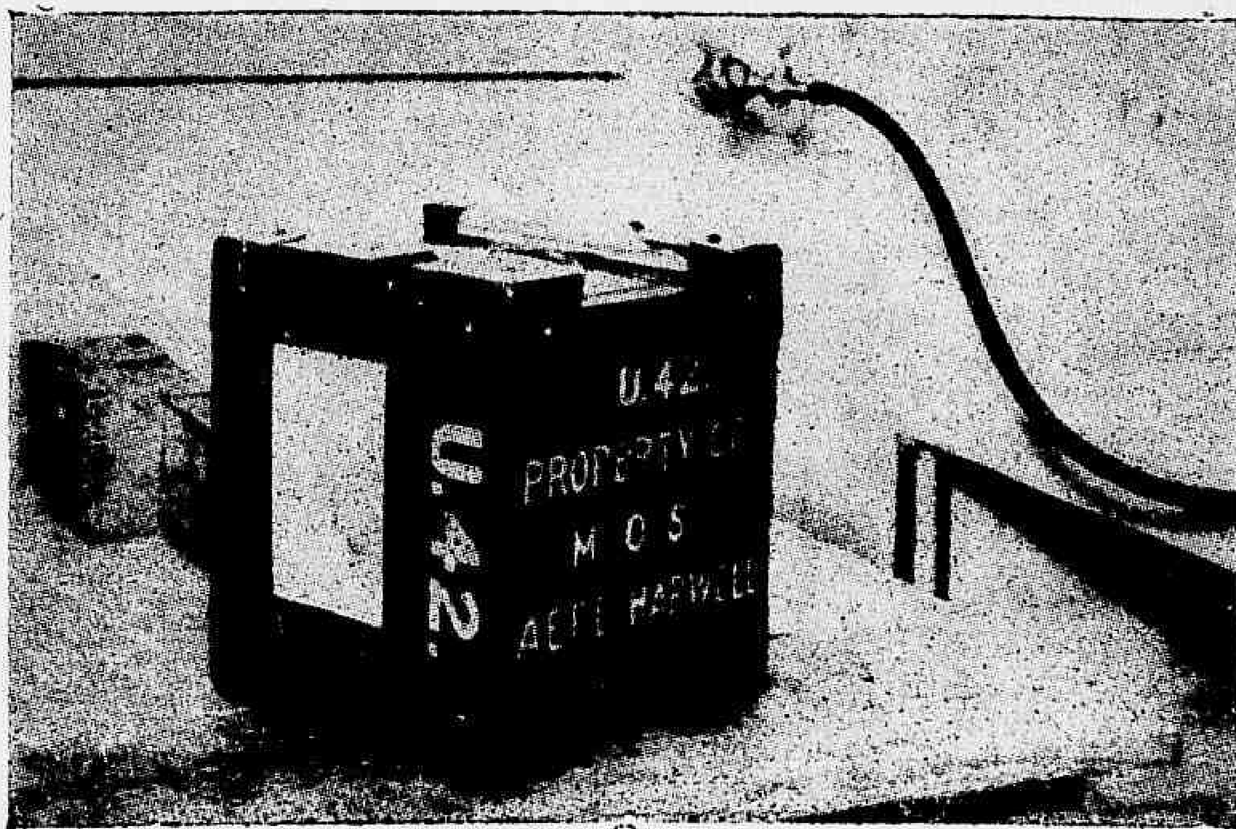
SERÁ ESSA a estrutura da célula do câncer? Talvez. Os cientistas pesquisam continuamente para descobrir o grande segrêdo que a natureza ainda encerra a respeito do terrível mal

GÔTAS DE ATÔMICAS PARA A CURA DO CÂNCER

DESCENDO NO MALPENSA O AVIÃO TROUXE PARA O "CENTRO TUMORI", DE BUSTO ARSIZIO, UMA EMPÔLA FECHADA EM TRÊS CAIXAS DE CHUMBO ★ NO INTERIOR HÁ APENAS DUAS GOTAS, DESCENDENTES DIRETAS DA BOMBA ATÔMICA

Por GIULIANO FERRIERI

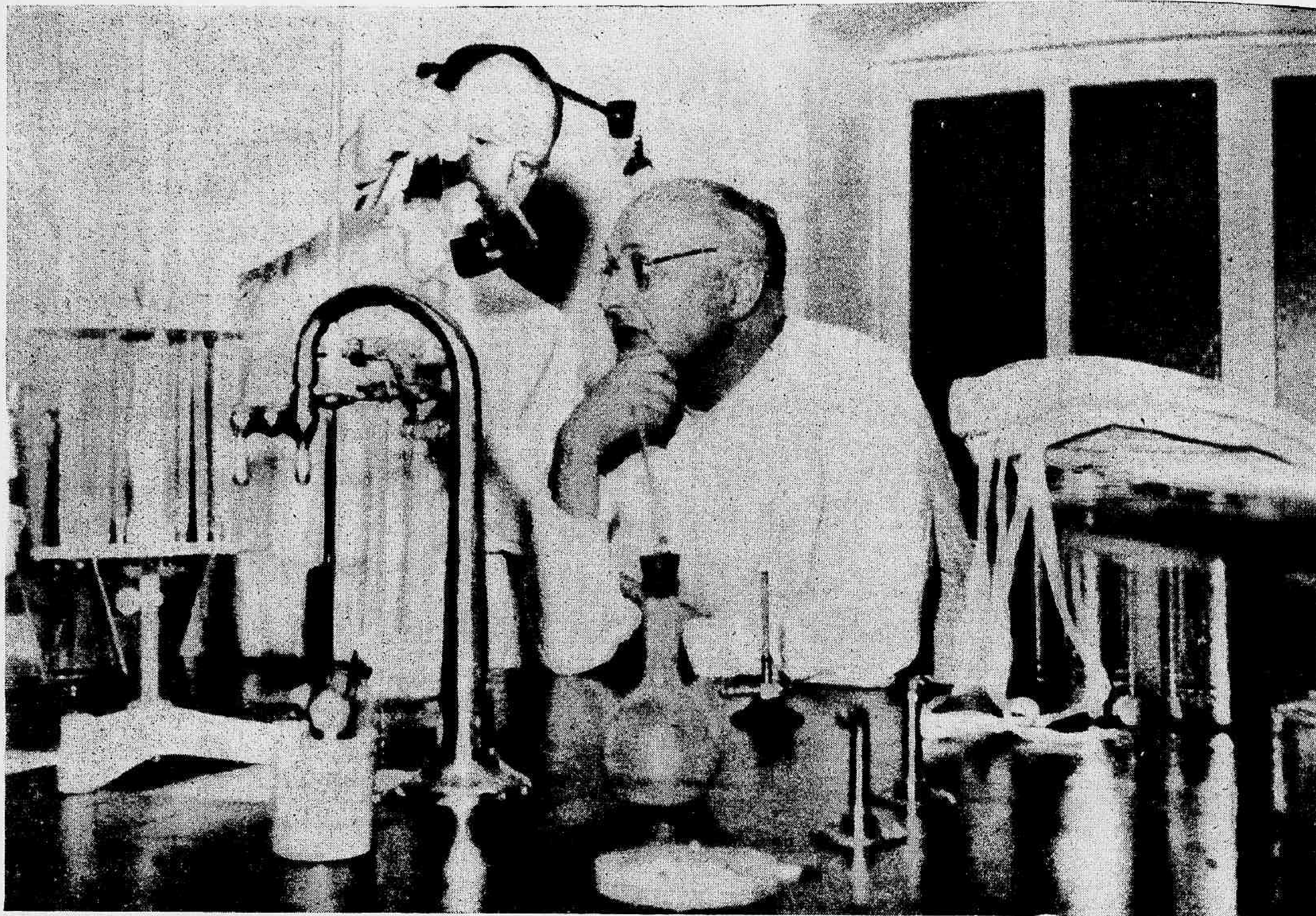
ASSIM COMO nos brinquedos das crianças, vemos, no aposento mais isolado do laboratório, antes uma defesa de tijolos de chumbo, atrás dos quais há uma caixa dentro da qual há outra que contém um maciço cilindrico de chumbo: finalmente — levantados os sete véus — as mãos do cientista seguram uma frágil e pálida empôla em que se vêem duas gôtas que parecem de água. Mas, por serem aparentadas com a bomba-atômica, explicam-se os cuidados que lhes são dedicados e os que contra elas os homens tomam. Nasceram em Harwell, na Inglaterra, por trás dos arames farpados da "Cidadela do segrêdo", da mesma pilha atômica em que se experimentaram as irradiações que mataram oitenta mil pessoas em Hiroshima e setenta mil em Nagasaki. Há cinco anos não fazemos outra coisa senão falar em "morte atômica". E' emocionante, portanto, poder falar da "vida" que o átomo pode restitui.



ESSA É A FOTO da primeira pequeníssima partícula de «atômicas» que chegou na Itália. Porém é uma atômica que dá vida, ao contrário das usadas na guerra. Na caixa forrada de chumbo, há duas gotas de isótopos radioativos (iodine 131), para o diagnóstico do câncer

Não fazemos milagres ainda, é natural, mas com a primeira entrega de "isótopos radioativas", cheagdos na Itália de Harwell e que agora semanalmente os aviões que descem no aeroporto de Malpensa fornecerão ao "Centro Tumori" de Busto Arsizio, um dos mais modernos e bem aparelhados da Europa, foi dado com tôda certeza um grande passo para a determinação e talvez para a cura da principal doença do nosso século, o câncer.

Uma dose infinitesimal das duas gôtas que parecem água (e são iôdo radioativado, "jodine 131"), diluida num liquido, é administrada ao paciente e penetra no corpo humano. Devido ao fato de muitas células cancerosas serem gulosas de iôdo, particularmente as da tiróide, as pequenas quantidades de iôdo do nosso corpo deslocam-se atraídas pelos tecidos cancerosos e naturalmente junto vão também os átomos radioativos da pilha de Harwell. Seguem caminho rapidíssimas e após três ou quatro



O DR. GIOCONDO PROTTI (à esquerda), diretor dos laboratórios do «Centro Tumori» de Busto Arsizio, um dos mais importantes da Europa, quando examinava os resultados de uma análise. Perto dele, o dr. Ferri, outro dos cientistas em atividade no agrupamento de pesquisas contra o que é considerado um dos maiores flagelos da humanidade: — o carcinoma



MADALENA B. em observação no hospital de Busto devido a uma forma evidente de bocio; Nela foram experimentados pela primeira vez os isótopos radioativos que permitiram um reconhecimento só assim possível, acêrca da natureza de uma massa tumoral mediastínica



NO CENTRO há várias criações de ratos e cobaias para as experiências. Em troca dos martírios a que são submetidos, em prol da ciência, êsses animais gozam de relativa serenidade. Vivem em gaiolas arejadas e ganham, diàriamente uma maçã e um pedaço de pão

horas chegam ao destino. O paciente é então submetido às medições de especiais e modernos aparelhos — os tubos de Geiger-Mulleh — que revelam com tôda segurança, numa escala luminosa, onde os isótopos se localizaram. O médico sabe qual a dose de radioatividade que introduziu no corpo do paciente, e lentamente "percorre" o doente com os delicadissimos aparelhos até que tenha individuado com a máxima rigorosidade todos os isótopos e estudado seus agrupamentos no interior do corpo humano. Acúmulos de isótopos radioativos podem revelar massas tumorais, inclusive puntiformes, de modo tanto mais seguro quanto mais alto é o indice de concentração "in loco" dos mesmos isótopos."

"O doente de distúrbios gástricos — dizia um grande estudioso de tumores, Somerwell — não precisa de mingaus e sim de massa de bário". Em outras palavras, não precisa de tratamentos delicados e ilusórios, e sim de submeter-se com tôda urgência à radiografia, que poderia revelar a existência de um proceso canceroso. Após o resultado da chapa, quanto antes será efetuada a operação, tanto melhor para o doente. De resto, um ponto fàcilmente extirpável — isto é, no início da doença, quando o câncer tenha no máximo o tamanho de uma lentilha — é dificilmente identificado na chapa pelos radiólogos. Eis a razão da indicação de isótopos radioativos na existência de um processo canceroso, permitindo o "diagnóstico precoce" que é por experiência, a arma mais valiosa para vencer um mal tão pouco conhecido. Não sabemos se provém de um virus, ou se é hereditário, nem como e porque se manifesta improvisadamente no homem. As estatisticas ensinam que relação entre as intervenções precoces e as atrasadas é muito variada e está entre os limites da recuperabilidade do doente e a sua morte certa. Para o câncer dos lábios, o menos grave, o diagnóstico precoce permite salvar noventa doentes em cem, enquanto a intervenção atrasada limita a quinze os casos de cura. Também nos casos de câncer no intestino — os mais graves — que matam 97 em cem casos, a intervenção precoce pode reduzir a 63 os desenlaces fatais. Nunca antes de hoje a humanidade pôde dispor de estatisticas tão precisas como as do câncer, que nos últimos trinta anos aumentou para 300% a sua colheita de vidas humanas. Assim como a função forma o órgão, a mortalidade forma as estatisticas. Dizem essas que na Itália o câncer mata em cada hora cinco pessoas e que pulou, em poucos decênios, do quinto para o segundo lugar na classificação das causas da mortalidade. A morte por tuberculose, terror de duas gerações atrás, foi obrigada a descer dentro de seus limites (3,5%) quatro vêzes inferior aos do câncer (14%). Êste é precedido sòmente pelas doenças de coração, que causam 33% das mortes. Contudo, os especialistas em estatisticas são os primeiros a declarar que a diferença entre a mortalidade por câncer e por doenças cardiacas é, na realidade ainda menor do que parece. Isto porque — mesmo não querendo afirmar lapalissianamente que todos morremos por uma parada do coração — não há dúvida que na voz "mortalidade por distúrbios cardiacos" se escondem frequentemente muitos predestinados a morrer

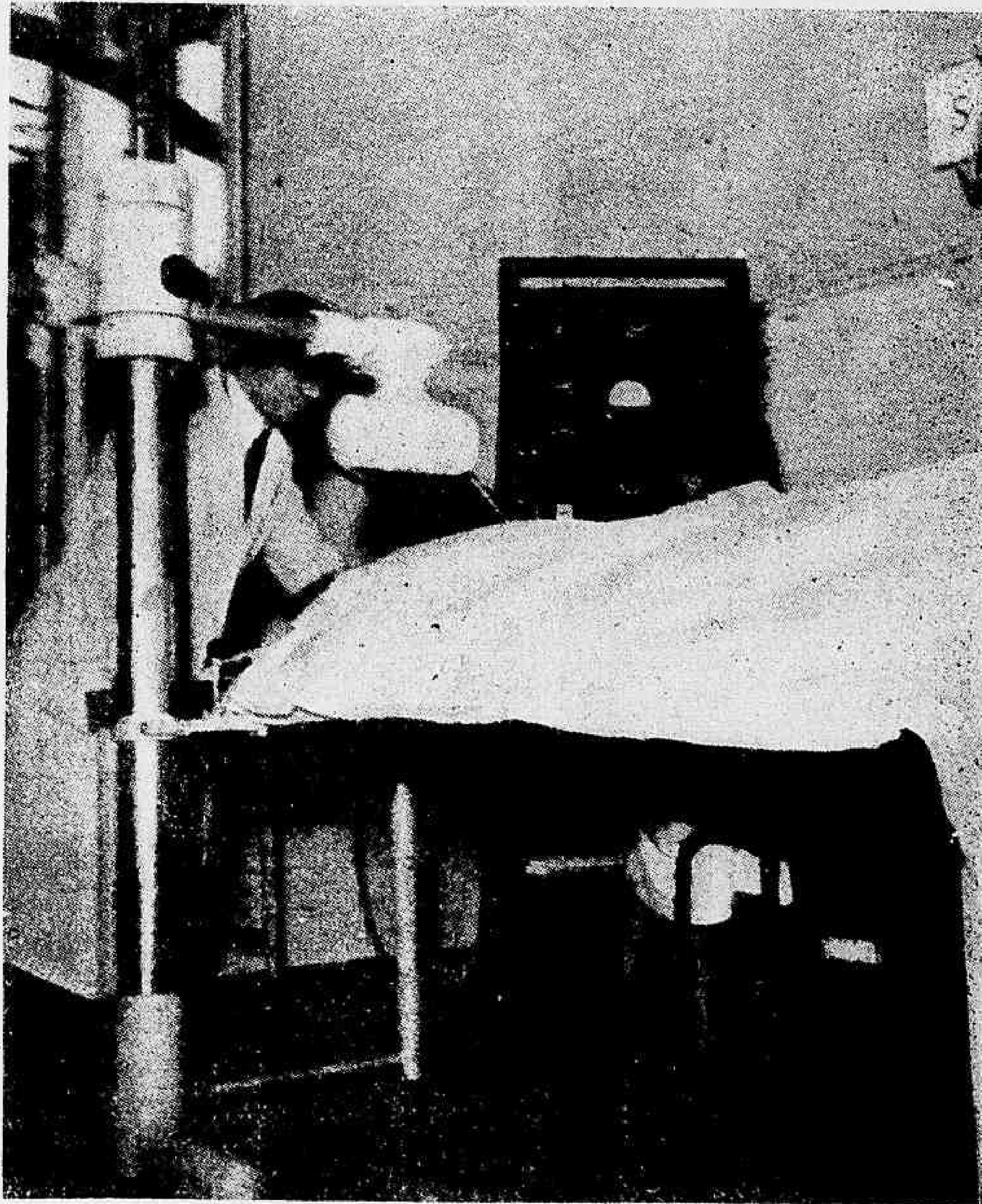


PELO CAMINHO indicado através do diagnóstico, agora possível graças aos isótopos radioativos, o cirurgião afunda o bisturi no corpo do doente. Na foto as mãos do prof. Solaro, primeiro cirurgião e diretor geral do Centro Tumori, de Bosto Arsizio, durante uma intervenção para a extirpação de um tumor. A intervenção só dá resultado quando efetuada a tempo

de câncer, e seja como fôr, são ai agrupadas causas de morte entre as mais vagas e genéricas.

Com o diagnóstico precoce facilitado pelos isótopos radiotivos, não é ilógico esperar que na Itália também se conseguirá quebrar os circulos viciosos dentro dos quais se limita cegamente o problema para reduzir os perigos do câncer. Quando o câncer é claramente visivel na chapa, nem sempre a intervenção tem resultados positivos, enquanto a teria aquêle que ainda escapa à chapa radiográfica. Poderia se alarmar o doente na fase em que o câncer é curável, isto é, em que ainda não dá sintomas abertamente, e não quando há sintomas bem definidos. Um especialista num recente congresso afirmou que os sintomas clássicos citados pelos manuais são, na realidade, não sintomas de câncer e sim de "próxima morte por câncer". A observação é macabra, e em substância afirma que o doente tem "dores, vômitos, hemorragias visiveis, tumores palpáveis e caquexia" (para reproduzir a terminologia de rito) já está predestinado a morrer de câncer. E' preciso combater a doença na fase em que ainda não dá outros sintomas a não ser falta da apetite, perda de pêso e fastio no estômago. E' de notar que os próprios médicos percebem de ser portadores de câncer com o atrazo de que acusam seus doentes. Nos 41 médicos internados por carcinoma na Clinica Mayo, especializada em recolher os médicos, a percentagem de inoperabilidade devida ao diagnóstico atrazado, é igual à existente entre os doentes comuns. O próprio Mikulioz, um dos fundadores da cirurgia abdominal, que transcorreu sua vida a diagnosticar casos de câncer, morreu na mesa de operações por causa de um tumor já inoperável. Quando o avião da Malpensa tiver intensificado o transporte de caixas de chumbo, o "Centro Tumori" estará em grau de usar os isótopos radioativos não só no diagnóstico, mas também na cura do câncer, que precisa de "jodine 131" em doses maiores. Também para isso os isótopos terão nova atuação; de fato superam êles a eficácia das curas precedentes à base de radium, especialmente porque irão reduzir os perigos que acompanhavam essas curas até o presente. O radium usado do lado externo da parte doente, como consequência, "bombardeava" e matava não só as células cancerosas como frequentemente as células sãs dos tecidos circunstantes; introduzido no corpo por via interna, teria levado a inconvenientes ainda mais graves, devido à quase "eternidade" de suas descargas radioativas.

Os isótopos (que tem entre outras, à diferença do radium, a caracteristica de exaurir a própria fôrça radioativa após determinado tempo) permitem desviar ambos os inconveniêntes: introduzidos no corpo, localizam-se sem dano algum no lugar onde os tecidos cancerosos ávidos de iódo os atraem, e depois de alguns dias perdem gradativamente o poder, de maneira a apagar-se — uma vez graduada a quantidade — no mesmo tempo gasto pelas células cancerosas doentes para paralisar-se. Isso, sem contar a legitima satisfação, para o homem, de engolir a atômica em gôtas.



EIS OS DELICADISSIMOS aparelhos de Geiger-Muller para medição da radioatividade dos isótopos chegados dos estabelecimentos dirigidos por Juliot Curie, em Paris, a quem é dedicada a sala acima, como reconhecimento pelo seu tributo à ciência na luta contra o câncer

O TERREMOTO QUE DESTRUIU CUZCO

NÃO EXISTE MAIS A CIDADE SAGRADA

A TERRA TREMEU PELO ESPAÇO DE QUATRO A SEIS SEGUNDOS ★ DAS 4.800 CASAS DA CIDADE SOMENTE 10 ESTÃO DE PÉ ★ 48 HORAS SEM LUZ, SEM COMUNICAÇÃO E SEM ÁGUA ★ CENAS DE DOR E DESESPÊRO EM MEIO À PASSEATA DA IMAGEM DO SENHOR DOS TREMORES ★ O NÚMERO DE VÍTIMAS É PEQUENO ★ A POPULAÇÃO DORME NOS CAMPOS E NAS FRAÇAS ★ A RÁDIO CUZCO, ÚNICO MEIO DE COMUNICAÇÃO

ESTA POBRE ÍNDIA perdeu os pais e irmãos no terremoto. Sua expressão de dor traduz o desespêro dessa hora

Reportagem de ALBERTO CONRADO

CIDADE DE CUZCO, junho — Precisamente às treze horas e quarenta e cinco minutos do dia 21 de maio, Cuzco, a capital arqueológica da América, foi destruida pelo mais violento movimento sísmico de que têm memória seus habitantes.

Todos os bairros da cidade sofreram danos materiais, quase não havendo uma casa intacta. O número de vítimas até o dia 25 era de 65 mortos e 200 feridos,, estando ainda se removendo os escombros, onde se calcula haja mais cadáveres. O terremoto produziu-se quando mais de 15.000 pessoas se reuniam no estádio para presenciar uma partida de futebol, competição que, como se sabe, se realiza ao ar livre, devendo-se a esta circunstância não ter a catástrofe assumido maiores proporções, o que não se verificaria se se produzisse à noite, quando a população estivesse dormindo. No dia fatídico quase todos tinham ido ao jogo ou a passeios pelas cercanias da cidade. O fato causou profunda impressão em todo o mundo, como se pode verificar pela chegada e oferecimentos de auxílios e donativos provenientes da Espanha, Estados Unidos, Argentina, Panamá, Bolívia, Equador, Chile, França e outros países.

Pelos seus incalculáveis tesouros e recordações históricas,. que lhe valeram ser chamada a Capital Arqueológica da América, o terremoto de Cuzco assume o caráter de uma verdadeira tragédia americana.

IMPRESSÕES QUE FICAM PARA SEMPRE

Partindo de Lima, sete horas após o terremoto, num avião militar, onde só conseguimos permissão para embarcar



FOI UMA CATÁSTROFE cujos conseqüências à distância não podem ser imaginadas. Veja-se como ficou a igreja de Belém, sèriamente danificada principalmente na ala direita



ERA A IGREJA de S. Sebastião, um templo de gratas evocações e com alto merecimento artístico. Depois do sísmico, ficou reduzida a escombros dos quais a gravura dá uma idéia



NA AVENIDA DO SUL (em cima), restos de construções seguros como um castelo de cartas. Na Praça de Armas (em baixo), a população procurando refúgio, pois a ameaça de novos desmoronamentos continua



pela simpática intervenção da nossa embaixada, chegamos a Cuzco aproximadamente à uma hora da madrugada do dia seguinte. O campo de aviação estava bastante danificado e o aparelho que nos transportou, juntamente com os enfermeiros e médicos que da capital se ofereceram para os primeiros socorros, sòmente conseguiu aterrissar depois de meia hora de reconhecimento do terreno, voando por cima da cidade sem luz que, com os milhares de archotes, parecia do alto um quadro da idade média. Tem que se ter muito cuidado para percorrer a cidade, pois quase todos os edifícios e casas que não caíram estão na iminência de assim acontecer. Muitas casas tem-se derrubado parcialmente, apresentando um grande perigo para a população.

Torna-se difícil imaginar como um movimento sísmico, com apenas a duração de quatro ou seis segundos, possa haver causado tanta destruição. O Templo de Santo Domingo, um dos principais motivos de atração turística, está totalmente em ruínas. Sua cúpula, artisticamente decorada, caiu e mesmo sua estrutura oferece sérios perigos.

O Templo de Belém, outra jóia arquitetônica, encontra-se em igual estado, mostrando em sua fachada a total destruição de suas famosas tôrres; o da Companhia, relíquia de incalculável valor, está com as suas cúpulas completamente destroçadas e no seu interior mostram a marca deixada pelo terrível movimento terrestre, que com implacável rudeza feriu de morte uma cidade que é o orgulho da América.

A destruição sofrida nos edifícios representativos da cidade, não são maiores do que o índice dos danos causados no resto da população. A avenida do Sol, uma das artérias modernas, apresenta um espetáculo de desolação e quando nos trasladamos ao centro de Cuzco se apresentou à nossa vista um aspecto deprimente: as casas que ficaram de pé estão como que apunhaladas por grossos troncos de árvores e as que foram parcialmente afetadas, espalharam pela rua, palha, pedaços de adobes e troncos de madeiras, materiais empregados na construção da vivenda modesta, como expressão de mudo protesto; e em meio de tôda essa destruição, os habitantes de Cuzco, pernoitando em barracas instaladas nos parques e avenidas, completam o desolador aspecto que nos oferece a Cidade Sagrada, profanada pela terra febril.

Queremos indagar dos populares a forma como sentiram o terremoto mas ninguém nos presta atenção. Êste povo está seguramente absorto ante a tremenda catástrofe, com o olhar lentamente entristecido pela visão da destruição ali ocorrida, donde se erguiam vivos testemunhos do passado, classificados entre os mais eloquentes que conserva a civilização contemporânea.

O Convento de Santo Domingo, por exemplo, é um dos monumentos mais representativos da Cidade Imperial pela sua história, pois conserva ainda os velhos muros de Coricancha e pela sua arte significa ainda uma das mais belas expressões do barroco cuzquenho.

Pela violência do fenômeno as tôrres das igrejas de Santo Domingo, Belém e São Sebastião foram derrubadas; em tôdas as inumeráveis residências se está desenvolvendo um ininterrupto trabalho para remover os escombros em busca de vítimas. Na Avenida Pardo resultaram danificadas na sua totalidade as casas que se alinham nessa moderna via. Quase tôdas as igrejas sofreram com o terremoto.

O histórico portal da Companhia, na Praça de Armas, conhecido como o de "Los Carrizos", foi destruído pelo efeito do movimento sísmico. Tôda a população encontra-se nas ruas, praças e campos abertos. Um dos edifícios que resistiu à violência do terremoto foi o Hotel dos Turistas, onde nos hospedamos quando fizemos a anterior reportagem sôbre Cuzco, que por ironia do destino, foi a última impressão de um jornalista estrangeiro acêrca da riqueza colonial que já não existe mais.

Em vários lugares fomos testemunhas de quadros dolorosos quando ao remover dos escombros, encontravam-se cadáveres por seus familiares em meio a tremenda emoção e angústia. Quando se removiam êsses escombros, em uma das zonas residenciais da cidade, pudemos comprovar que três pessoas salvaram-se milagrosamente depois de haverem permanecido sepultados pelo espaço de duas horas, saindo apenas com lesões leves.

A Igreja contínua à Universidade sofreu a perda de uma tôrre. Êste templo data de trezentos anos. Existe também uma enorme rachadura perpendicular na fachada de azulejo e todos temem que se desmorone de um momento para outro.

As maciças colunas de pedra da Igreja Catedral se acham destroçadas e espalhadas na praça como se fôssem palitos de fósforos. Os templos desta Imperial Cidade têm sido os que mais têm sofrido com o sismo do dia 21, pois encontram-se sèriamente danificados e não tem desaparecido o perigo de u'a maior destruição.

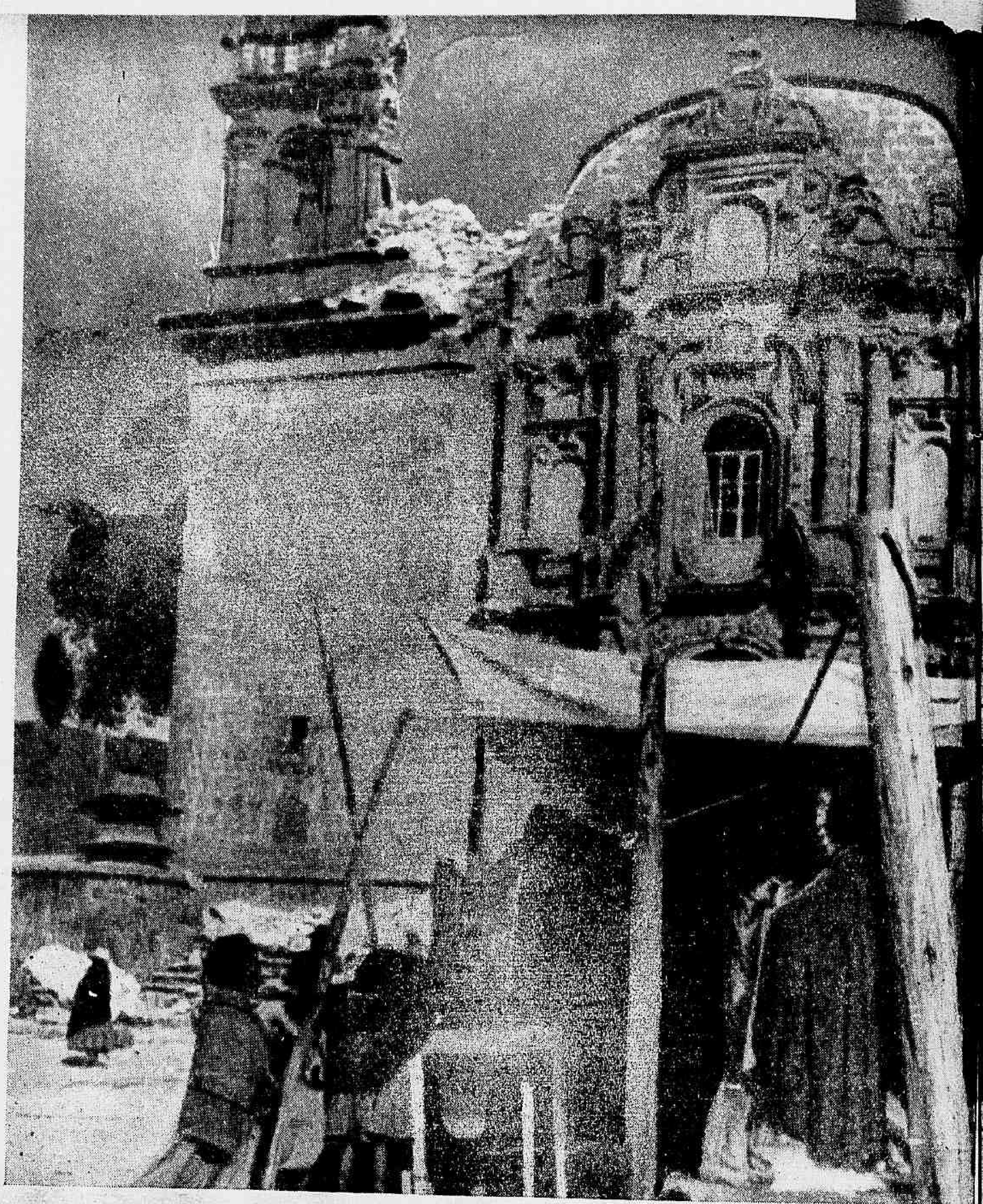
Os automóveis, que estavam nas cercanias dos templos e no portal da Praça de Armas, resultaram bastante castigados. Várias estátuas da praça principal saltaram das bases. Como consequência do terremoto a cidade paralisou a sua vida; o comércio continua fechado. Esta população viveu 24 horas sem água e sem comida, tendo se rebentado a reserva de água potável. Os auxílios provenientes da capital só chegaram muitas horas depois.

O número exato de mortos, todavia, não se pode precisar, porquanto o estado das casas a que nos referimos são uma ameaça de morte constante. Entretanto, até o momento desta reportagem, oficialmente, foram enterrados 56 cadáveres. As autoridades temem que êste número aumente considerávelmente à causa de que ainda não se terminou a tarefa da remoção dos escombros, coisa que se prolongará por mais uma semana.

Além do mais, não se tem dados sôbre os bairros que circundam a cidade pròpriamente dita. A maior parte dos edifícios que permanecem de pé estão com as vigas semidestruídas. Por êsse motivo dispôs-se que os trabalhadores, autoridades civis e voluntários, as derrubem de todo para evitar maiores estragos humanos.

O IMPRESSIONANTE QUADRO DA PASSEATA

A imagem do Senhor dos Tremores, que é muito venerada pelos cuzquenhos, foi retirada do Templo e conduzida em procissão até a Praça principal e colocada em frente a Catedral, onde o seu relógio assinala a hora exata em que foi produzida a terrível catástrofe. Ali, aos pés do Senhor dos Tremores, os índios fazem suas orações fervorosamente horas seguidas. Recorda-se que esta sagrada imagem do Senhor dos Tremores salvou-se milagrosamente no terremoto de 1650, quando a cidade de Cuzco foi totalmente destruída. Desde aquela remota época, esta simbólica imagem é levada em procissão todos os anos pelas ruas de Cuzco por milhares de fiéis. Três séculos depois esta mesma efígie do Senhor dos Tremores voltou a ser retirada intacta do terrível terremoto do dia 21, e por isso o povo índio lhe rende êsse culto especial e a conduziu com fervor pelas artérias da Capital Arqueológica da América, implorando piedade e recitando plegárias. Foi um quadro indescritível. As lágrimas nos vinham aos olhos pelo espetáculo de tragédia e miséria que estávamos presenciando, ante a impotência do ser humano diante da ferocidade da natureza. E', entretanto, digna de menção a união incondicional dos cuzquenhos



PRATICAMENTE, nenhuma casa ficou habitável, e seus moradores procuram refúgio nas ruas e praças. Enquanto os homens construiam improvisadas barracas, as mulheres, com auxílio das crianças, cozinhavam as provisões chegadas. E tôda a região ficou nesse estado, mais parecendo o resultado de um bombardeio que varesse casas, templos e população.

FERIDA DE MORTE, a igreja de S. Domingos, outro orgulho da população, é hoje o que vemos na gravura inferior





ENTRE GRITOS E SOLUÇOS, em plena rua, os habitantes choravam a perda de seus entes queridos, e ali mesmo colocavam as velas, e oravam. A impressão era fantástica



AUTORIDADES civis e militares desenvolveram árdua tarefa para remover os escombros à procura das vítimas. Esta criança ficou 53 horas soterrada e quando a retiraram morreu.



PARA DAR uma pálida idéia das proporções da catástrofe em Cuzco, aqui está um flagrante: os destroços que temos diante dos olhos, em outros tempos, era um automóvel.



NA AVENIDA PARDO, nenhuma casa ficou intacta. Era impressionante ver os habitantes providencialmente salvos, a rebuscar nos escombros em busca de parentes e objetos

que, ante a desgraça, conjugaram-se com sentido verdadeiramente heróico para sublevar o pêso da tragédia, cooperando para aliviar aos mais necessitados em face do infortúnio que os aflige.

A "CIDADE DO SILÊNCIO"

Tôdas as praças e campos abertos da cidade estão completamente cheios de pessoas sem lar. A maioria delas passa as noites muito frias numa altura de 3.300 metros, sem qualquer abrigo, à intempérie. Entre 30.000 e 40.000 pessoas dormiram como animais estirados nas planícies. A Capital tem enviado bastantes casacos, sobretudos, mantas e outros abrigos. São incontáveis os oferecimentos que tem recebido esta cidade fatídica. De todos os pontos do país chegam donativos por via férrea e de Lima arribam diàriamente quatro a seis aviões.

Tem-se observado que, embora os templos coloniais, ou seja, os da conquista espanhola, fôssem destruídos pelo terremoto, os monumentos arqueológicos dos tempos dos Incas ficaram intactos. Numa nova revisão levada a cabo recentemente, se aprecia que da grande quantidade de edifícios, sòmente a metade de suas estruturas estavam de pé e os únicos muros que não sofreram danos foram os construídos faz mais de três séculos ao tempo da civilização incaica.

Dado ao atual aspecto que nos oferece a Cidade Imperial de Cuzco, se lhe pode perfeitamente cognominar de a "Cidade do Silêncio", não obstante haja milhares de pessoas nas ruas e nas praças. Mas esta gente falava em voz baixa e sòmente para inquirir de seus familiares, dando-nos a impressão de que participassem de um gigantesco funeral. Os índios, já de si impassíveis e frios, parecem agora então verdadeiras estátuas. Alguns ficam de pé olhando o horizonte, imóveis ,ocomo querendo perguntar a Deus por que os abandonou na hora fatal. Um pobre indiozinho que encontramos perto da Rádio Cuzco, coberto de roupas muito pobres, abria caminho entre a multidão chamando choroso pelo seu "papá". São inúmeras as famílias, muitas com crianças de colo, que não quiseram retornar à cidade, pois temem que a terra volte a tremer.

A impressão que se tem ao visitar onde se refugiaram os habitantes de Cuzco, é a de um enorme exército que estivesse acampado. As autoridades mandaram construir, provisòriamente, milhares de abrigos como o dos escoteiros. Outras tantas barracas foram armadas para famílias.

O ÚLTIMO OLHAR À "CIDADE SAGRADA"

Fizemos depois de 24 horas uma nova excursão por esta entristecida capital. Antes de mais nada, Cuzco necessita de um teto. E' pavoroso o cálculo numérico de casas destruídas. Está esta população, por assim dizer, condenada à intempérie, debaixo de um clima particularmente hostil pela noite. Os invernos andinos são muito frios, apenas sai o sol. Tal particularidade do clima nos Andes determina altas mortalidades por pneumonia e bronco-pneumonia. Se isso acontece durante o normal, fácil será imaginar ao leitor, na perigosa condição em que estão os habitantes da milenar cidade.

A falta de casas e as inevitáveis anormalidades que uma catástrofe como esta determina, como a distribuição de alimentos, e acrescente-se a hostilidade climatérica a que nos referimos, principalmente nos meses de maio e junho, que são os mais rigorosos nas regiões andinas. Se isso não faltasse para esta pobre gente, as enfermidades começam a fazer sua espectral aparição, entre elas o tifo exantemático, de caráter infeccioso e epidêmico, que já fêz suas primeiras vítimas. Perto de Cuzco existe Chincheros, pequena povoação, em que já existem alguns casos de varíola. Estão-se tomando medidas radicais para evitar a sua propagação, que acarretaria maiores danos aos já sofridos. Ante o temor de que se repitam os movimentos terrestres, em face da impossibilidade material de habitar muitas casas da cidade ou em busca de descanso, tanto material como espiritual, grande leva de pessoas tem prosseguido no êxodo de Cuzco. As pessoas de alguma posição ecnômica dirigem-se até as aldeias longínquas e as de escassos recursos marcham em direção de campo aberto, sem outro propósito do que distanciar-se do lugar em que foram testemunhas de suas próprias desgraças.

Dando uma nova volta pela Praça principal, as cenas que se nos deparam são de partir o coração do ente mais impassível.

Vimos inúmeros grupos de índios chorando em voz alta e orando ajoelhados, sem tirarem a vista da Imagem do Senhor dos Tremores. Êsses soluços e gritos de pavor desta gente se ouvia por tôdas as partes e quase sobrepujavam os ruídos do desmoronamento de alguns edifícios que ficaram como cascas de ovos expostos a total destruição ao mínimo movimento da terra. Devemos sublinhar que durante a nossa estada em Cuzco sentimos três pequenos tremores, que no entanto davam para pôr abaixo construções já danificadas anteriormente pelo terrível sismo do dia 21.

Despertam penosíssima consternação as notícias trazidas pelos repórteres da Rádio Cuzco, dos vários pontos da cidade, desde que por 48 horas o rádio foi o único meio de comunicação, de novas destruições de templos e igrejas. Estas e outras calamidades demonstram que tem sido excepcional e tremenda a fôrça com que a vibração terrestre sacudiu Cuzco até o extremo de quebrar a estrutura da maioria de seus edifícios. Por êsse motivo, esta bela cidade histórica ficou em pobríssimas condições de habitabilidade. Casas que vistas por fora parecem haver resistido à gigantesca sacudida, verdadeiramente ciclópica, estão inutilizadas por dentro, vacilantes como um castelo de naipes. Dir-se-ia que o impacto do terremoto feriu de morte a cidade. Fica, todavia, a angustiosa interrogação da magnitude em que teriam sido danificados os tesouros arqueológicos, maravilhosas obras de arte que são um dos orgulhos da riqueza peruana, patrimônio que lhes legaram gerações empenhadas no esplendor do Peru. Consterna profundamente olhar as destruições históricas que dias antes tínhamos apreciado em tôda a sua ostentação e sabor da poeira dos anos, transformada agora em pó vulcânico, que oprime o pulmão e nos faz escorrer lágrimas, estas já de si deslizando pelo rosto sem esfôrço.

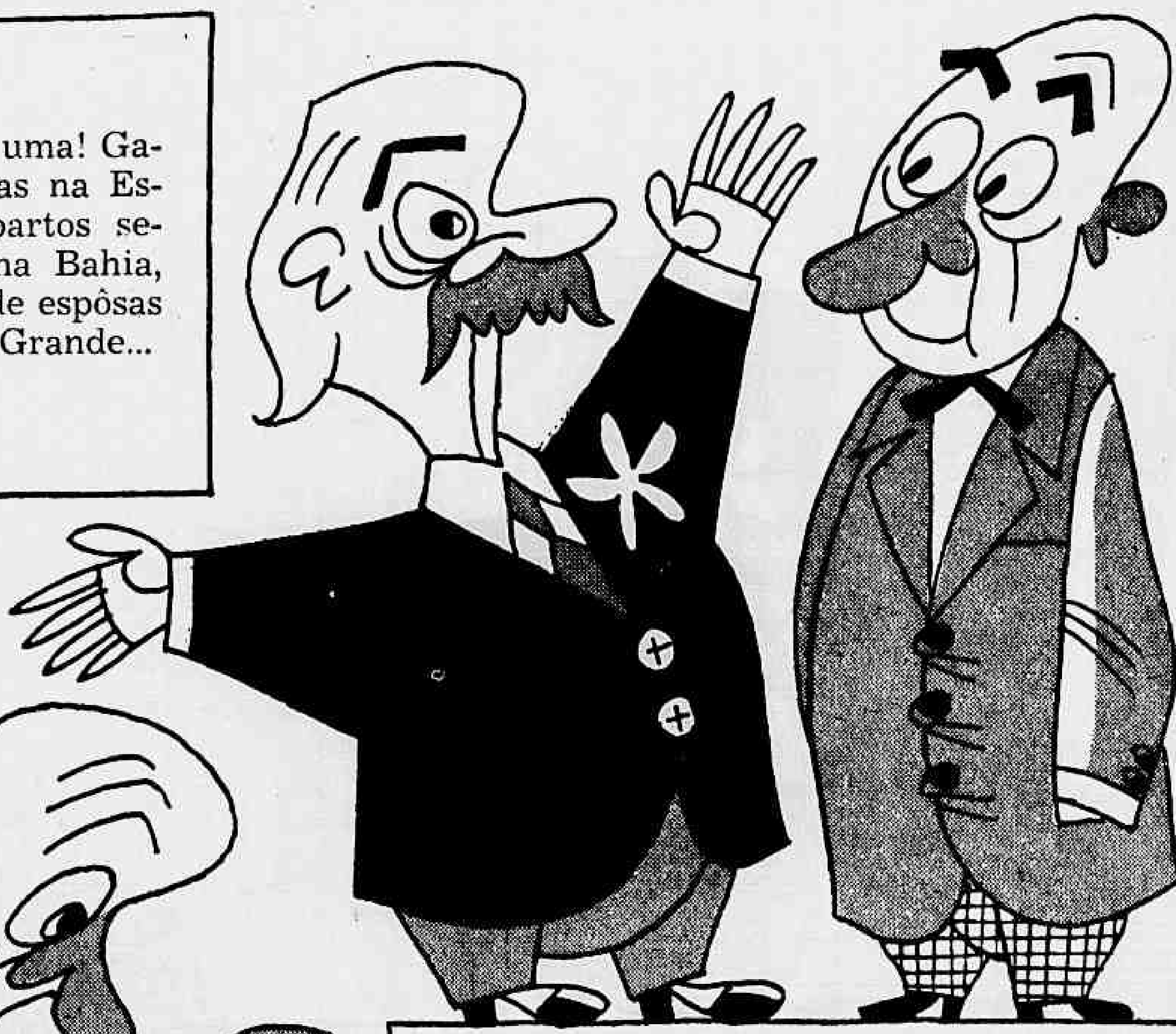
Evidentemente, com o transcurso dos dias, se comprovará a imensidade dos danos sofridos por Cuzco. Nestes casos é-nos absolutamente impossível apreciar de imediato as proporções da catástrofe; mas quase sempre esta tem a magnitude de suas primeiras aparências. Agora, entretanto, a amplitude dos estragos se apresenta, cada dia, mais grave, mais espantosa, mais desoladora. A Capital Arqueológica da América, com justiça considerada uma das mais belas cidades do mundo, está pràticamente em ruínas. Vista do avião dava-nos a impressão de uma fortaleza medieval subjugada pelo febril Vesúvio. Não existia mais a Cidade Sagrada...

SETE dias em REVISTA

Há cada uma! Gato de asas na Espanha, partos semanais na Bahia, aluguel de espôsas no Rio Grande...



— Êle levou o contrato de aluguel da espôsa ao tabelião!
— Claro! O outro poderia querer fazer alguma sublocação...



— Depredaram o cinema que havia anunciado um filme só para homens!
— Virou filme de "far-west"!..



— A corista ficou ofendida com o assanhamento do maestro!
— E' natural! O velho tem 80 anos...



— Como querem acabar com o bicho, permitindo que se jogue nos cavalos e dando agora um bruto palpite com as touradas?!...



— O team presidencial está incompleto O Benedito ainda não indicou o vice-presidente!
— Por que não entregam isso ao Flávic Costa?!...



Oswaldo da Cunha

MARY ESTAVA CHORANDO

A sereia tocou, mas Ric não pôde ouvi-la distintamente. Um zumbido pouco menos que tolerável lhe dificultava a audição, como se uma colmeia se houvesse instalado em seus ouvidos. E depois, a multidão gritava demasiadamente.

Caminhou para seu canto. Um dos incômodos daquele estádio, de todos os estádios, era o excesso de fumaça que subia dos cigarros dos espectadores e se condensava no ring, ao redor de seu corpo suado...

Sétimo assalto. Um sorriso lhe chegou à bôca. Sempre disseram que êle tinha um riso triste, "um riso que doia", na expressão de Lia. Agora, sim, o riso doia, na contração dos lábios contundidos.

— Que é isso, Ric? — indagou o treinador. — Você está apanhando duro e parece satisfeito com a tunda que lhe estão dando.

Ric não respondeu. Sentou-se para gozar aquêles momentos de descanso. As mãos do segundo lhe faziam agradável fricção no corpo e a água fria no rosto lhe devolvia a visão mais nitida de tudo que o cercava.

Sétimo assalto de uma luta absurda, incompreensivel...

Desde o primeiro assalto Ric dominava. No terceiro o adversário fôra às cordas e beijara a lona. Mas se levantara antes de o juiz contar seis. O diabo é que êle sempre se levantava!... Ouvira o grito da multidão suspensa, quando lançara o contendor à lona. Nos ataques sequentes pedira, mastigando as palavras, que Válter se deitasse: — deita, menino, porque você vai apanhar muito! O adversário parecera não ouvir e prosseguira no contra-ataque furioso. Agora êle sabia porque Walt se batia com tal denodo. Quando se tem Mary do lado a gente enfrenta qualquer partida e não recua nunca. E aquêle era o noivo de Mary, noivo de aliança no dedo e tudo! No intervalo do quarto para o quinto assalto o treinador lhe dissera. Estava enfrentando o noivo de Mary e êle se batia como tigre, pois dali, com a vitória, sairia o dinheiro do casamento. Assim êle enfrentaria até Louis, e riria se Louis o aconselhasse a se deitar...

Lembrou-se de Mary, agora que seus olhos estavam menos fechados e seus ouvidos percebiam melhor.

Uma grande pequena!... A "tournée" estragou tudo!

Fôra numa festa em casa dos Verdini. Êle acompanhara Sula e Boy. Palestravam os três quando chegou Mary e lhe foi apresentada. Mary chegou exatamente a tempo de ouvir o resto de sua história, de seu amor frustrado. Teve de repetí-la do início, cedendo às instâncias de Mary.

— Pois é — dissera Ric, sorrindo. — A história é simples e se eu perdi o culpado sou eu — estratégia inferior... Zeno é meu tio, como vocês sabem. Eu me encontrava gozando férias, quando êle chegou, disposto a passar as últimas semanas comigo. Isso constituiria um prazer, se eu não estivesse tão ocupado nos retoques da conquista de Licia. Ela não dera o almejado "sim", mas pouco faltava. Modéstia à parte, o cêrco das garôtas era invejável. Um moço da cidade, pisa o interior, bem vestido de roupas e de maneiras, que o resto é fácil!

Mas Licia é diferente. E quando uma mulher "fica diferente", a coisa é séria para nós.

Acompanhei Licia a vários passeios e não pensei em luvas durante um mês, nem atendi aos olhares melancólicos das outras meninas de tranças compridas e olhos cismadores. Tenho um fraco por tranças compridas...

A coisa ia bem. Já pensara em comprar uma casa, uma casa isolada, cheia de árvores e sombras, e passar o resto da mocidade amando, ao envés de passá-la a distribuir tapas e a levá-los.

Foi quando Zeno chegou. Zeno não é melhor nem pior do que eu. Mas tem aquela vantagem dos gestos e palavras coordenados e os olhos serenos dos homens de ciência, a palavra fácil dos que têm indefinidos sonhos e largas idéias... E o que não consegui em um mês de oferecimentos e juras, êle alcançou em quatro dias de divagações e frases que não compreendi bem, com histórias complexas onde misturava física, biologia, olhares e sentimentos de Licia. Licia agora é minha tia e tomei-lhe a bênção, quando entrou. E' aquela morena de cabelos oxigenados, perto da cortina da copa, aquela moça afetuosa e educada, agarradinha ao braço do rapagão moreno e magro. Aquêle é Zeno, o meu tio.

Lembrava-se do riso franco e compassivo de Mary, ao fim da narração. Depois dançaram a noite inteira. Palestraram sôbre tudo e por quaisquer motivos.

Já não fitava Zeno com a mágoa de antes. Lá estava o tio, o professor, sem o riso cordial de sempre, numa pequena roda de amigos, sizudos e preocupados, com aquêle ar suspeito de um grupo de fantasmas discutindo surrealismo... Agora, se êle quisesse, podia vir. Mary era diferente, não gostava de poesia.

Na varanda, Ric elogiara os olhos castanhos de Mary e ela agradecera com visivel entusiasmo. Iniciou a conquista, mas a moça já demonstrara, por gestos e palavras, que a conquista estava feita. E, prosseguir lutando, depois do êxito, não era com Ric. Nada de objetivos imaginários. Nada de Dom Quixote. Ric era prático. Apertando a garôta de encontro ao peito, beijou-a ternamente.

Ainda sentia o complexo do tio, mas êsse foi inteiramente afastado quando, na despedida Mary puxará-o pela manga, dizendo que titia Licia fizera um mau negócio. Sorrira orgulhoso e marcara encontro no dia seguinte.

O romance prosseguira. Juntos assistiram a várias sessões de cinema, às corridas, e, finalmente, Ric apresentado aos pais da moça. Lá estava, ainda, Boy, agora com Neti. Ric aproveitara o ensejo para fixar a data do noivado oficial. No aniversário da pequena, dali a dois meses.

Foi quando lhe surgiu a possibilidade da "tournée". Prometera à moça abandonar o box. Voltaria à Universidade, dando menos atenção aos esportes. Não tinha jeito de levar a notícia. Apelou para Boy, mas êste se negou. Não havia jeito, êle mesmo tinha de dizê-lo!

Mary recebera a notícia com frieza. Procurara desviar-se do assunto e o fizera com tal graça, que em pouco discutiam sôbre outros temas.

A exibição nos Estados fôra boa. Triunfo sôbre triunfo e, hoje, não estaria batendo-se com aquêle "troca-tintas", não fôra a derrota anterior, frente a um Kid qualquer coisa, derrota por pontos, mas devida à farra da noite anterior à luta, que aos punhos inofensivos do tal Kid.

E, realmente, não estaria.

No dia do regresso da excursão, fôra vi-

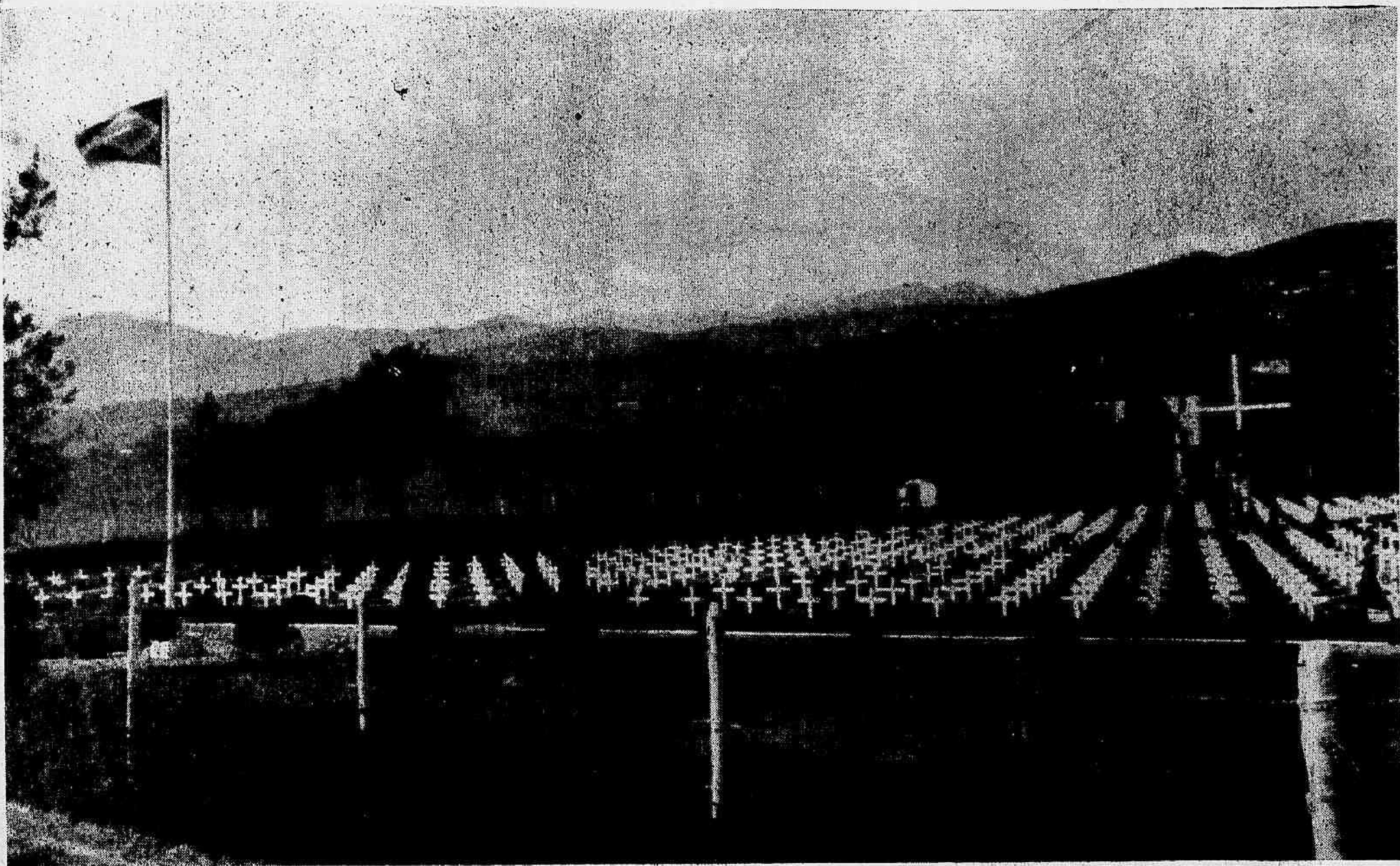
(Cont. na pág. 46)

CONTO DE LAURO SALES FILHO — ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO DA CUNHA

OS "PRACINHAS" QUE REPOUSAM EM PISTOIA



Para dentro dêste portão fica o cemiterio dos brasileiros em terra italiana. Mais de quatro centenas de "pracinhas" recebem, aqui, a visita cotidiana de seus patrícios e do povo italiano



O PAVILHÃO BRASILEIRO desfraldado ao vento, rende homenagem à memória dos que deram a vida em terra estranha pela honra da nossa pátria. O cemitério, cuidado com todo carinho, mais parece um jardim, onde o gramado verde e amarelo é ainda uma evocação do solo distante. Ao fundo, as montanhas nevadas onde foram travadas memoráveis batalhas

UMA VISITA AO CEMITÉRIO BRASILEIRO NA ITÁLIA ★ QUATROCENTOS E CINQUENTA E OITO HERÓIS ALI SEPULTADOS, AGUARDAM A TRANSLADAÇÃO PARA O RIO ★ NÃO É UM CEMITÉRIO, E SIM UM JARDIM VERDE-AMARELO ★ EPISÓDIOS COMOVENTES: O GAROTO QUE RENUNCIOU À UMA BOLSA DE ESTUDOS PARA MANDAR FLORES E A FAMÍLIA QUE CONTINUA ESCREVENDO AO "MORTO QUERIDO" ★ AVE-MARIA... ★ A DESCIDA DO PAVILHÃO NACIONAL E UMA HONRA CONCEDIDA AO JORNALISTA BRASILEIRO ★ TAMBÉM SOLDADOS INIMIGOS ALI ESTÃO SEPULTADOS, PORQUE A MORTE NIVELA TODOS OS HOMENS ★ DE VOLTA

Reportagem e fotos de CELESTINO SILVEIRA

(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA, à Europa)

FLORENÇA, maio (Via Air-France) — Estamos regressando da etapa mais comovente e particularmente a mais grata ao nosso coração de brasileiro, em tôda esta peregrinação pelo solo da Itália. Na realidade, estamos voltando de Pistóia, da visita piedosa que nos propusemos fazer ao cemitério militar brasileiro em que repousam os bravos expedicionários que deram suas vidas pela honra do Brasil, na defesa da causa da liberdade democrática. Muitas têm sido as fortes emoções, bem sentidas, que nos proporciona esta viagem, mas nenhuma logrou ainda atingir o grau de intensidade que nos reservava a destas últimas quarenta-e-oito horas.

Daqui saímos, de Florença, num trem veloz, que em menos de três horas nos deixou na cidade de Pistóia. Era domingo e o movimento, na estação, mostrava-se reduzido quando nos acercamos do primeiro "taxi", pedindo ao motorista que nos levasse ao cemitério. E sem demora o bom homem pôs em movimento seu carro, depois de levar a mão direita à boina que lhe cobria os cabelos brancos:

— "Brasiliano?"

Quando respondemos afirmativamente, pôs-se a falar no seu dialeto pitoresco, mais rápido ainda que o próprio carro. E informa que são frequentes as visitas de famílias brasileiras a Pistóia com o único objetivo de pisar o campo santo em que estão sepultados os nossos "pracinhas". Já se habituou àquele percurso, timbrando, como bom italiano, serviçal e prestativo, em descrever os pormenores do lugar, os panoramas que surgem, de ímpeto, em cada curva da estrada e os pontos onde ainda se encontram vestígios dos dias lúgubres da guerra:

— Veja lá no fundo, por detrás daquelas montanhas, aquela outra mais alta, coberta de neve... Ali os brasileiros defrontaram-se com o inimigo e muitos perderam a vida. Eram corajosos, sim, os seus patrícios...

Estranhamos os têrmos amáveis com que um italiano se referia aos soldados do Brasil, quando no fim de contas êstes eram, àquele tempo, adversários da gente da terra. Mais tarde viríamos a ter a explicação dessa atitude: E' que nunca os nossos rapazes foram tidos como realmente inimigos, dado o modo cavalheiresco e heróico por que se portavam, e o tratamento dispensado às mulheres, aos velhos e às crianças, ainda quando o domínio nazista predominava e contra o qual lutavam os brasileiros.

A poucos quilômetros da cidade, o simpático velhote chamou a nossa atenção para uma tabuleta pregada num porte: "Cemitério Militar Brasileiro" — tendo na parte inferior uma seta esclarecendo a direção desejada ao visitante. Poucos minutos depois, tabuleta igual aparecia, e uma terceira, e ainda outra, até quando, já mais perto, na parede de uma casa à beira da estrada, os dizeres, em dimensões maiores, estavam pintados:

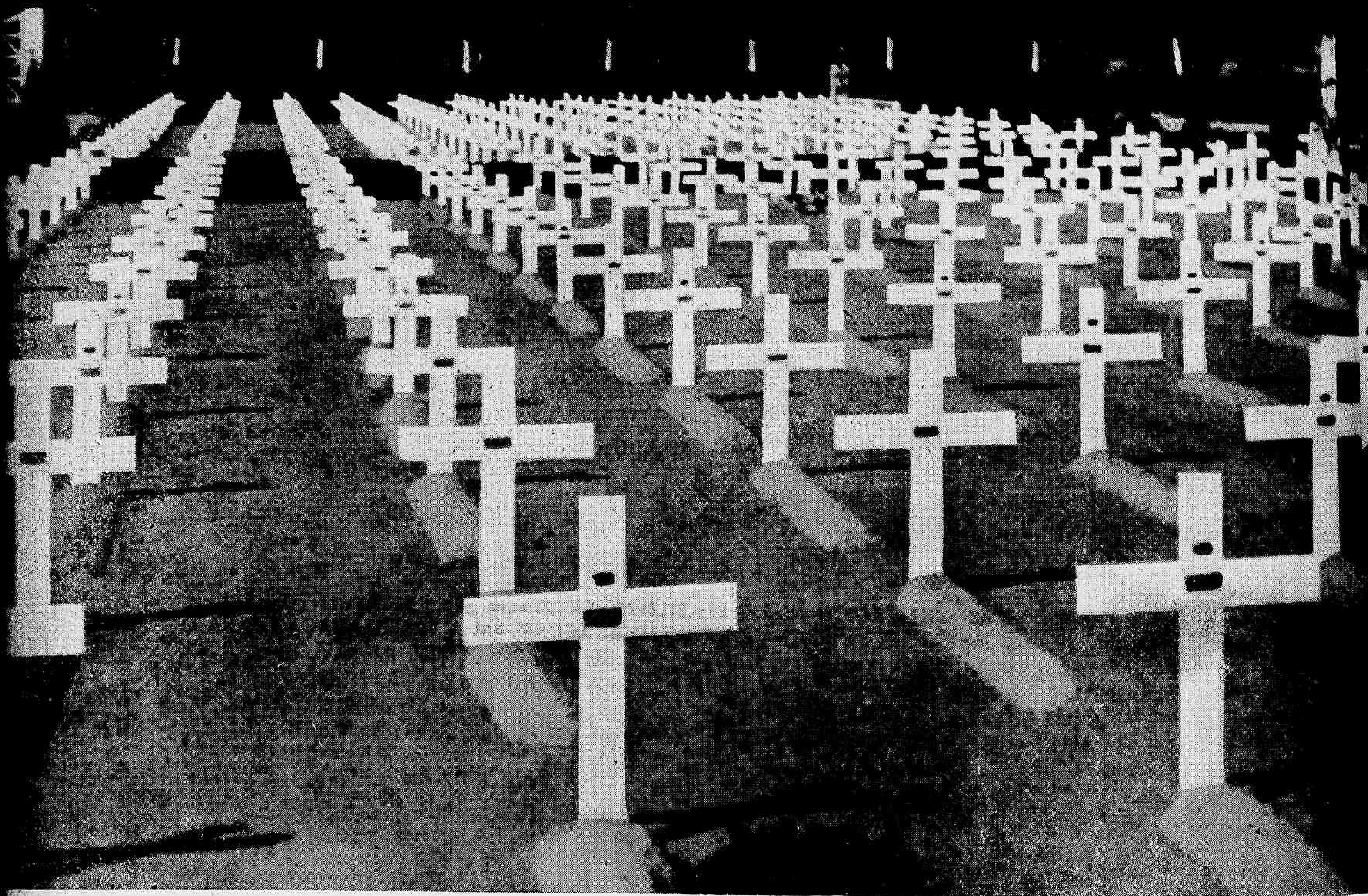
— Dêste modo o caminho é mais fácil de ser vencido e não há o perigo de alguém se enganar — esclareceu ainda o "chauffeur", imprimindo maior velocidade ao carro.

E de súbito, mais adiante, em outra curva fechada, nossos olhos estacaram com o que tanto esperavam ver, mas que assim mesmo surpreendia: Lá estava o cemitério de Pistóia. O declive da estrada permitia que nos situássemos em plano superior, enquanto ao fundo, e a menos de um quilômetro, o cemitério aparecia — não o cemitério comum, o clássico e rotineiro de tôdas as terras e todos os tempos, mas diferente, com novas características. Não, não era sugestão de nossa parte. Via de regra um cemitério é um espaço de terra murado de velhos tempos, quase

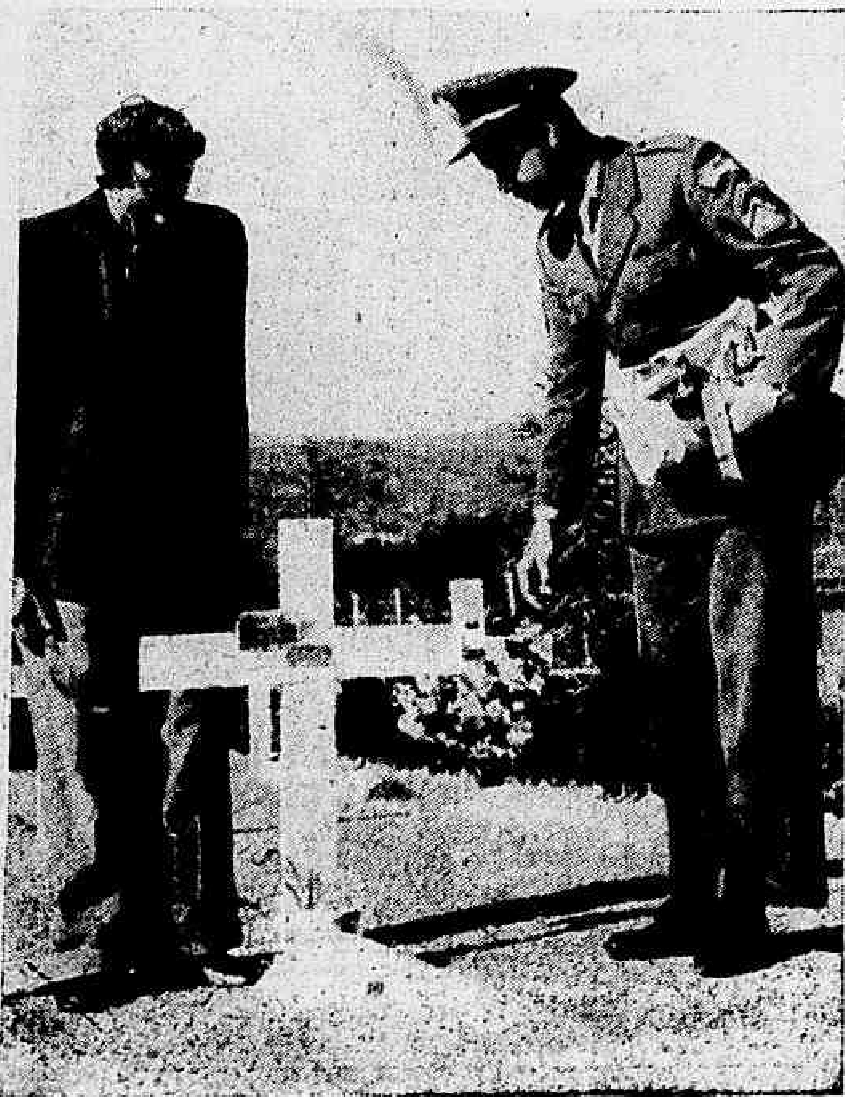


DESDE A CIDADE até o Cemitério Militar Brasileiro, nos arredores de Pistoia, dísticos luminosos indicam o caminho

OS PRACINHAS QUE REPOUSAM EM PISTOIA



DENTRO DE UM ou dois anos, os restos dêsses bravos serão removidos para o nosso país e guardados no Panteon da Praça da República, no Rio de Janeiro, junto ao monumento de Caxias. Aqui êles podem ser identificados pelos visitantes, porque em cada cruz de madeira está afixada a chapa de metal com o número correspondente a cada soldado, e que êles levavam prêsa ao pescoço quando em combate. Ao fundo, vemos o cruzeiro, sempre ornamentado de flores, ofertadas por inúmeros visitantes. Em baixo, o sargento Miguel Pe-



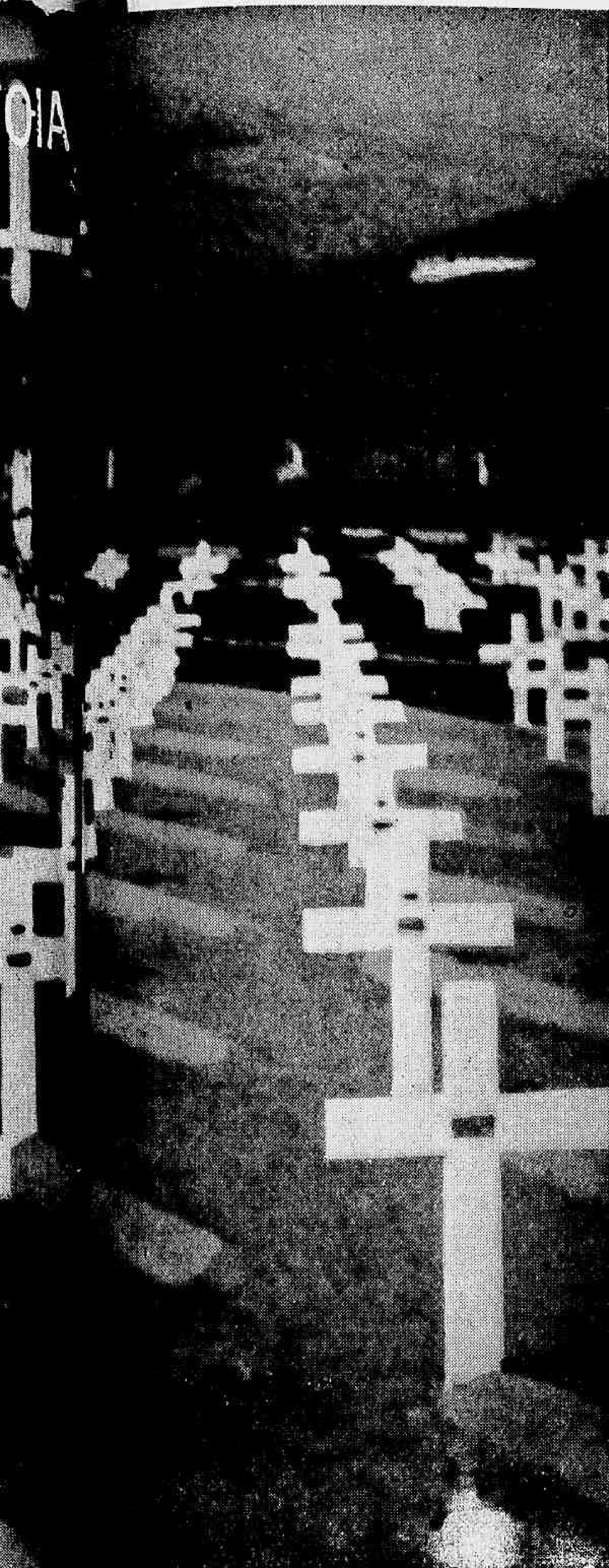
sempre um muro mal cuidado, estabelecendo as divisas que separam os vivos dos mortos. E lá dentro, um aglomerado de sepulturas, de monumentos díspares, com as alas de ciprestes, árvores e árvores, traçados irregulares de quadras, e a infalível distinção das campas. Por que não é verdade que a morte nivele os homens, ao menos em relação às sepulturas? Tem-nas ricas, dispendiosas, de mármores caros, com variedade de escultura, as dos privilegiados em vida; e humildes, terra-a-terra, mal tratadas, mesmo esquecidas, as dos demais.

Nada disso se encontra no cemitério dos brasileiros aqui na Itália. E a rigor, não fôsse o mundo de cruzes, tôdas brancas, iguais, bem dispostas, que se distribuem em todos os ângulos, ninguém acreditava tratar-se de um cemitério — mas de um jardim. Nem é outra coisa mais que um jardim, carinhosamente tratado, êste pedaço de terra cedido pelo govêrno da Itália ao do Brasil, e onde descansam os "pracinhas" imolados em uma luta que hoje muitos consideram estéril, enquanto não chega a hora da trasladação para a pátria.

À distância e do alto, o aspecto em conjunto é de impressionante beleza. Não se vêem árvores, porque tôda a vegetação é rasteira e no gramado prevalecem as côres do nosso pavilhão. Amplos tapêtes verde-amarelos, simètricamente traçados, com tufos de grama que as tesouras afiadas dos jardineiros vão aparando com frequência, tocam de perto o coração do visitante. O contraste das quatrocentas e tantas cruzes brancas, espetadas na terra, tôdas niveladas, certas, formando graciosos conjuntos, e o branco imaculado dos muros altos que guarnecem o campo, com a relva daquele citado matiz, tudo isso, ao primeiro golpe de vista, impressiona e provoca forte associação de idéias em nosso espírito. Ali estão os restos dos heróis que não voltaram, aquêles cuja perda é ainda hoje chorada por quase meio milhar de famílias brasileiras — e pergunta-se, instintivamente, se terá sido proveitoso tanto sacrifício.

A manhã está luminosa, ensolarada, de uma claridade de efeito fotográfico. Nossos olhos continuam percorrendo e abrangendo aquêle lote de terra sagrada, quando um ponto de referência mais alto faz para êle voltarem-se tôdas as atenções — e a comoção redobra: À pouca distância do portão de entrada, ergue-se imponente mastro, também branco, em cujo tôpo se desfralda ao vento o pavilhão brasileiro. O recorte da nossa bandeira, de dimensões respeitáveis, espanejando no espaço, vista quando tão longe nos encontramos de terras brasileiras, contrasta no azul-claro dos céus italianos. E enquanto o coração pulsa, o motor do auto acelerado encurta a distância, deixando-nos, daí a minutos, junto ao portão central, que permanece escancarado aos visitantes.

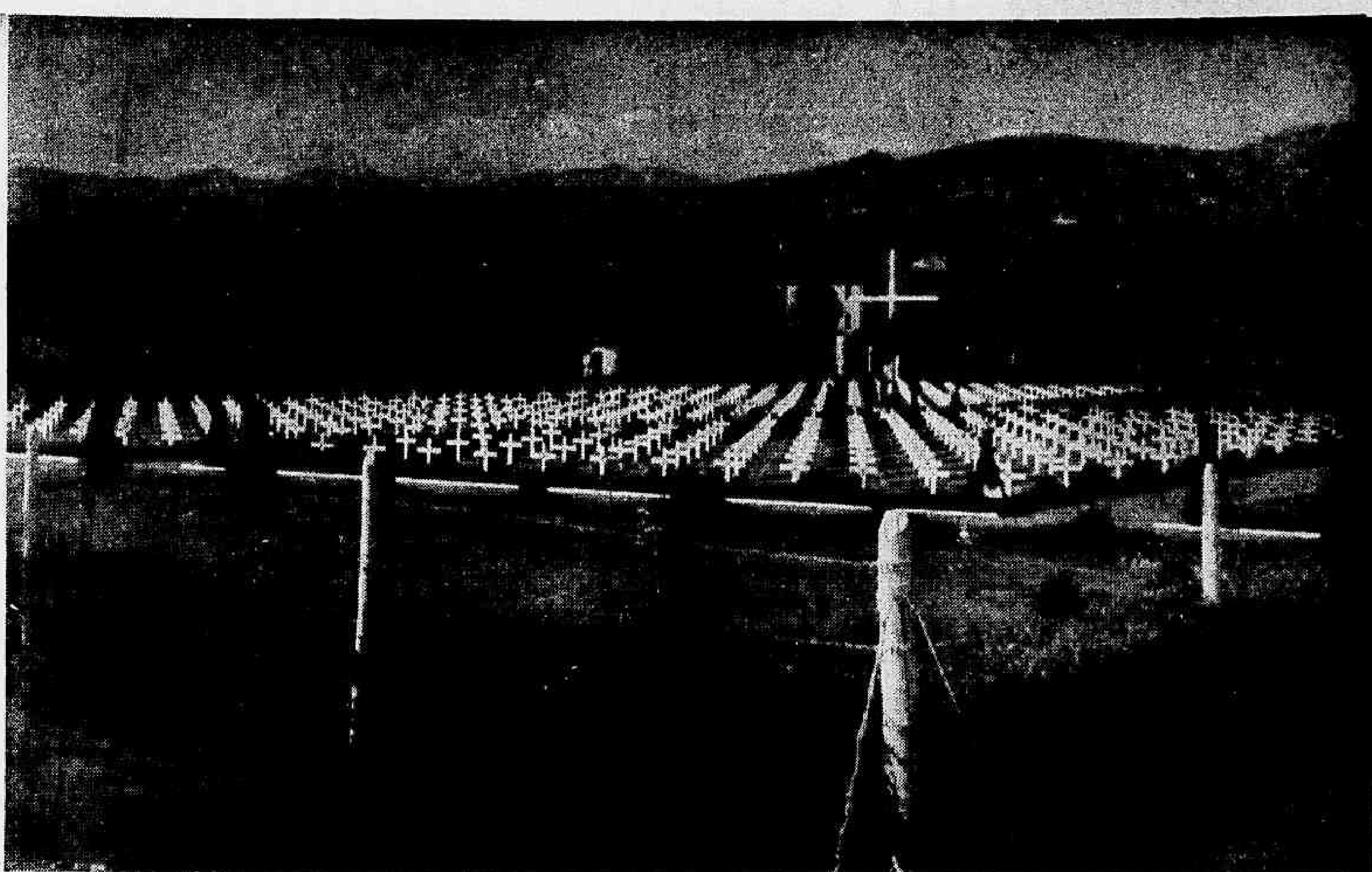
Lá vem, de dentro, um rapazola aos saltos, que não fala o nosso idioma. Pensávamos encontrar no cemitério de Pistóia alguns soldados brasileiros e sabemos, então, que todos foram devolvidos ao nosso país. Apenas um, lá permanece, o segundo sargento Miguel Pereira, nas funções de



reira, acompanhado de um dos trabalhadores contratados para o serviço de conservação do Cemitério Militar Brasileiro, faz o exame matinal ás sepulturas dos «pracinhas»

zelador e encarregado da vigilância. Quatro jardineiros, cidadãos italianos, têm sob seus cuidados a tarefa de manter o cemitério naquele aspecto irrepreensível. Mas o sargento-zelador está ausente. E' hora de refeição e foi almoçar com a família, nas proximidades do centro de Pistóia. Sem demora o jardineiro se prontifica a ir chamá-lo, utilizando para êsse fim, a clássica bicicleta, veículo tão predileto da gente da terra.

Ali ficamos, sòzinhos, tendo sob nossa guarda, tão de inesperado, a vigilância daquele solo sagrado. Sem demora passamos a percorrer as quadras, examinando as sepulturas, em cada qual deparando com as pequenas chapas de metal com a inscrição do número e demais informes de identidade de cada morto. Mas não tarda que gente estranha cruze o portão central, com o mesmo propósito que ali nos levou, o de tributar uma sincera homenagem aos soldados que lá estão sepultados. São homens, mulheres e crianças do povo, italianos que levam nos braços ramos de flores silvestres, para distribuir entre as campas, ao acaso, sem distinção de nomes ou de números. Nem quinze minutos transcorreram quando se faz ouvir o motor forte de um caminhão que vem parar à entrada e dêle saltam o jardineiro, já de volta com o sargento Miguel Pereira. A presença de um soldado do Brasil, no seu uniforme impecável, batendo continência e colocando-se à nossa disposição para o que desejássemos, foi outra nota comovente dessa memorável visita. Convém frisar que propositalmente nos abstivemos de anunciá-la, desejando chegar



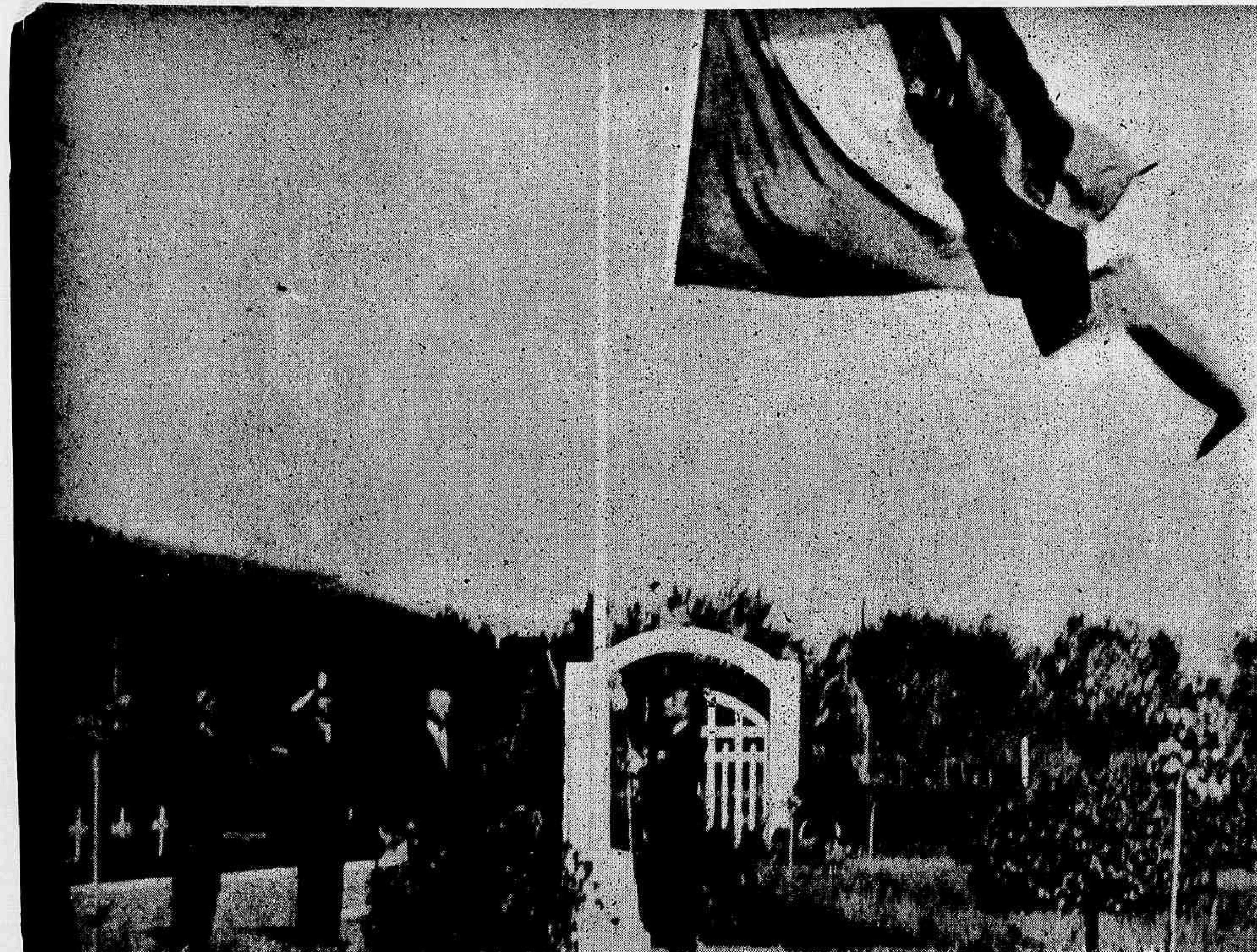
O ÚNICO CEMITÉRIO militar onde estão sepultados, em pé de igualdade, soldados inimigos, é o nosso. Ao alto, o setor destinado aos brasileiros e em baixo o local onde foram enterrados 47 soldados nazistas, cujas famílias podem visitar.



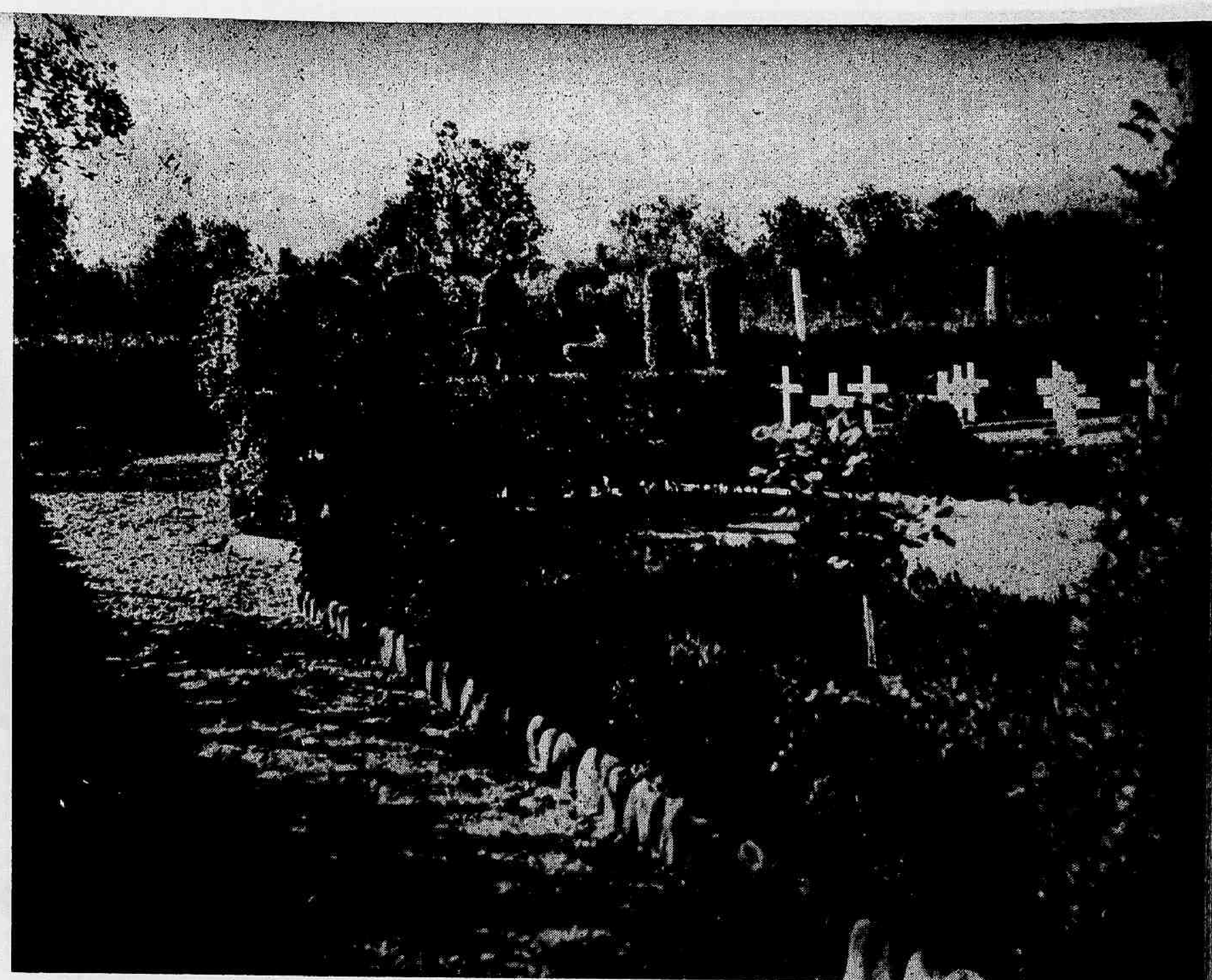
MUITAS CAMPAS, obedecendo a instruções de parentes, são ornamentadas de flores que se renovam freqüentemente. Aqui o sargento Miguel Pereira fiscalizando êsse serviço. Há também os que mandam flores do Brasil, por via aérea



OS PRACINHAS QUE REPOUSAM EM PISTOIA



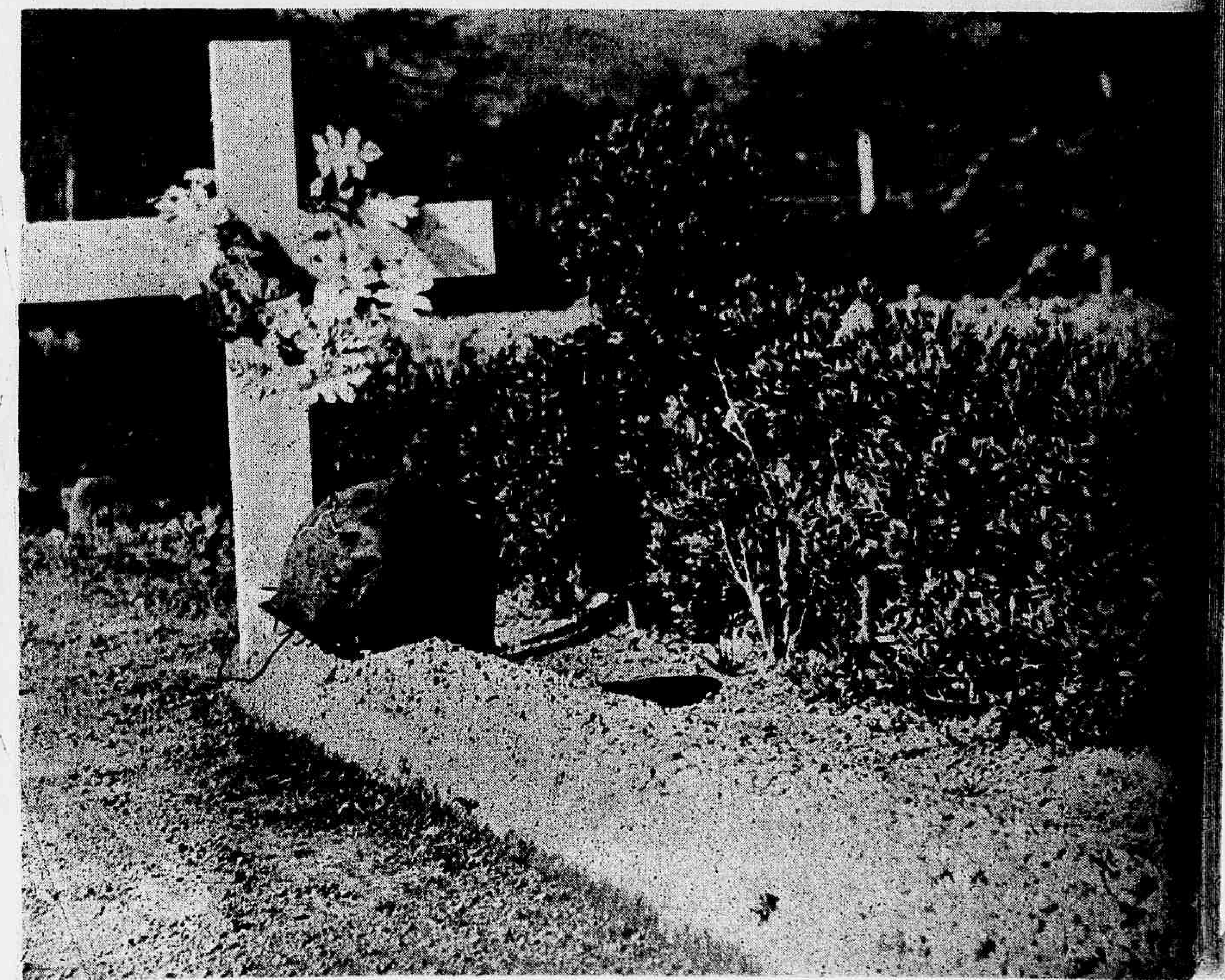




NA TARDE DE 30 DE ABRIL ÚLTIMO, às 18 horas, por deferência do zelador do cemitério, coube ao autor desta reportagem, arriar o pavilhão brasileiro, enquanto o sargento Miguel Pereira e um soldado italiano, casualmente presente, perfilavam-se em continência, tendo ao lado um cidadão que visitava o local. Na gravura, ao centro, nicho com a imagem de Nossa Senhora do Brasil, oferecida por um grupo anônimo de mães brasileiras. À direita, ainda no alto, vemos um recanto do cemitério de Pistoia em que se lê a palavra «Brasil», formada por vegetação de jardinagem

NA GRAVURA À ESQUERDA, em baixo, sepultura do «pracinha» Manassés de Aguiar Barros, vendo-se pendurado na cruz, um quadro com a fotografia do herói e uma carta enviada por pessoa da família; sôbre a terra, uma campânula de vidro resguardando flores que a família manda, anualmente, na data natalícia do «pracinha». Ao centro, a srta. Maria de Lourdes de Castro Prado Abreu, que visitava o cemitério na ocasião, examina o capacete furado pelas balas de metralhadoras e estilhaços de granada, de um soldado ainda desconhecido, cuja sepultura se vê no «clichê» imediato





Milhares de pessoas visitam anualmente o campo santo dos «pracinhas» brasileiros. Vários livros de impressões já foram preenchidos com autógrafos preciosos, e tôdas as personalidades ilustres que vão a Pistoia, neles deixam anotadas as mais carinhosas palavras de louvor à memória dos rapazes destemidos que um dia embarcaram, do Brasil, para enfrentar em terra estranha, o inimigo feroz. Aqui estão outros flagrantes obtidos quando da nossa visita àquêle reduto sagrado

de surprêsa e melhor sentir os cuidados dispensados ao cemitério.

Sabemos então, pelo sargento-zelador, que o contrôle dêsses palmos de terra está confiado ao nosso cônsul em Florença, Luiz Augusto Blake de Alencastro, e que recentemente tôdas aquelas cruzes foram substituídas. Estavam apodrecendo as primitivas, sob a ação do tempo. Numa casinhola situada ao fundo dos terrenos, onde é guardado o material de serviço, ainda continua a tarefa de preparar novas cruzes.

E iniciamos, em companhia do sargento Miguel Pereira, uma caminhada mais vagarosa pelas sepulturas. Desde logo nossa atenção é despertada para um ângulo em que se vêem, com pequena separação de terra, outras sepulturas, também marcadas com a mesma cruz de madeira branca, mas cujas chapas de identificação mostram-se de outro tipo:

— Aqui estão sepultados quarenta-e-sete soldados alemães — esclarece o nosso acompanhante.

Estranho que pareça, o Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia é o único — militar, bem entendido — onde não estão sepultados apenas soldados de um determinado país, mas também corpos de militares inimigos. Se é verdade que a morte nivela os homens, nada mais justo e humanitário que essa atitude: sem características humilhantes, lá estão, nas vizinhanças dos brasileiros, mas dentro dos limites estabelecidos pelo mesmo muro, os despojos de soldados que lutaram contra os nossos. Sua identificação pode ser feita pelas chapas afixadas na cruz, e somos informados que várias vêzes essas sepulturas de nazistas têm sido visitadas por parentes e amigos.

★

Muitas sepulturas dos nossos "pracinhas" mostram-se garridamente enfeitadas de flores:

— Esta aqui — aponta o sargento-zelador — tem as flores renovadas cada dia. Uma criança, em São Paulo, rejeitou uma bolsa de estudos que lhe permitiria empreender demorada viagem, abrindo mão da respectiva importância pedindo para ser aplicada na compra e renovação diária de flores nesta campa, onde está sepultado um parente.

Mais alguns passos e deparamos com outra campa mostrando, pendurado na cruz, um pequeno quadro, e dentro dêste, a fotografia do morto e uma carta datilografada, ao mesmo endereçada do Brasil. Sôbre a terra, uma cobertura de vidro, deixando ver, por dentro, um amarrado de flores murchas:

— Todos os anos, na data do nascimento dêste "pracinha" — informa o sargento — recebemos da família uma caixa de flores para substituir as que vieram no ano anterior. Procede-se à renovação, incineram-se as flores antigas, e substitui-se também a carta simbólica, ao ausente querido...

Fixamos o olhar na carta datilografada: é, realmente, dirigida ao morto, em frases pungentes, repassadas de afeição, como se o herói ali estivesse, em vida, e a pudesse ler.

Um travo a mais no coração...

★

No pedestal em que se faz içar a bandeira do Brasil, encontramos agora uma caixa de madeira, com tampo de vidro, e dentro dela, um envólucro de pano com as côres nacionais:

— Aqui estão alguns punhados de terra brasileira. Dêste modo, os "pracinhas" que do Brasil vieram, dormem o seu último sono mais perto da terra em que nasceram.

Mas observamos que o tampo de vidro, na parte interior, está umedecido e poroso. Sem ar renovado, impedindo a evaporação da terra, justifica-se lògicamente a condensação no ar úmido. Muita gente, porém, acredita num milagre. E a lenda, num país em que lendas dêsse gênero são frequentes, vai surgindo:

— São as lágrimas dos mortos... Ou dos parentes distantes...

★

Uma sepultura não tem ainda a ficha de identidade do morto. Lá está pendurado, entretanto, um capacete furado pelas rajadas de metralhadora e estilhaços de granada.

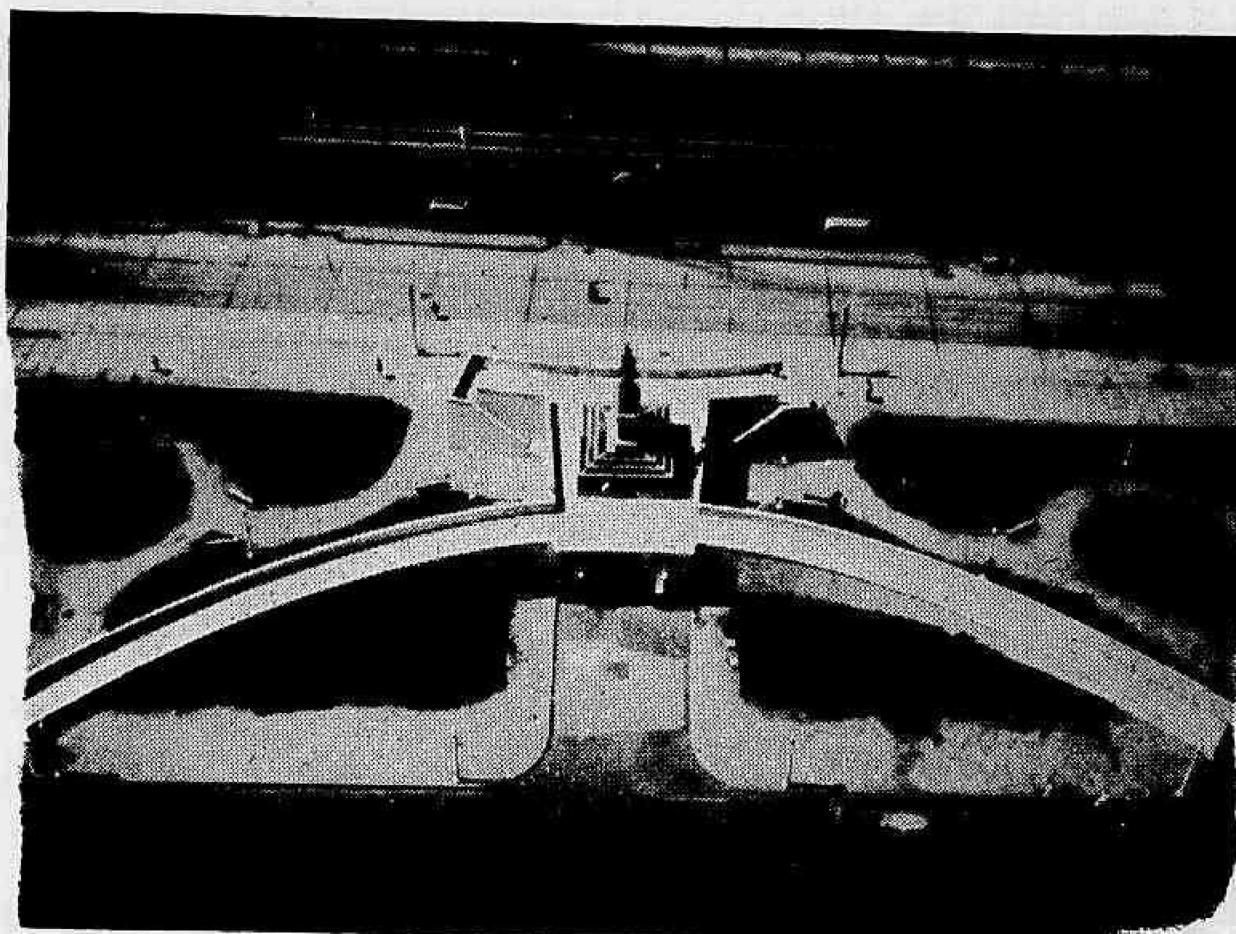
— Êste é o penúltimo transladado para aqui — vai nos dizendo o sargento Miguel Pereira — ainda desconhecido. Esperamos a identificação que neste momento se procede no Ministério da Guerra, concluída pelos dados particulares que obtivemos do morto.

— E ainda faltam muitos corpos? — indagamos.

— Apenas quatro. Não é tarefa das mais fáceis encontrar êstes despojos. Espero, entretanto, não regressar ao Brasil, sem os levar a todos.

RELAÇÃO DOS "PRACINHAS" SEPULTADOS EM PISTOIA

1 — Abel Mendania; 2 — Abilio Fernandes; 3 — Abilio J. Santos; 4 — Abilio Passos; 5 — Achiles Brasil; 6 — Adalberto Cândido Melo; 7 — Adalmir Dias Santos; 8 — Adão Wojcik; 9 — Adir Jorge. 10 — Afilófio S. Lessa; 11 — Agostinho Monteiro Silva; 12 — Aguinaldo S. Rocha; 13 — Ailson Simões; 14 — Aires Silva Dias; 15 — Alberto Melo Costa; 16 — Albino César; 17 — Alcebíades Sodré; 18 — Alcebíades B. Cunha; 19 — Alcides M. Rosa; 20 — Alcides Oliveira; 21 — Aldemar F. Ferrugem; 22 — Aleixo H. Mabba; 23 — Aleixo Venture; 24 — Alfredo Estêvam Silva; 25 — Alicio Claro Simeão; 26 — Almândio Geering; 27 — Almiro Bernardo; 28 — Altino M. Vitória; 29 — Aluísio Farias; 30 — Alvaro G. S. Sobrinho; 31 — Amarilho Gueiroz; 32 — Amaro Felíssimo Silveira; 33 — Amaro R. Dias; 34 — Américo Fernandes; 35 — Américo P. Rodrigues; 36 — Américo Rodrigues; 37 — Ananias Oliveira; 38 — Adiras N. Abreu; 39 — André E. Ribeiro; 40 — Anélio Luz; 41 — Anésio Ferreira; 42 — Antenor Chirlando; 43 — Antenor Costa; 44 — Aquino Araújo; 45 — Aristides Gouvea; 46 — Aristides José da Silva; 47 — Arlindo G. Santos; 48 — Arlindo L. Silva; 49 — Arlindo Saldanha; 50 — Arnoudt C. Raulino; 51 — Arthur Lorenço Stack; 52 — Ary Raund; 53 — Assad Feres; 54 — Atilio Piffer; 55 — Atualpa P. S. Filho; 56 — Augusto Cardoso; 57 — Aurélio V. Oliveira; 58 — Aurélio Vieira Sampaio; 59 — Aires Quaresma; 60 — Antônio Aparecido; 61 — Antônio A. Silva; 62 — Antônio A. Martins; 63 — Antônio Alves; 64 — Antônio D. de Morais; 65 — Antônio Almeida; 66 — Antônio E. Vieira; 67 — Antônio Farias; 68 — Antônio Fernandes; 69 — Antônio Ferreira; 70 — Antônio Matias Camargo; 71 — Antônio Martins Oliveira; 72 — Antônio Pinton; 73 — Antônio Oliveira; 74 — Antônio Bento Abreu; 75 — Antônio Cação; 76 — Antônio C. Ernesto; 77 — Antônio C. S. Filho; 78 — Antônio V. Paula; 79 — Antônio Silveira. —— 80 — Basilei N. Costa; 81 — Brasilio Almeida; 82 — Berlin A. Vieira; 83 — Benênio F. Gouvea; 84 — Benjamin T. Lima; 85 — Benjamin P. Silva; 86 — Benevides V. Montes; 87 — Benedito Patrício; 88 — Benedito F. Silva; 89 — Benedito Esteves Silva; 90 — Benedito E. Santos; 91 — Benedito Alves; 92 — Benedito A. Santos; 93 — Basílio Zequim Júnior; 94 — Bernardino Silva; 95 — Bruno Strifica. —— 96 — Cantido L. Paiva; 97 — Cristóvão M. Garcia; 98 — Carlos Bertini; 99 — Carlos Côco; 100 — Carlos W. Hirsserich; 101 — Claudino Pinheiro; 102 — Claudovino M. Santos; 103 — Célio do Nascimento; 104 — Celso B. Lima; 105 — Celso Santos; 106 — Cesário Aguiar; 107 — Clério Bortolo; 108 — Clito A. Araújo; 109 — Clóver Bastos Côrtes; 110 — Clóvis da Cunha Pais de Castro; 111 — Clóvis R. Silva; 112 — Constantino Moroch; 113 — Cordeiro Silva; 114 — Cosmo A. Santos; 115 — Cosmo Fontes Lira; 116 — Cyber Mendonça. —— 117 — Damásio R. Santos; 118 — Daniel R. Santos; 119 — Dermeval S. Gil; 120 — Delmiro Ferreira Silva; 121 — Desconhecido X1; 122 — X2; 123 — X3; 124 — X4; 125 — X5; 126 — X6; 127 — X7; 128 — X8; 129 — X9; 130 — X10; 131 — X11; 132 — X12; 133 — X13; 134 — X14; 135 — X15; 136 — X16; 137 — Dionisio Chagas; 138 — Dionisio Lorenzi; 139 — Diniz Pinto Matos; 140 — Dirceu Almeida; 141 — Donato Ribeiro; 142 — Diogo C. Martins; 143 — Djalma Correa; 144 — Edésio A. Carvalho; 145 — Edgar L. Pinho; 146 — Edmundo Arrobar; 147 — Edison Sales Oliveira; 148 — Eduardo G. Santos; 149 — Eduardo Pontes; 150 — El aquim Batista; 151 — Elias V. Sousa; 152 — Elídio M. Martins; 153 — Elídio R. Pinto; 154 — Elísio R. Passos; 155 — Eliseu Pinhal; 156 — Eliseu J. Hipólito; 157 — Epitácio S. Lucena; 158 — Ernande Marones de Gusmão; 159 — Ernezito Chagas; 160 — Ernesto Gonçalves; 161 — Estanislau Wojcik; 162 — Euber Q. Junior; 163 — Eugênio A. Silva; 164 — Eugênio M. Pereira; 165 — Eurides F. Nascimento; 166 — Eurípedes Lima; 167 — Eutrópio W. Freitas; 168 — Evilásio R. Assis. —— 169 — Fábio Pavani; 170 — Felicio Tomazini; 171 — Felisbino Santos; 172 — Felix Marquete; 173 — Fernandes Fonte Fleury Silva; 174 — Frederico G. dos Santos; 175 — Francisco Almeida; 176 — Francisco Alves de Oliveira; 177 — Francisco Azevedo; 178 — Francisco B. Rios; 179 — Francisco Castro; 180 — Francisco Dias; 181 — Francisco F. Pinho; 182 — Francisco Filho; 183 — Francisco Franco; 184 — Francisco G. Sousa; 185 — Francisco Hierro; 186 — Francisco J. Souza; 187 — Francisco Lopes; 188 —



Vista do Panteon, no monumento a Caxias, para onde serão removidos os restos mortais dos heroicos «pracinhas» sepultados em Pistoia, — tomada do alto do Palácio da Guerra

Francisco Mala Faia; 189 — Francisco Mega; 190 — Francisco N to; 191 — Francisco R. Eoening; 192 — Francisco Sebastan; 193 — Francisco Tamborin; 194 — Francisco Teotônio; 195 — Francisco V. Santos; 196 — Francisco Vitoriano. —— 197 — Gastão Gama; 198 — Genésio Correia; 200 — Gentil Oliveira; 201 — Geraldo A. Santos; 202 — Geraldo B. Cruz; 203 — Geraldo Berti; 204 — Geraldo Elias; 205 — Geraldo M. Santana; 206 — Geraldo R. Sousa; 207 — Geraldo Rezende; 208 — Geraldo Rosa; 209 — Geraldo Santana; 210 — Gildo S. P. Lira; 211 — Godofredo C. Leite; 212 — Gonçalo Gomes Paiva; 213 — Gregório Vilalva 214 — Guerhardt Golz; 215 — Gumercindo Silva. —— 216 — Harry Hadlick; 217 — Hélio Tomaz; 218 — Ercílio Gonçalves; 219 — Hereni Costa; 220 — Hermínio A. Sampaio; 221 — Hermínio A. Silva; 222 — Hermínio Cardoso; 223 — Hilário Décimo Zanesco; 224 — Honório C. D. Filho; 225 — Hortêncio Rosa; 226 — Hugo Gonçalves; 227 — Humberto Nogueira; 228 — Hyvio D. Naliato; 229 — Ileno R. Marinho; 230 — Inácio Gomes; 231 — Iraci Luquina; 232 — Izanor F. Campos; 233 — Ivo Rosback de Oliveira; 234 — Isidoro Matoso; 235 — Jacinto L. Costa; 236 — Jair S. Tavares; 237 — Jamir Dagli; 238 — Jesuíno Ventura; 239 — Jorge A. Silva; 240 — Jorge C. Lima; 241 — Jorge M. Prado; 242 — Jorge Moçores; 243 — Júlio Conceição; 244 — Jupuir S. Pinto; 245 — Justino J. Ladeira; 246 — João Alberto Alves; 247 — João Américo Silva; 248 — João B. Reis; 249 — João B. Rotelo; 250 — João F. Machado; 251 — João Florindo Zaneth; 252 — João F. Silva; 253 — João J. Nascimento; 254 — João L. Filho; 255 — João Lopes de Assunção; 256 — João M. Alves; 257 — João M. Alberto; 258 — João M. Batista; 259 — João M. de Medeiros; 260 — João M. Rocha; 261 — João M. S. Marques; 262 — João Moreira; 263 — João Nunes; 264 — João O. Carmo; 265 — João P. Carvalho; 266 — João P. da Silva; 267 — João F. Franco; 268 — João Rechocoski; 269 — João Rodrigues; 270 — João S. Faria; 271 — João S. Pimentel; 272 — João Protzek; 273 — João Spinardet; 274 — João Zapela; 275 — José A. Anjos; 276 — José Alves Abreu; 277 — José Andrade; 278 — José Araújo; 279 — José A. Machado; 280 — José A. Moreira; 281 — José A. S. Peçanha; 282 — José A. Santos; 283 — José B. A. Filho; 284 — José Balbino; 285 — José Bravos; 286 — José C. Sampaio; 287 — José Carlos Silva; 288 — José D. Pereira; 289 — José F. Souza; 290 — José Fernandes; 291 — José Fernandes Silva; 292 — José Ferreira; 293 — José L. Furtado; 294 — José Jerônimo Mesquita; 295 — José Garcia Lopes; 296 — José Higaskino; 297 — José Gomes; 298 — José Gomes Barros; 299 — José Graciliano Carneiro da Silva; 300 — José Guilherme da Silva; 301 — José J. Costa; 302 — José L. Santos; 303 — José Leite Silva; 304 — José Lima; 305 — José M. Oliveira; 306 — José Maria Pinto Duarte; 307 — José M. Dias; 308 — José Morais; 309 — José P. Sobrinho; 310 — José P. B. Filho; 311 — José Rufino Costa; 312 — José S. A. Filho; 313 — José S. Oliveira; 314 — José Serafim; 315 — José Silva; 316 — José Soeck; 317 — José V. Conceição; 318 — José V. Paulo; 319 — José V. Solon; 320 — José Varela; 321 — Joaquim Oliveira; 322 — Joaquim P. Lobo; 323 — Joaquim Severino; 324 — Joaquim X. Lira. —— 325 — Laézio Xavier de Mendonça; 326 — Laudelino Campos; 327 — Laudelino Nogueira; 328 — Laurentino S. Nonato; 329 — Lélio M. Sousa; 330 — Leônidas Moreira; 331 — Livio B. Santos; 332 — Lucino N. Celásio; 333 — Luís Geraldo Silva; 334 Luís L. Dornelles; 335 — Luís M. Ferreira; 336 — Luís R. Filho; 337 — Luís R. Pires; 338 — Luís Stobel; 339 — Luís T. Leão. —— 340 — Manasses Barros; 341 — Marcelino Jachnsk; 342 — Marcelino Lourenço; 343 — Márcio Pinto; 344 — Marino Felix; 345 — Mário Mordelli; 346 — Maurício Martins; 347 — Maurício Rodrigues; 348 — Max Wolff Filho; 349 — Moisés Oliveira; 350 — Manuel A. Reis; 351 — Manuel A. Santos; 352 — Manuel Barbosa da Silva; 353 — Manuel Chagas; 354 — Manuel E. Souza; 355 — Manuel Furtado; 356 — Manuel Gomes; 357 — Manuel L. Paiva; 358 — Manuel Pinto; 359 — Manuel de Souza; 360 — Miguel F. Dias; 361 — Miguel M. Cabral; 362 — Miguel S. Filho; 363 — Nelson Fonseca; 364 — Nelson Baracho dos Santos; 365 — Nilo M. Pinheiro; 366 — Noraldino Rosa dos Santos; 367 — Norberto H. Weber. —— 368 — Olavo S. Amaral; 369 — Oldegardo Sapucaia; 370 — Olimpio Borges; 371 — Olivaldo B. V. Nova; 372 — Orlando F. Martins; 373 — Orlando Randé; 374 — Osmar B. Nascimento; 375 — Oscar Chade; 376 — Osmar C. Claro; 377 — Osvaldo Carvalho; 378 — Oscar Rossing; 379 — Osvaldo Conceição; 380 — Osvaldo J. Oliveira; 381 — Osvaldo Lélis; 382 — Osvaldo Mendes da Rocha; 383 — Osvaldo Pereira; 384 — Otacilio de Sousa; 385 — Otávio S. Aragão; 386 — Otelo Ribeiro; 387 — Otto Unger. —— 388 — Paulo D. Rôla; 389 — Pedro G. Moreira; 390 — Pedro Krinski; 391 — Pedro L. Filho; 392 — Paulo E. Pereira; 393 — Paulo Jó Araújo; 394 — Paulo Moreira; 395 — Paulo Pereira; 396 — Paulo P. da Silva; 397 — Paulo Pinheiro; 398 — Paulo Sansini; 399 — Pedro M. Sousa; 400 — Pelópidas Passaman; 401 — Prim Rodrigues Canes; 402 — Rafael Buzarello; 403 — Rafael Pereira; 404 — Raul M. Marinho; 405 — Ricardo M. Filho; 406 — Roberto Marcondes; 407 — Rodoval Trindade; 408 Rodrigues L. Silva; 409 — Rolando Rittmeister 410 — Romeu Casagrande; 411 — Romeu Cocco; 412 — Rosário Conceição; 413 — Rubens Leite; 414 — Rubens Sousa; 415 — Rui L. Ribeiro. —— 416 — Sansão A. Santos; 417 — Saul Vasconcelos; 418 Sebastião Cerrat; 419 — Sebastião Chaves; 420 — Sebastião Felicio; 421 — Sebastião Garcia; 422 — Sebastião Machado; 423 — Sebastião Ribeiro; 424 — Sebastião Vanna; 425 — Sérgio Bernardino; 426 — Sérgio Glevinki; 427 — Severino Farias; 428 — Severino Filho; 429 — Servino Mengarda; 430 — Simeão A. Almeida; 431 — Simeão Fernandes; 432 — Simplicio V. Lara; 433 — Teodoro Francisco Ribeiro; 434 — Teonilo Souza; 435 — Tomaz A. Machado; 436 — Teodoro Sativa; 437 — Toribio Silva. —— 438 — Ulpiano Santos. —— 439 — Vasco Teixeira da Silva; 440 — Vicente Almeida; 441 — Vicente Batista; 442 — Virginio Lúcio; Vital Fontoura. —— 443 Waldemar A. Silva; 444 — Waldemar Fidalgo; 445 — Waldemar M. de Almeida; 446 — Waldemar M. Santos; 447 — Waldemar Medeiros; 448 — Waldemar Rodrigues; 449 — Waldir P. Melo; 450 — Walmir E. Holder; 451 — Walter P. Souza; 452 — Wenceslau Firmino; 453 — Wenceslau Spance; 454 Wilson A. Oliveira; 455 — Wilson Ramos; 456 — Wilson Ribeiro Bonfim; 457 — Wenzel Marterer; 458 — Waldemar Teixeira.



A menina Michela, filha do sargento Miguel Pereira, nascida em Pistoia, mas registrada no Consulado Brasileiro, beija o pavilhão nacional doado pela família Savarese, do Rio, ao cemitério. Ao lado, o carrinho e a boneca da graciosa criança



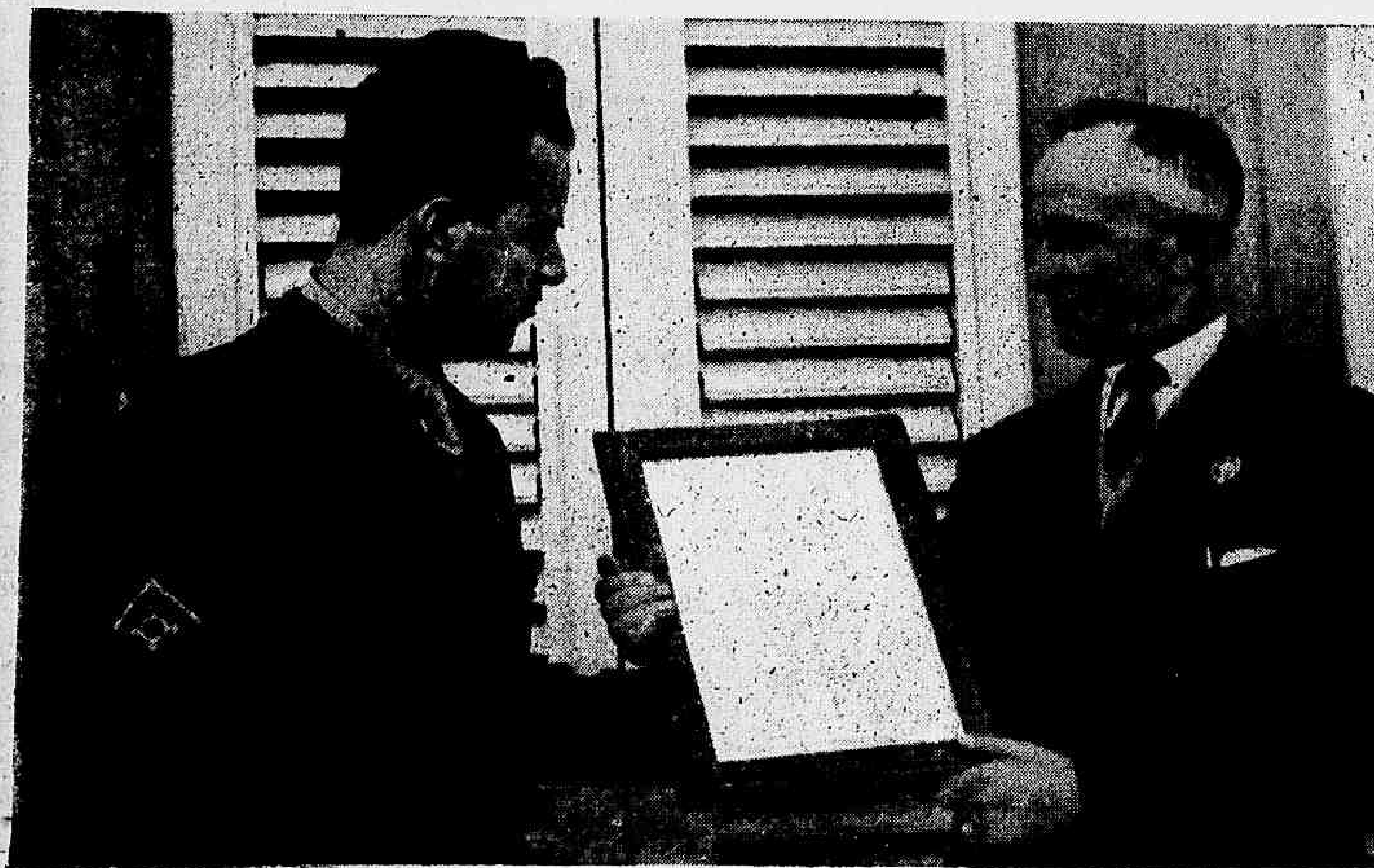
Uma família brasileira em Pistoia: 2.º sargento Miguel Pereira com a espôsa, d. Giuliana e a filhinha, Michela



O zelador do cemitério de Pistoia, em companhia da espôsa, d. Giuliana, da filhinha e de outros parentes. Quando os restos dos «pracinhas» forem trazidos para o Rio, o sargento Miguel Pereira, com a espôsa e a filhinha também virão

Terminada a guerra, o Ministério da Defesa italiano deu início a êsse trabalho, procurando restos mortais de combatentes de tôdas as nações que tivessem sido dados à sepultura fora de cemitérios. Nesse piedoso mister, colaboraram os brasileiros, sob o comando do sargento Miguel Pereira. Mas acontece que muita gente, voltando aos seus domínios, depois da guerra, nêles encontrou, num fundo de quintal, num canto de jardim — o cadáver de um soldado. Receiando, talvez, ser apontado como o causador da morte, o chefe da casa trata de omitir êsse encontro, sepultando sem demora o cadáver lá mesmo, dentro dos seus domínios, sem dizer nada a ninguém. Principalmente, às autoridades.

E' preciso, agora, pesquisar com calma e paciência, procedendo a demorados inquéritos junto à população de tôdas as regiões, e frisando a cada momento que não há o propósito de culpar a ninguém, mas apenas o de recolher todos os corpos. Alguns têm sido encontrados, depois de laborioso trabalho, enquanto outros podem tem ficado sob a neve, nas imediações de Monte Castelo, às vêzes conservados, mercê da temperatura baixa, pois em certos pontos a neve é permanente. Estamos na primavera, mas à distância, por detrás dos morros mais próximos, distinguimos altas montanhas cobertas de neve. Estarão por ali os quatro "pracinhas" brasileiros ainda não encontrados?



O sogro do zelador Miguel Pereira é um veterano da primeira grande guerra: chama-se Menichini Pietro e fêz questão de posar mostrando o quadro que encerra o documento da sua ação em campanha. Traz à lapela um escudo de veterano



D. Giuliana Pereira espôsa do sargento Miguel, é uma hábil acordeonista e fala correntemente o português



. . . E TERMINADA A VISITA AO SOLO SAGRADO EM QUE REPOUSAM OS "PRACINHAS", O REPÓRTER DESPEDE-SE DO MILITAR PATRÍCIO COM UM "ATÉ OUTRA VEZ . . . LÁ NO BRASIL!"

Nicodemus

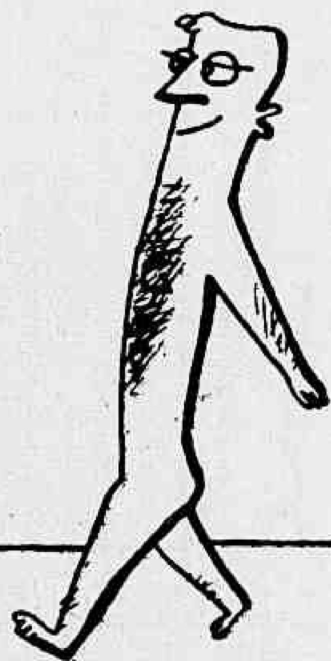
PARA AS 36 HORAS DE 1 DIA DE FESTAS CITA ALGUMAS DAS

bôas maneiras

'A LA SIESTA DO PEQUENO ALMOÇO NÃO DURMA ABERTAMENTE, FECHE-SE, DEIXANDO QUE AS PALPEBRAS PESADAS POR MORFEU ENCUBRAM LENTAMENTE A MENINA DOS SEUS OLHOS...

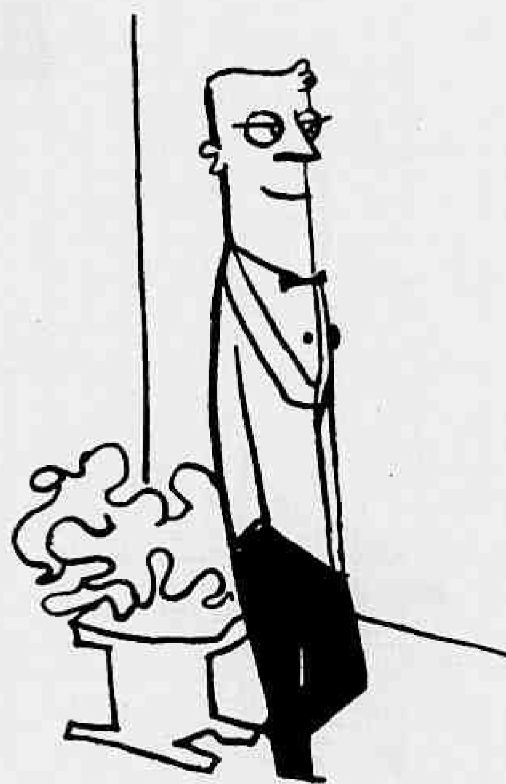


... VOCÊ SE SENTIRÁ A SÓS COM ELA, COM AQUELA LOURINHA SENTADA A SUA FRENTE, NA ESCURIDÃO ACONCHEGADORA, CONVIDATIVA, NO LABORATORIO SECRETO DE SEUS PENSAMENTOS...

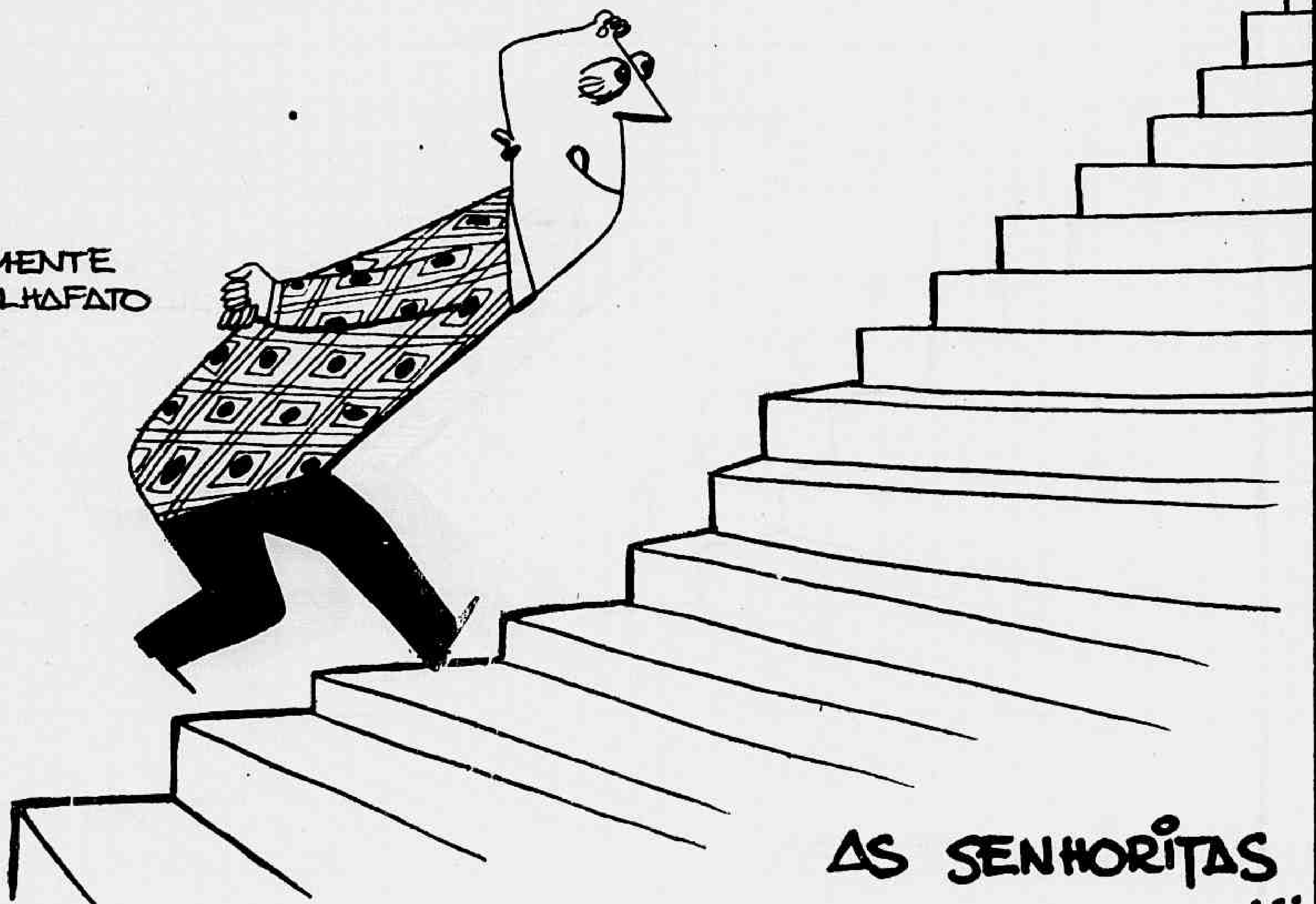


NO FIVE-O'TI-CLOCK NÃO SE VISTA C/ ESPALHAFATO. USE APENAS O NECESSARIO PARA NÃO CONVERGIR ATENÇÕES...

... E NÃO CONSERVE AS MÃOS NOS BOLSOS. ELAS GOSTARÃO DE SABER SE VOCÊ E' OU NÃO E' CASADO...



... E DEPOIS DO NÃO DURMA ABERTAMENTE NÃO SE VISTA C/ ESPALHAFATO NÃO CONSERVE AS MÃOS NOS BOLSOS, AO SE RECOLHER, SUBINDO ESCADAS, SEJA GENTIL, CEDA O SEU LUGAR, LEMBRE-SE:



PRIMEIRO ... AS SENHORITAS ...

SÔBRE O AMOR

Madame Craven fixou o que vem a ser o amor verdadeiro: é o esquecimento de nós próprios.

★

Outra mulher, a apaixonada Mariana Alcoforado, Soror Mariana, aquela que muito amou, disse também, numa de suas cartas imortais: "Dediquei-te a minha vida, apenas te vi, e sinto algum gôsto em fazer-te dela sacrifício".

★

E' de Aristóteles o pensamento: amar é deixar de viver em si, para viver em outros seres.

★

De Thiandiére: o amor transforma o sacrifício em alegria.

★

Michelet indagando qual o fim da mulher, sua missão, achou como resposta: primeiro, amor, segundo, amar a um só homem; terceiro, amar para sempre.

★

O sábio La Rochefoucauld veio dar uma justificativa aos ciumentos afirmando que — quando se ama, duvida-se muitas vêzes daquilo em que mais se acredita.

★

A humanidade — escreveu o irônico Anatole France — gira tôda em tôrno de dois eixos: a fome e o amor.

★

Amor, todo o bem do mundo vem de ti — afirmou Platão. E concluiu: Tu és a chama sem a qual nós seríamos como pintores no meio das trevas, sem nos podermos servir das côres.

★

O amor, sol das nossas noites — exclamava Dante-Gabriel Rossetti... Sol das nossas noites...

LYSE







SUGESTIVOS

ALGUNS sugestivos modelos de Hollywood, apresentamos aqui à apreciação das nossas leitoras. Em cima, vemos a linda Virginia Mayo, da Warner, exibindo um modêlo para praia em duas peças. Blusa em séda de duas côres, deixando nu o estômago. Saia recortada na frente, com bolsos embutidos. A esquerda: Jane Russell, da RKO apresenta um colante vestido de cetim. Corpo drapeado com pequenas alças, saia com um pouco de cauda. — Lois Wheeler, da RKO exibe um costume prático, em casemira. Saia godê e casaco cintado, enfeitado com um laço de cetim estampado.





MODELOS JUVENIS



ESTA coleção de modelos juvenis para Outono agradará por certo pelo encanto e graça dos vestidos. Pela grande variedade com que se apresentam servem para tôdas as ocasiões. — Em cima: costume de casemira, saia justa e casaco cintado, com amplos bolsos. — Ideal para escola, êste conjunto em lã quadriculada. Casaco três quartos, sôlto, saia justa, colete abotoado na frente, com gola terminada em ponta. — Em baixo: conjunto de blusa de tricô e saia de casemira com dois bolsos laterais. — Encantador vestido de tule. Corpo decotado, sem alças, saia com dois babados mais compridos atrás que na frente. O corpo e os babados são enfeitados com fina renda.





CINTADOS OU AMPLOS





ÊSTE ano voltaram os casacos compridos, não sendo usados apenas os 3 quartos. Quanto ao estilo, também variam, sendo uns cintados e outros amplos. Esta coleção de modelos mostra a diversidade de comprimento e talhe. À direita, modêlo em lã cinza, sem gola, abotoado em todo o comprimento. Mangas com grandes punhos terminados em bico. Em cima: a elegância dêste casaco três quartos está nos recortes que apresenta. Modêlo amplo, sem botões ou casas. Em baixo: criação francesa, a dêste casaco godé, um pouco mais comprido atrás que na frente. A gola e os bolsos são bem grandes. — Modêlo exótico em lã branca, gola grande e suspensa, mangas amplas abotoadas com três botões.



ESTAS toilettes vão desde o costume para manhã até ao luxuoso vestido para cocktail . Em cima: vestido de lã em duas peças. Casaco aberto até à cintura, mangas amplas enfeitadas com fazenda branca e botões. O vestido de baixo é inteiro, enfeitado em cima com a mesma fazenda das mangas. — Em baixo: vestido de lã com gola e punhos brancos enfeitado com grande laço e elegante casaco com gola esporte e saia godé, abotoado com um único botão na cintura. Betty Underwood também da RKO, veste um modêlo em jersey de lã. As luvas, o capuz e a estola são do mesmo jersey, porém listrado. — Tailleur para manhã em lã de dois tons. Casaco cintado adornado com bolsos e gola esporte.

MODELOS PARA TODAS AS HORAS













VOLTOU a moda dos véus amplos, cobrindo o rosto. Os chapéus mais modernos para a estação apresentam véus lindos ou com "pois". Usam-se também véus engomados e armados imitando redes. — Chapéus de feltro cinza com aba larga e véu com grandes "pois" aplicados, em azul-marinho. — À esquerda, modêlo estilo boina, enfeitado com penas, véu armado caíndo até o pescoço com "pois" branco. — Em baixo: Copa bem enterrada com pequena aba. Véu de tule caíndo até ao queixo, penas de pavão. — Finalmente, uma interessante sugestão para noite; véu de tule coberto por flores de fazenda.

FELTROS E VÉUS

Passou a dôr?
-um SORRISO-



graças a
CAFIASPIRINA
O REMÉDIO DE CONFIANÇA

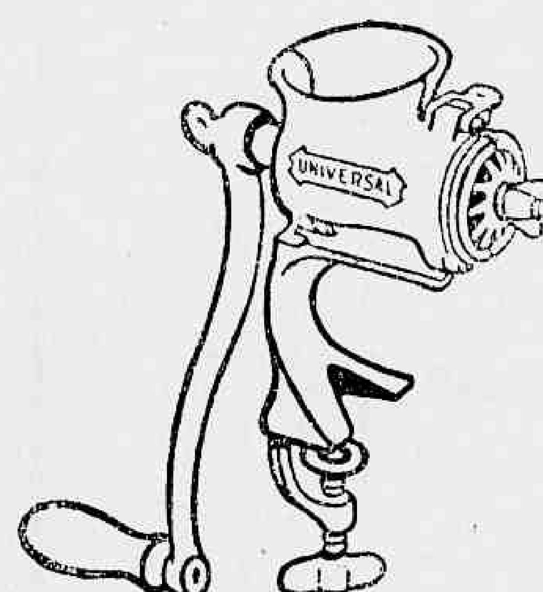


POMADA MINANCORA
Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

WEEK-END NA COZINHA



OVAS FRITAS

Tome dois pares de ovas salgadas, lave e deite de môlho de véspera ou durante umas 4 horas. Enxugue, passe em farinha de trigo e frite em banha quente.

PASTÈIZINHOS DE CAMARÃO

Ponha ½ litro de leite a ferver com 2 colheres de chá de sal e 2 colheres de sopa de manteiga. Peneire 1 quilo de farinha de trigo numa tijela e despeje sôbre a farinha, e leite fervendo, aos poucos e mexendo sempre. Depois de bem ligado, junte 2 gemas e amasse bastante. Se ficar dura a massa, ponha mais leite. Deixe esfriar e abra bem fina com o rôlo. Faça pastèizinhos de 3 centímetros de comprimento, recheie com camarão e leve a fritar em banha bem quente que os cubra. Prontos, coloque sôbre papel pardo.

RECHEIO DE CAMARÕES

Tome 1 quilo de camarões, lave, descasque, e deite num refogado feito com 1 colher de manteiga e ½ de cebola picadinha. Molhe com 1 xicara de água, deite sal, tomates e leve a cozinhar. Retire os camarões, côe o caldo, junte 2 colheres de farinha, 1 xicara de leite, e leve ao fogo, batendo com o batedor para não encaroçar. Junte 3 gemas ou 2 ovos, um a um, sempre batendo, e por último os camarões picados. Para as massas fritas o recheio deve ser bem mais espêsso do que para as assadas, e bem frio, para não deformar os envólucros. Para peças pequenas passe os camarões na máquina.

ARGOLAS ROYAL

50 gramas de manteiga, 15 gr de açúcar, 1 ôvo, 1 xicara de leite, 1 pitada de noz-moscada (se quiser), 400 gr de farinha de trigo, 1 colher rasa de chá de sal e 4 de fermento Royal. Ponha a manteiga numa vasilha e, sempre batendo com colher de pau, junte o açúcar e o ôvo. Incorpore o leite, o sal, e vá juntando a farinha e o fermento, peneirados juntos. Amasse com as mãos e se ficar mole, junte mais farinha. Abra até 1 cm de espessura, corte rodelas de 6 cm de diâmetro e faça um furo no meio de 3 centímetros de dâmetro, a fim de formar argolas. Já existe cortadores duplos, e pode-se também fazer as argolas com um copo e um cálice. Amasse as sobras e torne a abrir. Frite em bastante banha, bem quente, até ficarem escuras, virando uma só vez. Escorra bem e deite sôbre papel pardo. Sirva simples ou polvilhadas de açúcar. Quentes são melhores. São muito gostosos com café com leite, principalmente na roça, onde não há pão fresco.

BANANAS COM GELÉIA

Parta ao meio algumas banas. Arrume num prato de cristal, cubra com geléia de goiaba ou outra fruta qualquer e deite por cima creme de leiteria batido, formando arabescos, por meio do saco apropriado.

FÔRMA DE TALHARIM COM GALINHA

Unte uma fôrma com manteiga e forre com fatias de lingua afiambrada. Ensope uma galinha com bastante tomate, separe a carne, sem peles, e parta aos pedacinhos. Deite os ossos e peles de novo no môlho. Junte 1 colher de cebola tostada na manteiga, 1 cálice de vinho, 1 xicara de água, e leve a ferver. Junte o figado da galinha, passe tudo pela peneira e adicione 1 colher de manteiga. Cozinhe 250 gr de talharim, escorra e vá arrumando na fôrma preparando as camadas de talharim, do picado da galinha e de queijo ralado. Por último regue com um pouco de môlho e cubra com 3 ovos batidos. Leve a assar em banho-maria. Não desenfôrme logo ao sair do forno, para que não se parta. Junte ao resto do môlho 1 latinha de champignons escorridos e partidos em rodelas, despeje sôbre a forja e sirva quente. Pode substituir a lingua por pre-

FILET ASSADO

Tome 3 quilos de filet, limpe, fure com o garfo e deixe no sal. Guarde em lugar fresco. Uma hora antes de servir, deite numa assadeira com manteiga e leve a assar em forno quente, não deixando de regar de vez em quando com o próprio môlho. Quando ao espetar o garfo sorar uma água ligeiramente rosada, está pronto. Parta em fatias finas e torne a recompor a peça. Desengordure o môlho, deite um pouco de água quente na assadeira, misture e sirva na molhadeira.

SOPA REAL DE CENOURA

Tome os ossos que tiver e alguns pedaços de carnes com nervos, que não queira aproveitar, deite-os num caldeirão e leve a tostar com 2 colheres de cebolas picadas, para que fique com a côr dourada. Depois, junte 1 ou 2 molhos de cenouras, 1 nabo, 1 alho-porrô e 1 galho de aipo; molhe com água e sal e leve a cozinhar em fogo brando, por bastante tempo. Desengordure, retire as cenouras e côe tudo por um guardanapo molhado. Tempere de sal. Tome as cenouras cozidas, esmigalhe com uma colher de farinha, ½ xicara de leite, e passe pela peneira. Junte sal, 1 colherzinha de açúcar, 3 ovos — as claras em neve — e leve a assar em banho-maria, numa fôrma untada de manteiga. Depois de assado e frio corte em fatias, depois em pedacinhos bem iguais, deite na sopeira e despeje o caldo bem quente por cima.

QUEIJO FRITO

Queijo, pimenta, ôvo, farinha de trigo e farinha de rósca. Corta-se o queijo em losangos que se cobrem com pimenta do reino ou pimenta páprika. Deitam-se êsses losangos em farinha, ôvo batido e farinha de rósca, frigindo-se em seguida em gordura. Servem-se imediatamente com torradinhas.

MÔLHO MAIONESE

1 gema, 1/4 de litro de azeite (ou 2 gemas e ½ litro de azeite), sal, um pouco de sumo de limão ou 2 colherinhas de vinagre, um pouco de mostarda. Todos os ingredientes devem ter mais ou menos a mesma temperatura, mais ou menos 15 graus. Misturam-se o sal e a mostarda e algumas gôtas de vinagre com a gema. Mexe-se muito bem e, depois, vai se acrescentando o azeite, de gôta em gôta, sem parar de mexer. Por fim, junta-se suco de limão ou vinagre à vontade. Êste môlho vai muito bem com salada simples, salada mista, carne e peixe frios e serve também para guarnecer pãezinhos cobertos. Querendo conservar a maionese por alguns dias, juntam-se-lhe por fim algumas gôtas de água fervendo.

BOLINHOS DE QUEIJO

250 gr de queijo, massa de panquecas com 5 ovos, gordura. Prepara-se a massa de panquecas, à qual se junta o queijo ralado. Tiram-se colheradas desta massa que se vão frigindo em gordura.

KNEDEL DE FERMENTO

½ quilo de farinha, ¼ de litro de leite, 2 ovos, 1 colher de manteiga, sal e 15 a 20 gr de fermento. Com parte da farinha, e leite e o fermento, prepara-se uma massa que se põe em lugar quente para crescer. Quando ela estiver crescida, juntam-se a manteiga, os ovos batidos e o resto da farinha. Amassa-se tudo muito bem, formando knedels que se deixam crescer mais uma vez e que se deitam em água fervendo com sal, onde devem ficar por 15 minutos. Antes de servir, introduz-se um garfo até o centro de cada knedel, abrindo-se um pouco. Nesta cavidade pinga-se um pouco de manteiga derretida.

WEEK-END NA COZINHA

molhe com água e sal e leve a cozinhar em fogo brando, por bastante tempo. Desengordure, retire as cenouras e côe tudo por um guardanapo molhado. Tempere de sal. Tome as cenouras cozidas, esmigalhe com uma colher de farinha, ½ xícara de leite, e passe pela peneira. Junte sal, 1 colherzinha de açúcar, 3 ovos — as claras em neve — e leve a assar em banho-maria, numa fôrma untada de manteiga. Depois de assado e frio corte em fatias, depois em pedacinhos bem iguais, deite na sopeira e despeje o caldo bem quente por cima.

QUEIJO FRITO

Queijo, pimenta, ôvo, farinha de trigo e farinha de rôsca. Corta-se o queijo em losangos que se cobrem com pimenta do reino ou pimenta páprika. Deitam-se êsses losangos em farinha, ôvo batido e farinha de rôsca, frigindo-se em seguida em gordura. Servem-se imediatamente com torradinhas.

MÔLHO MAIONESE

1 gema, 1/4 de litro de azeite (ou 2 gemas e ½ litro de azeite), sal, um pouco de sumo de limão ou 2 colherinhas de vinagre, um pouco de mostarda. Todos os ingredientes devem ter mais ou menos a mesma temperatura, mais ou menos 15 graus. Misturam-se o sal e a mostarda e algumas gôtas de vinagre com a gema. Mexe-se muito bem e, depois, vai se acrescentando o azeite, de gôta em gôta, sem parar de mexer. Por fim, junta-se suco de limão ou vinagre à vontade. Êste môlho vai muito bem com salada simples, salada mista, carne e peixe frios e serve também para guarnecer pãezinhos cobertos. Querendo conservar a maionese por alguns dias, juntam-se-lhe por fim algumas gôtas de água fervendo.

BOLINHOS DE QUEIJO

250 gr de queijo, massa de panquecas com 5 ovos, gordura. Prepara-se a massa de panquecas, à qual se junta o queijo ralado. Tiram-se colheradas desta massa que se vão frigindo em gordura.

KNEDEL DE FERMENTO

½ quilo de farinha, ¼ de litro de leite, 2 ovos, 1 colher de manteiga, sal e 15 a 20 gr de fermento. Com parte da farinha, o leite e o fermento, prepara-se uma massa que se põe em lugar quente para crescer. Quando ela estiver crescida, juntam-se a manteiga, os ovos batidos e o resto da farinha. Amassa-se tudo muito bem, formando knedels que se deixam crescer mais uma vez e que se deitam em água fervendo com sal, onde devem ficar por 15 minutos. Antes de servir, introduz-se um garfo até o centro de cada knedel, abrindo-se um pouco. Nesta cavidade pinga-se um pouco de manteiga derretida.

ESPUMA DE MARMELOS

8 marmelos bem maduros, casca ralada de 1 limão, açúcar refinado, 3 claras. Descascam-se os marmelos, cozinham-se com pouca água, escorrem-se, passam-se por uma peneira e misturam-se com o mesmo pêso em açúcar. Junta-se a casca de limão e as claras bem batidas, e mexe-se até que fique uma massa dura e branca.

Com uma colherinha das de café fazem-se montinhos em uma assadeira untada ou forrada com papel, polvilham-se com açúcar e deixam-se a secar em forno fraco.

CASCAS DE SUSPIROS

4 claras, 200 gr de açúcar. Batem-se muito bem as claras e vai-se misturando o açúcar devagarinho. Põe-se a massa em um cartucho de papel com o orifício em forma de estrêla (ou em aparelho próprio), espreme-se, formando os suspiros redondos ou compridos, polvilha-se com um pouco de açúcar e leva-se para secar em forno fraco durante 1-2 horas.

Estas cascas devem ficar sêcas por fora e úmidas por dentro. Apertam-se do lado de baixo, formando uma cavidade que se recheia com creme Chantilly, purée de castanhas, morangos açúcarados, pedacinhos de abacaxi ou qualquer outra fruta.

PASTÉIS ROMANOS

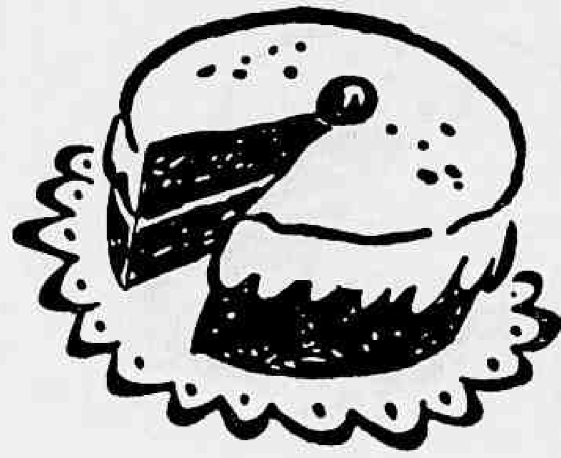
1 xícara pequena de leite, 125 gr de farinha de trigo, 2 gemas, sal e 1 colher de sopa de azeite. Com êstes ingredientes faz-se uma massa mole da qual se põe um pouco em uma xícara estreita.

Esquenta-se bem bastante gordura em uma caçarola funda, mergulha-se nela o ferro dos pastéis romanos, põe-se imediatamente dentro de 1 xícara com a massa e logo em seguida frita-se na gordura quente. Os pastéis descolam-se por si mesmos da fôrma; depois de fritos, deixa-se escorrer em uma peneira.

Enchem-se com verduras, carnes, camarões e palmitos. Recheados com purée e verduras, servem-se com assado.

ASPARGOS COM MAIONESE

Cozinham-se os aspargos em água e sal e, quando moles, retiram-se do fogo e deixam-se esfriar na mesma água em que foram cozidos. Em seguida, tiram-se cuidadosamente, deitando-se os mesmos sôbre uma peneira, deixando-se assim escorrer a água. Arrumam-se depois sôbre um prato, dando-lhes uma disposição de grade. Em volta do prato, arrumam-se rodelas de tomates. Guarnece-se o prato com montículos de maionese, môlho êsse que também deve ser servido à parte.



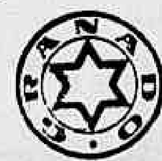


MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

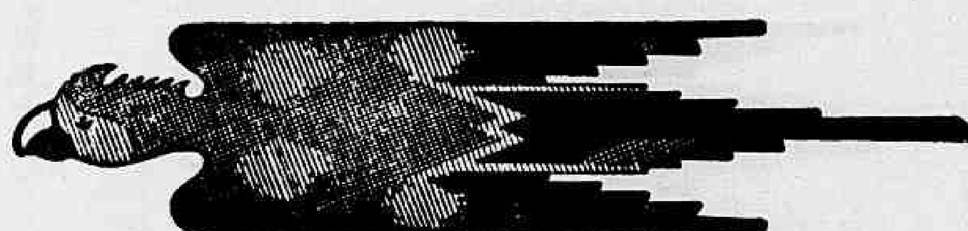
Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

AEROVIAS



ANÁPOLIS • ARACAJÚ • ARAGUARÍ • BELÉM • BELO HORIZONTE • BOM JESUS DA LAPA • CAROLINA • CORONEL FABRICIANO • CURITIBA • FORTALEZA • GOIÂNIA • ILHÉUS • LA GUAIRA (Venezuela) • LONDRINA • MACEIÓ • MIAMI (Estados Unidos) • NATAL • PARAMARIBO (Guiânia Holandeza) • PARNAIBA • PEDRO AFONSO • PETROLINA • PORTO ALEGRE • PORTO NACIONAL • PORT OF SPAIN (Trinidad) • RECIFE • RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • SÃO LUIZ • SALVADOR • TEREZINA • TRUJILLO (Rep. Dominicana) • UBERABA • UBERLÂNDIA • VARGINHA • VITÓRIA.

BRASIL

A SAÚDE DO BEBÊ

MENINGITES INFANTIS

DR. SABOIA RIBEIRO

A verdadeira meningite acompanha-se tanto das convulsões, e por outro lado, são tão comuns as simples reações meniagéas no decurso do sarampo, gripe ou pneumonia, que dêsse modo, em face das convulsões como dessas reações o temor da meningite é uma constante preocupação quando ocorrem semelhantes manifestações.

Há, no entanto, duas espécies de convulsões que não devem fazer presumir a hipotese de uma meningite: aquelas que se declaram desacompanhadas de qualquer manifestação febril, ou aquelas observadas em qualquer molestia nas últimas horas da vida.

Também antes de 3 meses as convulsões são dependentes, às mais das vêzes, de enfermidades crônicas do encefalo..

As *perturbações da conciência* são também arroladas muita vez como meningite, erroneamente

O olhar parado e dirigido para o espaço, reação diminuida das excitações exteriores como o som, a luz e as impressões tacteis, quer delicadas, quer dolorosas, eis como se mostram as perturbações da conciência.

No entanto nada têm de especifico da meningite, sendo antes comum no decurso de qualquer infecção com febre alta, excluida a hipotese da infecção na ocorrência da *intoxicação alimentar*.

Os mais aparentes que permitem cogitar das miningite são de investigação delicada e naturalmente coisa sòmente médico.

Mesmo um dêles — o *opistotonus* — consistindo na flexão violenta da nuca, é, não obstante inconstante no lactente.

A tensão craneana aumentada é um outro sinal que deve ser procurado, sempre, nos primeiros meses da criança, ao nível da moleira.

Esta se apresenta saliente e bombeada. Êste sinal é muito importante porque sòmente nos processos encefaliticos ela também se mostra, bem que nem sempre.

A observação do gráu de tensão da moleira é de suma importância na criança pois pode acobertar inclusive um estado de meningite latente.

E' porém sòmente o exame do liquido cefalo-raquideano que fornece elementos seguros para o diagnóstico.

O carater do liguido e sua constituição intima é que vai informar de um modo cabal sôbre a natureza da meningite e germe responsável.

Sem o exame do liquido é quase impossivel o diagnóstico diferencial, salvo quando é possivel observar a duração e forma sob a qual evoluia o mal.

No lactente, em geral, a meningite constitui uma conplicação de infecções locais e gerais (sarampo, cogueluche, gripe, otite média, etc).

Quando ela surge como complicação de um processo pneumodico a natureza purulenta do liquido é a regra, o que também se verifica como complicação de uma otite média, mas não sempre.

Na meningite epidemica é êsse, ainda, o carater próprio do liquido cèfalo-raguldeano.

Apresentando-se o liquido claro trata-se de uma meningite rerosa, se surge como uma conplicação de infecção aguda, ou de natureza tuberculosa se veio precedida de sinais que falam por esta origem.

Inumeras infecções se acompanham de uma meningite rerosa. Basta sòmente lembrar a pneumonia, a coqueluche, o sarampo, a gripe, entre outros.

A meningite tuberculosa é precedida, desde algum tempo, de uma mudança de humor da criança, que passou a isolar-se do convivio dos companheiros, já não brinca, enfezada a um canto, cançada, gostando ficar na cama o mais do tempo.

Quando a êstes sinais se juntam o vomito, a prisão de ventre, a perda do apetite, aumentam naturalmente as probabilidades. Um sinal quase constante e a desegualdade das pupilas ou sua evidente dilatação em ambos os olhos.

A meningite é sempre manifestação serissima.

Contudo as que podem ser rotuladas de natureza rerosa curam-se muita vez por completo, mas também acontece freguentemente, como postumos, uma hidrocefalia crônica, ou transtornos da inteligência que às vêzes passam despercebidos nos primeiros tempos e que todavia se revelam com perfeita nitidez para a idade escolar.



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

MÚSICA

VAMOS BRINCAR "DE MAESTRO"?

ROBERTO LYRA FILHO

A classe das crianças prodigio obteve, ano passado, um sucesso compensador. G i a n n e l l a di Marco, regente de poucos palmos de altura e menor número de anos de idade, tomou a batuta e, transformando o Teatro Municipal numa imensa "nursery", brincou de maestro com os músicos do conjunto, certamente tão encantados, quanto a complacente platéia, com a graciosa pequerrucha. No momento oportuno, comentamos o "fenômeno", pondo de lado a tolerância divertida e encarando, a sério e do ponto de vista musical, os famosos espetáculos. Basta lembrar, aqui, um dos argumentos: se a garota já houvesse nascido empunhando o bastão com que pretenderia conduzir, através de intrincadas partituras, doceis e submissos instrumentistas, nem por isso teria tido o tempo suficiente para munir-se do equipamento c u l t u r a l indispensável. Uma noção de rítmo, uma sensibili-



Gianella Di Marco

dade muito aguda, uma mímica adequada — com isso se constroi a simples *aparência* de um maestro. Um menino, de pé à frente de uma vitrola, pode fingir que está comandando uma orquestra e, se tiver jeito para a coisa, convencerá os espíritos precipitados e desprevenidos. Mas... e o conhecimento de teoria musical, de história da música, o conhecimento da orquestra e seu delicado mecanismo, as possibilidades e a função de cada instrumento, o estilo da obra a ser executada, os transcendentes problemas técnicos? Enfiar tudo isso na cabeça de alguém, nos primeiros cinco anos de vida, mesmo sem descontar o periodo em que foi simples, exclusiva e inevitavelmente, um bêbê engraçado e chorão, preparar um maestro de verdade e não um brinquedo bonitinho é tarefa mais demorada, penosa e difícil.

Os cariocas aplaudiram Giannella di Marco com tôda a efusiva simpatia que os esforços das crianças sempre despertam, tocando o coração sensivel e generoso dos adultos benevolentes. Mas um juízo que abstraia o encanto do cabelos encaracolados e do sorrisinho gentil, um juízo sereno não pode deixar de classificar a "maestrina" Giannella di Marco entre as amaveis pilhérias, digna de ser apreciada com um riso indulgente.

Não vimos motivos de indignação no aparecimento de Giannella. Houve quem falasse em mistificação, em fraude... Não. Publicidade ingênua, simplesmente.

OS SUCESSORES DE GIANNELLA DI MARCO

Lamentamos, apenas, com tôda sinceridade que os pendores musicais da menina não fossem aproveitados com moderação, industrializando-se, dêsde logo, dons que, bem orientados, poderiam não produzir *renda* tão espetacular, mas levariam, gradual e normalmente, o espírito ainda imaturo à formação de uma artista verdadeira. Na disciplina exaustiva das suas atividade como "maestro" — quem sabe se não cansará cedo a pobre garota, de quem furtaram os momentos indispensáveis de despreocupada infância, de inocentes jogos? O olhar muito arregalado, a pose constrangida, a expressão triste, o ar fatigado de Giannella di Marco insinuam um drama íntimo, os impulsos contidos da fantasia infantil, as horas de descanso racionadas e afogadas num horário de concêrtos e ensáios, uma vida noturna que excita, atordôa, gasta os nervos.

Por que falamos, ainda, e tanto, sôbre Giannella? Impressionou-nos a sua figura de pássaro cativo na arte transformada em gaiola. E não é um caso isolado. Há inflação de prodígios, já nunciamos. Só em nossa atual temporada — há dois sucessores de Giannella: Ferrucio Burco e Pierino Gamba. A aventura fez prosperar alguns emprezários é já provocou uma disputa entre os "donos" de Giannella e seu representante no mundo dos negócios, que são a base econômica da arte: contratos, "cachets", renda na bilheteria, dinheiro no bolso... Mas não será explorar demais o rico veio da simpatia popular pelas crianças? Dois minúsculos regentes? Os interessados não devem banalisar os prodígios... sob pena de verem descoberta a verdade, tão clara: muitas crianças são capazes de entrar nesse brinquedo de reger orquestras...



TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepo A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super ..	13.00	22.00	30.00
Q. Fluers — Super ..	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super ..	15.00	25.00	35.00
Mitzko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super ...	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super..	25.00	35.00	40.00
Pretx — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super ...	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super .	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super .	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF..	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105.00
La Rose Reugeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso..	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legitimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS
Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.
RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 55 - Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ...
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias inclusive câmbio

LUZ E SOMBRA

(Cont. da pág. 16)

rão ver, por graça de Deus, o pastoreio tranquilo das brancas ovelhas nas montanhas do norte?

★

Chuva daquele porte não era natural na pequena cidade de Alice. Chuvas torrenciais, demoradas, varando dias, castigo de Deus. E depois entrou a primavera com as suas luzes e côres. Os campos ficaram lindos e a vida havia renascido para os jovens e os namorados. Alice estava acompanhada de Edmundo, no atalho que levava ao morro, onde o sol parecia morrer em poente colorido. Nem mesmo Alice sabia como aquilo tinha acontecido. Um encontro casual, uma apresentação, uma conversa que prendera, um moço diferente, delicado, e a coisa fôra indo, fôra indo.

Heleninha tinha agora, constantemente, o canto dos lábios caidos, na mudez sombria de quem enterrou parente.

Olga, a mais feia, estava contente, pois gostava realmente de Alice:

— Formam um bonito casal. Se era para ser com qualquer serigaitinha da praça, antes com Alice, que pelo menos é bonita e inteligente.

— Inteligente... murmurou Augusta, no seu canto.

— Ninguém conhece a família dêle...

— A Clara jurou que êle estêve tentando flertar com ela no cinema. E que ela nem deu confiança.

— Vocês não viram aquêle dia em que êle piscou p'ra mim?

— Ora, êle tem o hábito de piscar e você ia passando naquele momento...

— Não será doença dos olhos? Quem sabe se um dia le vai ficar cego... Bonito! A Alice, tão orgulhosa, espôsa dum pobre cego...

— Mas ela não é orgulhosa!

— Hum... Não viram como anda tôda cheia de si? — Augusta já não podia aguentar-se mais. — Isso não dura muito, vocês vão ver. A mão invisivel trabalha e qualquer dia vocês vão ver o que acontece.

— Credo!

— A mão invisivel trabalha em silencio e...

— Nossa Senhora, que modo de falar, Augusta! Até parece que você é espirita!

★

Tirita de frio no dia de primavera o mulambo humano na sua tapera esburacada. Zé-Bôbo estava doente, uma doença esquisita, talvez as muitas chuvas que empastaram e colaram, por dias, os farrapos no seu corpo. Agora deseja levantar-se, ir para as ruas, embora as pernas moles, a lingua azêda e a tontura na cabeça. Esforça-se e vai, indeciso como bêbado, receber a luz da tarde que morre no campo. O cemitério ao lado está todo banhado de luz multicor. Cruzes azuis, flores roxas, brancas, anjos de pedra, tudo, tudo se mistura numa festa de côres que se aviva e que morre. Zé-Bôbo fica fascinado. Esquece o seu mal-estar, vai avançando para banhar-se também nessa luz que colore o mármore branco e infunde nuanças sutis à folhagem tenra do arvoredo. Com esfôrço, êle sobe em busca dessa luz, à procura do lugar onde também possa sentir-se no foco dêsses raios misteriosos. Mas é uma luz que retrocede. Chega ao alto, onde um pequeno bosque pontilha a solidão ao redor. Zé-Bôbo vê dois vultos e se detém. Alice e Edmundo beijam-se meigamente à sombra duma árvore próxima, esquecidos da luz do mundo, banhados pela fôrça pujante da primavera.

— Querido, será que você... — e a voz dela fica a meio, numa caricia emocional e tímida.

— Meu tesouro, sou todo teu. Não vê? — êle beija suavemente os cabelos da jovem.

Zé-Bôbo reconhece a sua Alice e recebe uma descarga em qualquer parte do seu organismo psiquico. Quer fugir, correr longe dali, mas a mão invisivel que trabalha em silêncio com poder de fatalidade o vai empurrando contra tôda a sua vontade, rumo aos dois. Chega perto e ainda não é visto. De repente Alice percebe a sombra no chão e, defrontando Zé-Bôbo, assusta-se, mas depois, sùbitamente, sente-se invadir por uma coragem de emergência e estaca e o fita como leoa encurralada. As mãos do gigante-idiota, por mais que êle queira controlar, estão agitadas, vão-se levantando, nervosas, em garras. Então os olhos de Zé-Bôbo encontram as pupilas dilatadas de Alice, que o fixa sem mêdo. Zé-Bôbo mergulha por êsses olhos e esquece-se de si mesmo. Por vários anos ou por alguns minutos? Quando "acorda", está ali, de pé, no mesmo lugar, sentindo as pernas frouxas, e um pêso de febre na base da cabeça. O casal já se fôra.

Zé-Bôbo está muito doente mas não sabe. Seus pés levam-no, cambaleando, à casa do padre. Encaminha-se para a horta e ali enxerga o pároco num canto, sentado na lata de querozene vazia, com o busto inclinado, quedo, em atitude melancólica. Há um punhado de terra negra esquecida na sua mão direita, no regaço, e seus olhos mostram uma expressão vaga, aérea. Zé-Bôbo aproxima-se e senta-se no chão. Suas pernas estão fracas e o gigante estampa na fisionomia um ritus doloroso. Qualquer coisa do cachorro que viveu uma existência levando ponta-pés do mundo inteiro.

— Sabe, amigo Zé, talvez eu nunca mais volte ao meu querido Portugal. Acabo de receber uma carta enlutada do meu torrão. Minha mãe, santa velhinha, faleceu no verão passado...

Padre Pinheiro espreme nervosamente a terra no punho fechado e depois deixa-a cair, lentamente, sôbre as sapatorras de serviço. Volta o olhar para o mulambo mas êste tem a cabeça pendida para o chão e aquilo que brilha nos seus olhos encovados serão lágrimas? Sim, mesmo que Zé-Bôbo pudesse fazer uso da voz, mesmo que êle pudesse falar, não saberia dizer porque — porque naquele momento sua alma estava chorando.

MARY ESTAVA...

(Cont. da pág. 23)

sitar Mary. A recepção foi gentil e atenciosa, mas sensivelmente fria. Excesso de gentileza no amor, é mau sinal. Mary conversara sôbre tudo, menos sôbre êles. E, quando Ric tentara enveredar por êsse caminho, polidamente a moça lhe fêz ver que o namôro estava desfeito. Aceitou, resignado, a deliberação da pequena.

Mas dai a sabê-la noiva de outro, ia um abismo!

Essa noticia o abatera. Viera na véspera da luta com o tal Kid e, quando Boy se retirara, afogara as mágoas e o despeito, numa farra monumental, no lado de antigas amizades... Saira carregdo por Boy e seu treinador... Na embriaguês falara em Mary, insistentemente, culpando a todos pelo sucedido. Ao diabo a "tournée". Porque não voltara à Universidade, como prometera? Não precisava de box para viver!...

Subira ao ring, para enfrentar o desprezivel Kid, com as narinas ainda ardentes de amônea. Como era duro lutar com sono! O máximo que conseguira, fôra ficar de pé até o fim da luta! Mas não estava liquidado, como diziam os jornais. Êle sabia da razão...

Depois se conformara com a situação, voltando aos treinos.

Walter estava noivo e se casaria breve. Walter empregava menos tempo de noivado que êle de namôro. Era um rapaz às direitas... e Mary o adorava... Se êle tivesse sido como Walter...

Mas não estava liquidado. Ia surrar Walter, dar um piparote no Kid bobalhão e chegar ao apogeu de novo. Mary seria perseguida por seu riso irônico nas fotografias dos jornais. Ia ser, novamente, o ídolo da platéia...

E aquela era sua grande oportunidade! Walter poderia ter sido noqueado no quinto assalto, não fôra o estúpido de seu treinador lhe ter dado a noticia: — Quebre-lhe em dois! E' o noivo de Mary! Vai tirar da vitória o dinheiro do casamento! Quebre-lhe em dois!

....

Estava em pleno oitavo assalto

Várias vêzes o adversário deixara o queixo no caminho. Aproveitara-se de uma feita e sentira o corpo de Walter tremer sob seus punhos. Mas, de outras vêzes, evitara atingi-lo. Outro golpe igual àquele e Walt adiaria o casamento por uns dez meses!...

Walter contra-atacava ferozmente. Um tigre êsse menino! Mas, pobre menino. Como era pueril! Como ia apanhar, até desistir das lutas. Sua defesa era de uma infantilidade que dava dó. Mas o garôto tinha sangue! Uma saraivada de golpes deixou Ric meio tonto. Era preciso liquidar o garôto aborrecido!

Preparou o golpe final. Olhos nos olhos do adversário, caminhou com êle até as cordas.

— "Você vai cair e é agora" — disse Ric, mordendo a borracha.

— "Só se cair morto" — respondeu, afinal, Walter.

Qual, o garôto tinha coragem! Ia desfechar o golpe fatal, quando a sereia tocou novamente. — Vou quebrar-lhe a cara — roscou Ric antes de voltar. Walter sorriu.

No canto o treinador procurava incentivar Ric. — Dê-lhe duro que é um manteiga! E a sem-vergonha da Mary está chorando porque julga que êle está perdido.

Virou-se como se fôra mola e quase esmurrou o treinador. Mas se conteve. Mary estava chorando e chorando porque Walter apanhava.

Voltou ao meio do quadrado de lona. Ia massacrar o menino, agora. Mas Mary estava chorando. Menina sem sorte, essa Mary. Primeiro o namorara e êle era um descuidado, que gostava mais de fama que da namorada. Agora perdia o casamento com aquêle frouxo que ia ficar sem a bolsa da luta, aquêle manteiga, que só tinha coragem e fôrça bruta.

Mary estava chorando! Um golpe violento fê-lo voltar à realidade, estremecendo.

Outro golpe igual, daquele garôto, e Ric ia a knock-out.

"Sorriu do riso que doia".

— "Olha garôto, você vai ganhar, mas eu lhe quebro a cara na primeira esquina" — disse cheio de ódio e pena ao mesmo tempo.

— "Você é frouxo" — respondeu Walter.

Mary estava chorando. Outro golpe de Walter e Ric deu dois passos para trás. Seguiu-se uma saraivada tremenda e êle cambaleou.

— Você vai ganhar, menino, mas casa depressa. Tira a bôca do caminho senão fica sem beijá-la uma semana.

Walter desfechou o golpe final. Ric sentiu as luzes se apagarem. Caiu molemente sôbre o adversário e foi escorregando.

— Leve a bôlsa e não luta nunca mais! Você não sabe nada de box e apanhará de qualquer um!

Tudo estava escuro e os lábios pesavam. Não podia dizer mais nada. Sentiu o calção de Walter no rosto e foi descendo. Walter não se aguentava e deixou que êle tombasse a seus pés...

— "Vai-me deixar despido?" — indagou Walter, sorrindo.

— "Você também faz humorismo?" — respondeu, Ric, contrafeito.

— "Quando a gente ama, faz tudo!"

— "Como você tem razão — disse Ric. — Mas não luta nunca mais, que você é um frouxo!"

Tudo ficou escuro. Ric caiu. Ouviu o vozerio da multidão e o grito histérico dos torcedores.

Queria sbaer se Mary estava melhor, mas não podia abrir os olhos e muito menos erguer-se, para espiar por cima da lona.

Mas, provàvelmente, Mary não chorava mais...

MAS SERÁ POSSÍVEL...

(Continuação da revista do dia 10 do corrente)

— Boa oportunidade, a sua chegada. Estamos entendidos, a Dona Tânia assinará com você o pedido amigável. Ela sorriu para o marido:

— Você quer assim...

— Não vamos conversar mais sôbre isso, Tânia. Mas, em duas palavras, é a vida que quer assim, a vida nos afastou, paciência, temos de encarar as coisas com serenidade, como as coisas se apresentam. Fora dessa atitude, é desespêro, e o desespêro é loucura — disse com gestos dramáticos.

A mulher despediu-se de ambos. E logo depois:

— Mas você é um bocado cinico — Constantino disse isso com um sorriso cheio de ironia, como se estivesse atribuindo a uma aventura que o outro acabasse de contar, tida com pessoa que êle nem conhecesse.

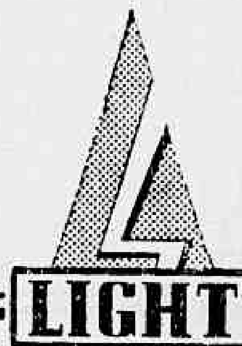
O amigo respondeu que não estava compreendendo.

— Bem, então me responda com fran-

(Cont. na pág. 48)

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.





CONTROLE PERIODICAMENTE O SEU CONSUMO DE ELETRICIDADE

Cada consumidor, através da leitura periódica do medidor de luz, pode exercer o contrôle do seu gasto mensal, evitando, assim, seja êste superior à quota a que tem direito. Basta-lhe, para isso, seguir os ensinamentos que se seguem:

Procedendo-se a uma leitura do medidor (ou marcação) anote-se sempre, em cada mostrador, o número que já foi ultrapassado pelo ponteiro.

Comecemos sempre pelo primeiro mostrador à esquerda. Cada divisão vale 1.000 quilowatt-horas; quando o ponteiro estiver entre dois números, anote-se sempre o menor, no exemplo abaixo o número 0.

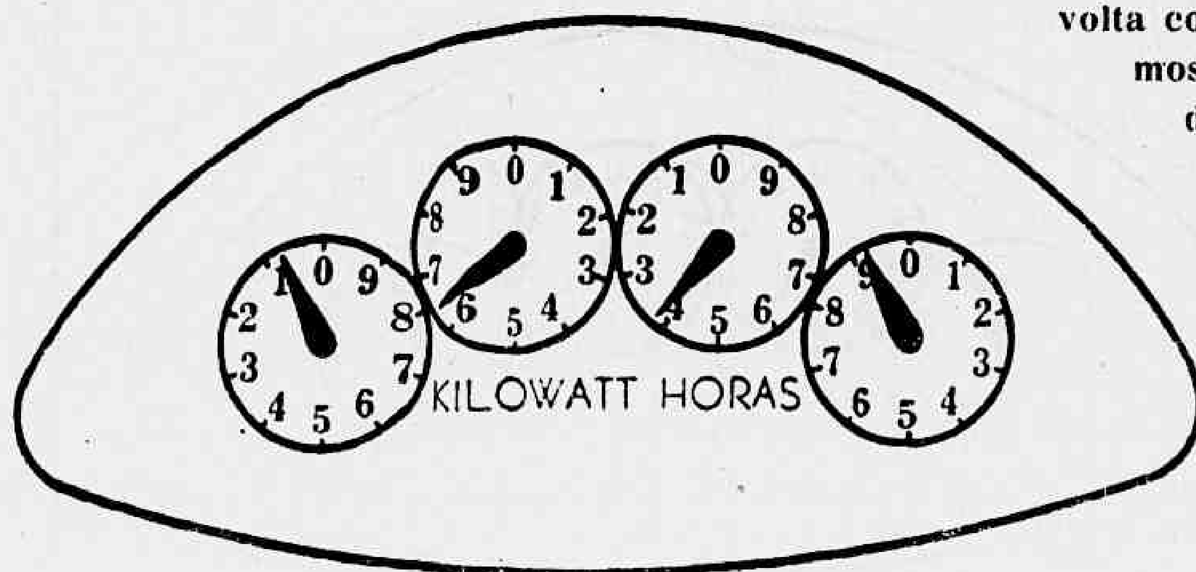
O segundo mostrador, a contar da esquerda para a direita da gravura, tem divisões que valem 100 quilowatt-horas cada uma. Anote-se sempre o menor número quando o ponteiro estiver entre dois números, no caso da gravura abaixo o número 6.

O terceiro mostrador, a contar da esquerda para a direita da gravura, tem divisões que valem 10 quilowatt-horas cada uma. Anote-se sempre o menor número quando o ponteiro estiver entre dois números, no caso da gravura abaixo o número 3.

Finalmente, o quarto mostrador tem divisões que valem 1 quilowatt-hora cada uma. Anote-se sempre o número que foi ultrapassado, no caso da gravura abaixo o número 9.

Terminada pois a anotação, teremos o resultado total dos quatro mostradores: 0639, isto é, 639 quilowatt-horas ou 639 kWh. Supondo-se que a última leitura dos mostradores deu o resultado 503 quilowatt-horas, sendo a atual de 639 quilowatt-horas, constata-se logo, pela diferença entre estas duas leituras, que foram consumidos 136 quilowatt-horas durante o periodo de tempo decorrido entre as duas marcações, isto é: 136 kWh.

Para esclarecimento lembramos que uma volta completa do ponteiro de cada mostrador corresponde a uma divisão do mostrador imediatamente à esquerda.



NOTA:

Em certos casos, para as instalações maiores, as leituras devem ser multiplicadas por uma constante que se encontra indicada na frente do Medidor, precidida pela letra K. Por exemplo, havendo, no medidor a indicação "k-15" a leitura do medidor deverá ser multiplicada pela constante 15, a fim de se obter os quilowatt-horas.

OUTRO CAMINHO

(Cont. do número anterior)

— Você tem razão, Roberto: a vida é só uma e não vale a pena vivermos recalcando sentimentos naturais. Mesmo porque ninguém pode garantir se é esta ou aquela, a forma certa de viver.

Relembrando tudo isso, a luz se fêz dentro de mim. E o meu sofrimento ante a certeza da sua queda, foi maior do que as decepções passadas com as minhas próprias dúvidas. Percebi que só havia um meio para salvar meu marido: exortá-lo ao bom-senso pelo orgulho. Assim, quando êle voltou à hora ardente do meio-dia, chamei-o e fui dizendo:

— Roberto vai embora amanhã e quer que eu vá com êle.

Não me entendeu logo.

— O que é que você está me dizendo, Ema?

— Que Roberto quer me levar com êle.

Seus olhos faiscaram:

— Você está doida, mulher? Que história é essa? Como é que você me pode falar uma coisa dessas como fôsse o caso mais natural dêste mundo?

— Julguei que você compreendesse, Anselmo. Pensei que estivesse bem integrado das idéias de seu primo...

Agarrou-me pelos ombros:

— Sua sonsa, você teve coragem de me atraiçoar com êsse... êsse...

Ante a sua revolta, eu me sentia mais senhora da situação.

— Você está me ofendendo, Anselmo. Enganá-lo seria incompatível com a minha formação de alma. Sabe que se eu deixasse de amá-lo, você seria o primeiro a tomar conhecimento da verdade. Gosto de tudo às claras, tôdas as situações legalizadas. E, pelo que consta, essa também sempre foi a sua maneira de pensar...

Seus dedos afrouxaram, as mãos abandonaram os meus ombros. Insisti:

— Não seria justo que eu procedesse com vulgaridade, uma vez que sempre tive em você um forte exemplo de energia moral, de superioridade de caráter. Eu me desprezaria a mim mesma se chegasse a desmerecer a sua confiança.

— Ora, basta!

E, vendo Roberto que se aproximava risonho e bem disposto, investiu para êle, agarrando-o pela gola do blusão:

— Com que então, seu patife, você abusa da minha hospitalidade e procura roubar-me a mulher? Eu devia ter visto logo que você não passa de um canalha!

Os olhos de Roberto acertaram a serenidade dos meus. Logo tentou o recurso da brincadeira:

— Ora viva, Ema deve ter uma imaginação muito fértil para engendrar uma história dessas...

Anselmo não o largava:

— Explique-se como homem, não tente nenhum subterfúgio. Você sabe que Ema não mente.

Aproximei-me:

— Deixa-o, Anselmo. Melhor tratarmos dêsse assunto como criaturas civilizadas.

Já Roberto mudava de tom:

— Não há nada a resolver. Ema está doida...

Sorri com firmeza:

— Não precisa esconder seus sentimentos, Roberto. Anselmo já sabe da verdade. Achei que essa era a forma correta de agir, uma vez que cada um de nós pode mudar os pontos de vista e abraçar novas idéias. E você, como espírito superior, há de convir que numa criatura como eu, não cabem atitudes vulgares.

Roberto libertou-se de Anselmo:

— Ema: você vai explicar a Anselmo que nunca houve nada de definitivo...

Meu plano não podia falhar. Interrompi-o:

— Anselmo me conhece bastante. Não é preciso. O que nem êle, nem você sabem, é que intimamente eu cheguei à conclusão de que você não deixa de ter suas razões, Roberto.

Quatro pares de olhos em mim. Eu calma:

— Portanto, o problema não é tão fácil como pensam.

Anselmo gritou de repente:

— Ora, será possível que você tenha acreditado nesse pilantra? Será que você não entendeu, Ema, que êle não passa de um oportunista?

— Oh, Anselmo, você se insurge contra Roberto? Pensei que tivesse acatado as novas idéias de seu primo...

Roberto aproveitou:

— Ema está acertada, Anselmo. Você ainda ontem exaltava meus pontos-de-vista... Tanto que cheguei à conclusão de que Ema estava sendo demais aqui. Ela é boa demais para você... Foi a única que se manteve firme, senhora das próprias convicções. Você é como os outros, Anselmo... Não passa de um fraco...

Outra vez vi meu marido investir para o primo furiosamente, e me interpus entre ambos:

— Vamos parar com isso. Errar é próprio da natureza humana. E nenhum de vocês dois está isento de culpa para jogar a primeira pedra.

Mesmo assim, Anselmo tentava alcançar o primo, cheio de revolta:

— Você não passa de um sujeito cretino, de um farsante! Sua inteligência não é mais do que uma armadilha para iludir os incautos, seu conquistador barato!

A fisionomia de Roberto transmudou-se. Ferido no seu amor-próprio, perdeu subitamente a serenidade que vinha se obrigando a ostentar até então. E, quando eu menos esperava, já êle estava me afastando dentre ambos, decidido a revidar as ofensas de Anselmo:

— Interessante como você se expressa agora... Como mudou de opinião tão ràpidamente...

Anselmo investiu para êle:

— Fique sabendo que já estou farto de conversa fiada! Você precisa que alguém lhe dê uma boa surra, isso sim!

E quando vi, estavam os dois engalfinhados no chão.

★

À tarde, Roberto veio à minha procura, o rosto salpicado de esparadrapo.

— Ema, eu vou sair agora mesmo. Em vista do que aconteceu, esperarei na vila pela condução de amanhã. Mas, antes de ir, queria que você fôsse sincera comigo. Diga-me... Por que você disse que o problema não é tão fácil como nós pensamos...

Sorri intencionalmente, fixando os meus, nos seus olhos inchados:

— Ora, Roberto... Você ainda não teve bastante? Pretende recomeçar tudo outra vez?

— Quer dizer que...

— Quer dizer que agora lhe posso afirmar que as convenções na vida da gente, não são menos importantes do que as nossas razões de sentimento. Você tem razão apenas numa coisa: em ser coerente comigo mesmo. Nada mais.

Apanhou a capa do encôsto da cadeira, e o chapéu:

— Admiro a sua fôrça de vontade, Ema. No entanto, parto ainda com a impressão de que você está tentando iludir a si própria.

Disse e saiu. Eu fiquei no alpendre vendo-o tomar a charrete com o Tibúrcio. Mal se foi, entrei e cerrei a porta. Um longo silêncio pesava sôbre a tarde lá fora, sôbre a casa tôda. Suspirei aliviada. A partida estava ganha. Tudo o que era meu, o que era nosso, estava ali. Olhei as coisas em tôrno e pensei que urgia ser feliz outra vez. Anselmo e eu precisávamos recomeçar tudo de novo.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

Metrolina
antisséptico
adstringente
bactericida
O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

MAS SERÁ POSSÍVEL...

(Cont. da pág. 46)

queza: desde quando você abusou de minha ausência?

Tavares jurou por todos os cotovelos, pelas barbas de todos os santos que nunca tivera coisa alguma com *dona Tânia*.

E o desquite foi feito. Seis ou oito meses, quase ininterruptos, e sem notícia da Belinha, Constantino ficou no Rio, acompanhando de perto o processar do negócio, com as formalidades de Tribunal, inventário de bens para contribuir para os Estado e outras demoras infindáveis. Afinal, liberto daquela coisa, tratou de voltar à fazenda, à sua esplêndida fazenda. Ali, arrumaria tudo para ir buscar a pequena. Agora, sim, que aquilo ia ser um paraíso, com uma mulherzinha daquele jeito...

Um verdadeiro magazine de coisas interessantes, roupas de cama, inúmeros preparativos caseiros, tudo, enfim, que êle achou que daria vida e alma à casa, já de si bem preparada, foi carregando no retôrno.

Ficou pronto o ninho, por fim. Lá o homem se foi buscar a naiade do mergulho no rio e das tardes paulistas...

Encontrá-la, agora, estava difícil. A ninguém, das relações, ela o apresentara, de modo que, a ninguém podia recorrer para uma informação. O endereço que ela lhe dera, da Avenida Brasil, era inexato. Ali não morava ninguém com o nome da família dela. A lista de telefone, percorrida cuidadosamente, não lhe abria nenhum indício. Mas será possível? — êle se perguntava a cada instante.

Perdeu as esperanças, e marcou viagem de volta, que seria dois dias depois. Na mesma tarde, descia a Avenida S. João quando bateu de frente com Belinha, de braços dado a um velhote, cujo termômetro acusava uns cinquenta e três.

— Meu marido, o Doutor Constantino, um grande fazendeiro e que me salvou a vida.

Os dois homens se apertaram as mãos. Ela comunicou que se haviam casado há dois meses.

Dias depois, novamente na fazenda, ouvindo, um a um, todos os discos que levara, sorria bem-dizendo o casamento da Belinha com o velhote. Sem dúvida, como em muitos casos análogos, aquêle velhote era uma verdadeira tábua de salvação...

Mas, pensava, como fôra estúpido! Podia tê-los convidado para um passeio aqui... aqui novamente teria a pequena... E isso não me ocorreu no momento! Que estupidez! Mas será possível?

OS PRACINHAS QUE...

(Cont. da pg. 34)

Entre os visitantes dessa tarde, surge uma família de São Paulo: O prof. Dario Castelar de Oliveira, acompanhado da espôsa e de uma sobrinha, sta. Maria de Lourdes de Castro Prado Abreu, passaram em Pistóia numa peregrinação mais demorada. E não querem ir adiante sem fazer a romaria de piedade ao cemitério dos nossos soldados. Junte ao altar de Nossa Senhora do Brasil, imagem que sob anonimato um grupo de mães brasileiras mandou, a família bandeirante ajoelha-se e reza. Depois de derramar uma braçada de rosas por sôbre as campas avulsas, retira-se com a consciência de um dever cumprido.

★

Nossa visita é mais prolongada. Examinamos os livros de impressões, em cujas páginas brasileiros ilustres e gente humilde tem escrito uma palavra de saudade e gratidão aos "pracinhas" de Pistóia, recolhemos documentação fotográfica — e a tarde vai passando. Aproxima-se a hora da Ave-Maria, hora em que é descida a bandeira do seu imponente mastro. Por deliberação do sargento-zelador, nessa tarde cabe ao jornalista brasileiro, ali presente, a honra de proceder a essa solenidade. Desatado o laço da corda, iniciamos a descida do pavilhão nacional, tendo à nossa frente, soldados e paisanos em atitudes respeitosos, os primeiros perfilados, em continência ao pendão verde-amarelo.

E' quando, numa vetusta igreja, situada a cem metros do cemitério, começam a soar também as badaladas da Ave-Maria.

Fácil será ao leitor imaginar a comoção que nos proporcionou êsse ato tão simples e tão repassado de melancolia. Enquanto a bandeira ia descendo, vagarosa, sempre espadanando ao vento mais ativo daquele fim de tarde, o som harmonioso, mas triste, da campânula da igreja, feria os nossos ouvidos.

E uma prece ergueu-se em todos os lábios, enquanto uma lágrima repontava em todos os olhos.

★

Antes de regressar a Florença, terminamos a nossa jornada fazendo uma visita à residência do sargento Miguel Pereira, na Via Monte Sabotino, n. 11, Pistóia. Lá encontramos a espôsa do zelador, dona Giuliana Pereira, e ali conhecemos também a garôta Michela, filhinha do casal. Mesmo nascida em Pistóia, foi registrada no Consulado Brasileiro. Virá em companhia dos pais, para o Brasil, dentro de dois ou três anos, quando se fizer a remoção dos despojos dos "pracinhas" para o Pantheon de Caxias, na Praça da República.

UMA PEQUENA VAIDOSA

Essa joia fatídica despedaçará o coração de Joan? ou lhe trará maior felicidade, aproximando-a de Basil Kane?













Talvez as coisas seguissem outro caminho se eu não houvesse entornado minha bolsa...



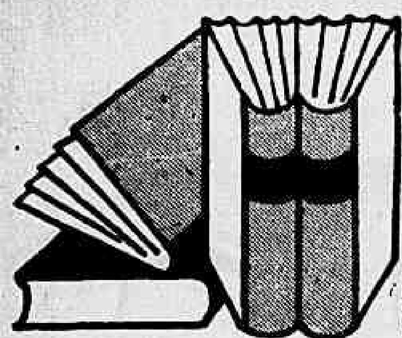




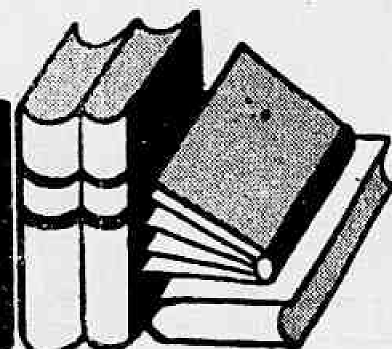






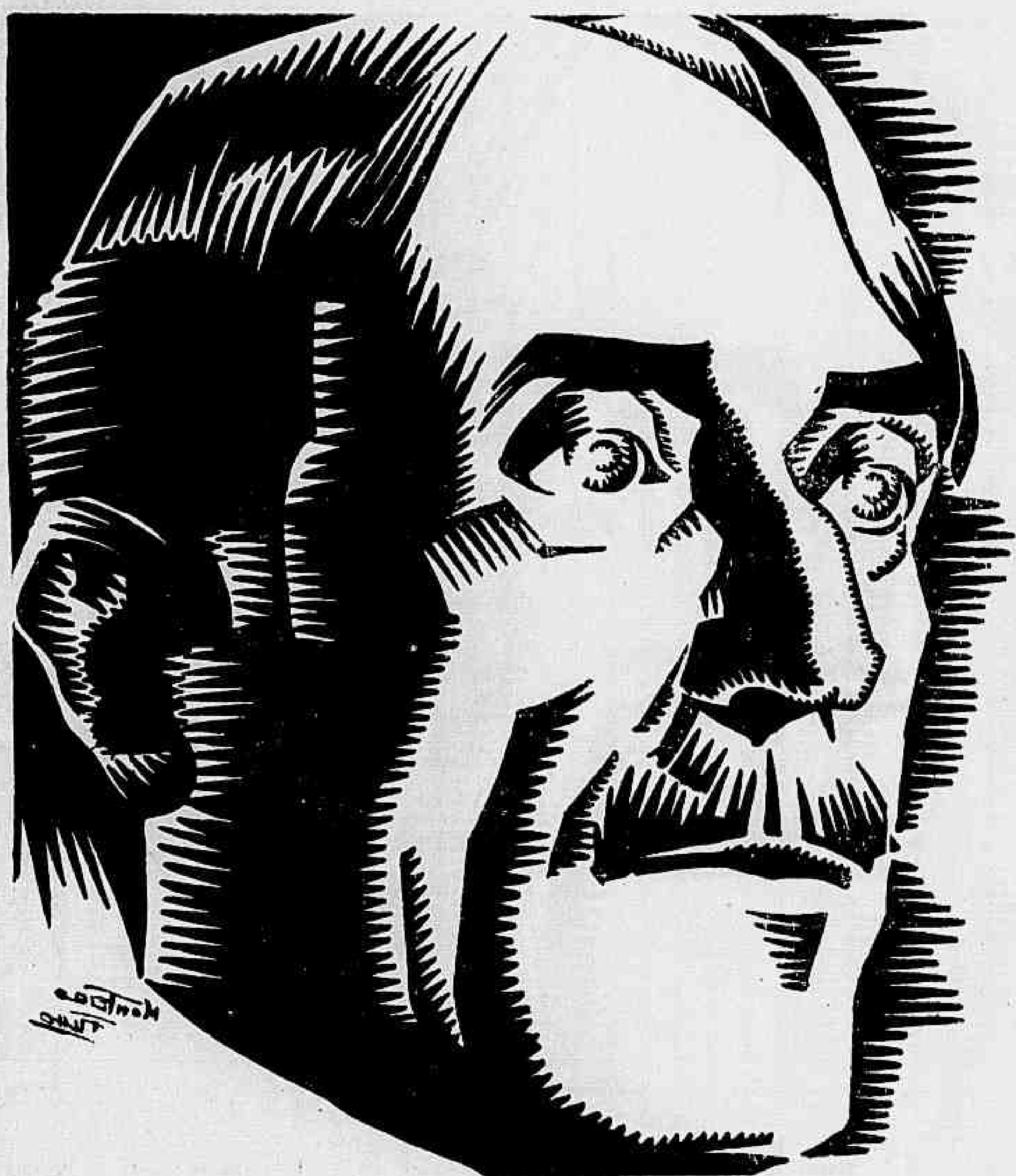


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

GALERIA DAS CELEBRIDADES



Paul Valery, desenho de Monteiro Filho

PAUL VALERY é um dos oráculos da poesia contemporânea. Seus caracteres essenciais são um lirismo e uma filosofia que mergulham raízes nas fontes cientificas, a preocupação da perfeição verbal e uma extrema concentração do pensamento. Foi êle que trouxe a fórmula da — "poesia pura". Paul Valery nasceu em 1871 e estreou nas revistas simbolistas, freqüentando, com os moços do seu tempo, a casa de Mallarmé. Publicando, em 1895 uma "Introduction a la Méthode de Vinci", escreveu no prefácio que — "o entusiasmo não é um estado d'alma de escritor".

Essa falta de entusiasmo é o traço fundamental do autor de "Soirée avec M. Teste", criador de uma *poesia valeriana*, de um método, de imagens, de uma dialética e de um hermetismo *valerianos*. Depois dêsse livro, já em 1917, apareceu "Jeune Parque". Em 1925 êle foi eleito para a Academia francesa.

Como prosador é que Valery firmou sua atitude intelectualista, bastando-nos para vê-lo, a leitura de "L'Ame et la Danse", "Eupalinos ou l'Architecte" "Varietés", "Soirée avec M. Test" e "Lettre de Mme. Emile Teste", obras reveladoras do artista das idéias que é Valery.

Como poeta, êle nos deu "Cimetière Marin", "Grenades", "Narcisse", além da obra anteriormente citada, "Jeune Parque", poesia cerebral, calma, lúcida, fria. Fiel, ao mesmo tempo, aos clássicos e ao simbolismo, êle compõe em ritmo tradicional, com imagens preciosas.

A que chama Valery a sua tão discutida "poesia pura"? A poesia que resulta do trabalho de depuração lírica, com a supressão progressiva dos elementos prosaicos de um poema.

A obra de Valery, por tudo isso, é obscura, hermética e destinada apenas às minorias. Para conhecê-lo melhor há alguns livros que apresentam aos leigos um roteiro indispensável, como o de François Porché, "Paul Valery et la Poesie pure", e o de René Fernandat, "Essai sur Paul Valery", entre outros.

Num artigo de Jean Prévost, "Entrevista com Paul Valery", o mestre fala do que vem a ser poesia incompreendida. Não nos furtamos ao prazer de oferecer êsse trecho aos leitores.

Diz êle:

— Mas, que quer dizer "incompreendido" em poesia?

Se um pensador ou um sábio não se entende com os seus leitores sôbre o sentido da sua obra, pode dizer-se "incompreendido". Mas um poema não pode reduzir-se a um sentido único — ao sentido do autor. Os versos têm o sentido que cada um lhes dá. O essencial de um poema é o som, é o ritmo, são as aproximações físicas das palavras. Os sentidos diversos são para os poemas o que os reflexos do diamante são para o próprio diamante. Cabe ao poeta fazer não uma vidraça que se parta ou derreta amanhã, mas um diamante que despeça eternamente luminosos reflexos. Veja a história dos "sentidos" de Virgilio. Eu não sei o que Virgilio era para si mesmo. Mas sabe-se hoje que foi o grande poeta nacional durante o Império romano; na Idade Média é uma fonte misteriosa — meio anjo, meio feiticeiro. Na Renascença é um Deus pagão; com os clássicos, é o pai da ordem; há, ainda, um Virgilio romântico, e assim por diante. O diamante é bastante puro para lançar novos reflexos sob a ação de novas luzes... O que pertence a Virgilio é a forma. O mesmo se passa com Baudelaire: docntio para os seus contemporâneos, deixou de o ser para nós. Encontramos hoje nos seus versos uma inspiração nova. Porque é o leitor e não o poeta, quem deve sentir a inspiração.

PREMIO AFONSO ARINOS

Obteve o Prêmio Afonso Arinos 1948, da Academia Brasileira de Letras, o livro "Novos Mundos em Vila Teresa", de Dirceu Quintanilha. O jovem poeta publicará ainda êste ano "A Inútil Espera", com capa de Santa Rosa. Os originais já foram entregues ao editor Pongetti.

EDIÇÃO FRANCESA DE "MAR MORTO"

A tradução francesa do livro de Jorge Amado (Ed. Nagel) sugere observações interessantes a Luc Decaunes, crítico de "Paru": "É curioso observar que Jorge Amado e, com êle, todos os escritores da América Latina em particular, escrevem como nenhum romancista de nossos velhos países civilizados consentiria em fazê-lo. Em seus livros há muitas inabilidades e puerilidades, muita coisa pesada. Mais de uma vez a sua expressão nos parece primária: dir-se-ia que o estilo de seus autores tem a idade de sua civilização. Por mais extensa que seja a sua cultura pessoal, logo que tomam da pena êsses escritores voltam a encontrar a ingenuidade e a maneira singela dos contadores populares. Sua imaginação é de primeira mão. Basta, porém, fazer um esfôrço, por menor que seja, para nos colocarmos ao nível da inocência dêles, logo os entenderemos, logo nos sentiremos como que refrescados, tamanha a pureza nativa em tudo o que dizem".

COMEMORAÇÕES BALZAQUIANAS

Segundo relata Léon Gedeon nas "Nouvelles Littéraires", durante os oito dias de comemorações balzaquianas de Alençon, um só livreiro dessa cidade vendeu 60 "Vidas de Balzac", de André Billy, e mais de 300 exemplares da "Solteirona" e do "Gabinete das Antiguidades", os dois romances de Balzac cuja ação se desenvolve em Alençon. (N.B.: a cidadezinha tem menos de vinte mil habitantes!)

O TESTAMENTO DE DELLY

E' sabido que o pseudônimo M. Delly, que assinou tanta literatura côr-de-rosa, destinada às mocinhas sentimentais, assinava as obras de dois irmãos. Há alguns meses faleceu a irmã e, mais recentemente, seu irmão e colaborador.

Antes de morrer, o irmão Delly legou tôda a fortuna da parceira a um convento de Versailles, declarando:

— O bom Deus inspirou todos os nossos livros. Nós lhe devíamos os direitos autorais.

ESTÁTUA A CAMÕES EM JUIZ DE FORA

A colônia portuguêsa de Juiz de Fora vai oferecer à cidade uma estátua de Camões, tendo já sido colocada a pedra fundamental dêsse monumento, ato celebrado no dia 31 de maio, quando se encerraram as comemorações do primeiro centenário da fundação da próspera urbs mineira.

A estátua de Camões que se erguerá no Parque Halfeld, entre os monumentos a Oscar da Gama e Belmiro Braga, dois poetas juizdeforenses, é obra do escritor Luís Soranço, de Juiz de Fora, e que, ainda na exposição comemorativa do primeiro século da cidade, promovida pela "Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras", apresentou cinco trabalhos de real importância e, entre êles, a maquete do monumento a Camões.

NOTICIÁRIO

Acaba de aparecer o III volume do "Journal" de Charles Du Bos.

★

E por falar em diários: o último volume, até 1950, do "Journal" de Gide já está à venda entre nós.

★

Na edição das obras completas de Agripino Grieco inclui-se, a aparecer, um volume de memórias.

★

"Casse-Pipe", o último romance de Céline, levou os críticos à afirmação de que o autor mais-que-realista é um irrealista, ou surrealista, mais exagerado do que Kafka ou Miller.

★

René Boylesve, um grande romancista tão esquecido hoje, acaba de ser lembrado numa biografia com ampla documentação: "La Touraine de René Boylesve", de Edmond Lefort.

★

Armando Godoy, o poeta centro-americano radicado na França, que escreve em francês e se assina Armand, devoto exaltado de Baudelaire, a cujo túmulo leva semanalmente flores, acaba de publicar mais um livro: "Rossignol".

★

O Ateneu Americano, de Washington, realizou uma sessão especial com a qual prestou uma homenagem significativa ao escritor peruano Ricardo Palma — famosa figura literária da América Latina.

A sessão teve lugar no Coolidge Auditorium, da Biblioteca do Congresso, com o sr. Juan Bautista de Lavalle, representante do Peru junto à Organização dos Estados Americanos, como principal orador. Luther Evans, bibliotecário do Congresso, iniciou a sessão com um discurso de boas-vindas. Entre os demais oradores encontravam-se Jorge Basadre, diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan Americana e ex-diretor da Biblioteca Nacional do Peru, e Henry Grattan Doyle, reitor do Columbia College, da George Washington University, que leu, em inglês, uma tradução de um trecho de "Tradiciones Peruanas", de Palma.

O Ateneu Americano é uma organização literária particular que congrega escritores latino-americanos interessados na divulgação de obras literárias americanas e no estreitamento dos laços culturais e de amizade que ligam os países dêste hemisfério.



SARTRE



Jean-Paul Sartre, numa caricatura de Alvarus

Última notícia de Sartre: meio espantado com os rapazes e as pequenas de Saint Germain des Prés, o criador do existencialismo não vai mais aos cafés daquele bairro, nem ao «Flore», nem ao «Deux Magots».

"The College of the City of New York: A History, 1847-1947", por Willis Rudy, é a história da universidade municipal de Nova York. Entretanto, é mais do que um relato do desenvolvimento de uma instituição; é a história da realização de um grande princípio, a criação de uma esplêndida universidade, que é do povo e dedicada às suas necessidades educacionais. "City College", como é geralmente chamada hoje a universidade, teve início em 1847 como a "Free Academy" (Academia Livre), com 15 professôres e 150 alunos. Hoje, "City College" tem mais de 2.000 professôres e, com um corpo discente de 30.000, é a terceira das maiores universidades dos Estados Unidos. Além disso, em seu liberalismo e adiantamento científico, é uma das mais importantes universidades do país. Representa uma das mais admiráveis realizações do povo da cidade de Nova York.

★

"Battlecreek", uma novela do escritor negro William Demby, e que vem de ser publicada nos Estados Unidos, é mais uma excelente contribuição literária de um negro dêsse país, cujo número de autores talentosos vem sendo crescente. William Demby é um escritor novo, de grandes qualidades literárias. Êste seu livro descreve a vida em uma pequena comunidade chamada Battlecreek e analisa com habilidade os diferentes personagens que compõem aquela comunidade. Demby demonstra particular compreensão no estudo que apresenta do pequeno Johnny Johnson, cuja natureza sensível o leva a se afastar das crueldades e obscenidades juvenis do resto da "turma"; entretanto, o receio que tem Johnny de não "pertencer" ao ambiente, faz com que êle termine sucumbindo à influência destrutiva de seus companheiros. E' um livro original e bem escrito.

★

Foi recebido com elogios unânimes o primeiro número da revista "Dionysos", órgão do Serviço Nacional do Teatro. Parte do número é consagrada à comemoração do primeiro centenário de Martins Pena, de quem se reproduz pela primeira vez uma comédia inédita, "Os Meirinhos". Da parte restante, destacam-se estudos sôbre Tirso de Molina, Goldoni e Cervantes, da autoria, respectivamente, de José Carlos Lisboa, Ruggero Jacobi e Joaquim Ribeiro, e uma interessante confissão de Nelson Rodrigues em que o teatrólogo brasileiro mais discutido explica o sentido e as intenções de seu "teatro desagradável". A excelente revista é dirigida por Thiers Martins Moreira e secretariada por Edmundo Moniz.

★

Lê-se a respeito do nacionalismo em poesia, um trecho precioso na "História da Literatura Brasileira", de Sílvio Romero: "Do poeta só uma coisa se pode exigir: é que tenha talento. Quanto ao mais, deve sempre escrever sem se preocupar se é nacional ou não; porque se procura sê-lo à fôrça, falsificará desde logo a sua intuição".

FORA DO PRELO

COGUMELOS - Breno Accioly - Editora A Noite - Rio

Breno Accioly é um contista consagrado. Essa simples expressão já é o melhor elogio que podemos fazer ao ficcionista de «Cogumelos», laureado por dois prêmios, um que lhe marca o prestígio entre os modernos — Prêmio Graça Aranha — e outro que o situa na simpatia dos acadêmicos — Prêmio Afonso Arinos. Seu «João Urso», um livro em que o criador se revela com uma fôrça extraordinária, abriu a Breno Accioly as portas da popularidade seleta e, portanto, honrosa, de certo merecida, por tal forma seus dotes de escritor de contos se confirmam neste novo livro.

Seria com certeza fastidioso tecer comentários em tôrno dêste difícil gênero de ficção que requer, mais do que qualidades aquisitivas do escritor, a vocação do contista. Entretanto, por isso mesmo que é menos cultivado entre nós e, ainda, porque não goze da maior estima dos leitores brasileiros, é justo que aqui falemos sôbre o conto.

Tem-se comparado o conto, na prosa, ao soneto, em poesia. Até certo ponto, tem razão os generalizadores. Como o soneto, o conto exige espírito da síntese, na escrita e na observação, exige a sobriedade léxica e acuidade crítica, sem contar que a condensação da ação deve se conter na «short story» sem artifício, clara e completamente. Mas, enquanto o soneto é apenas uma forma o conto constitui um gênero. E se, no primeiro caso, podemos adquirir a técnica do soneto, no que respeita ao conto, o problema é muito mais complexo e impõe à sensibilidade do artista e ao talento criador uma capacidade particular, um dom, por assim dizer. Para prová-lo, bastamos observar que, à parte, por exemplo, Maupassant, cujas histórias longas, os romances, valem tanto como os contos — temos grandes escritores e poetas que são maus contistas e contistas incapazes de escrever um bom romance, ou um poema aceitável.

Parece-nos que dois casos brasileiros de grandes escritores de contos que não puderam ser outra coisa, são Monteiro Lobato e Hugo de Carvalho Ramos. E não estamos aqui fazendo o amigo da onça, já que Breno Accioly nos promete um romance. Esperamos até que êle, como Maupassant, constitua uma exceção, tão simpática nos parece sua obra, tão original e forte, como aqui estamos vendo, nestes contos de «Cogumelos», onde aquela humanidade dramática de «João Urso» volta a nos inquietar, a impor-se à nossa solidariedade, através dos episódios de segura composição, de admirável vitalidade.

«Cogumelos», se apresenta em bela obra gráfica, com ilustrações de Oswaldo Goeldi, capa de Luiz Jardim e um prefácio de Gilberto Freyre.

ESTRÊLA DO CÉU PERDIDO - Lago Burnett - Centro Cultura Gonçalves Dias - Maranhão

O poeta de «Estrêla do Céu Perdido» tem vinte e um anos, isto é, vai fazê-los em agôsto. Isto, desde logo, desculpa-lhe os excessos e as falhas. A sofreguidão de aparecer em livro, a falta de mais apurada auto-crítica, um diapasão mais alto de certos momentos de sua poesia, algumas deficiências na técnica do verso. Mas, tudo isso, nele, pode correr à conta dos verdes anos, da sedutora audácia da juventude, da fôrça da mocidade.

Sem dúvida Lago Burnett é um poeta de rica sensibilidade, dono dessa inteligência do coração que é o sinal da poesia. E, já neste livro de estréia, êle revela, através de muitos belos instantes líricos, de uma frescura e de uma espontaneidade extraordinárias, a medida de sua fôrça e o que poderá ser, quando, no correr dos anos, fôr adquirindo, com senso crítico e apuro de forma, a indispensável justa medida, essa justa medida que é a «spot light» indispensável no realce da essência poética, fazendo contrastar sua luminosidade com a zona de sombra exterior, marcando-lhe os contornos precisos, as suas linhas harmoniosas, os seus harmoniosos movimentos.

Há poemas neste livro que parecem de um poeta já feito, revelando o mistério da intuição poética, como «Cançãozinha Improvisada na Tarde Chuvosa» — que tem um parentesco acentuado com Verlaine, mas um parentesco natural e não forçado, de imitação. Verlainiana apesar de tão moderna, tão do dia de hoje. Mas, poderíamos citar ainda outros muitos poemas da melhor qualidade lírica dêste jovem poeta maranhense de inspiração ardente e grande poder de expressão.

MAIS FORTE FOI MEU DESTINO - Odilon Crossetti - Gráfica Globo - Pôrto Alegre

O poeta Odilon Crossetti, cujos livros de versos foram tão bem recebidos pela crítica, tenta agora o romance e nos dá um logarejo riograndense onde viver muitos alemães, nos dias da ante-guerra de Hitler. O autor tece a história com certa ingenuidade e revela nestas páginas um excesso de anti-germanismo que prejudica a simpatia que sua prosa singela e sua fabulação nos poderia inspirar. Conta uma história cujo drama não nos atinge e revê tudo de mal que se publicou sôbre o hitlerismo, com os indispensáveis exageros, assumindo, contra o racismo, uma atitude também racista. Através personagens demasiado convencionais, o romancista de «Mais forte foi meu Destino» experimenta sua capacidade no gênero, mas não atinge plenamente seus objetivos, vez que escasseiam na obra densidade indispensável a um romance que tem, sobretudo, um sentido político já agora prejudicado pela evolução dos acontecimentos no após-guerra.

O REPOUSO COMEÇA AOS QUARENTA - Dr. Peter J. Steincrohn - José Olímpio - Rio

Na série de obras educativas da livraria José Olímpio, acaba de aparecer êste famoso livro do dr. Peter J. Steincrohn «O repouso começa aos quarenta» — título da versão brasileira do «You Dont Have to Exercise», o que vem a ser, literalmente — «não precisa fazer ginástica».

Trata-se, como se verifica do simples título, de uma obra visando corrigir essa vulgarizada prática da ginástica que, entre nós, data, se não nos enganamos, da divulgação do sistema do dr. Kneipp — que não era precisamente uma ginástica, mas um máximo de vida natural — e que, depois, se agravou com o uso e o abuso do sistema sueco, do atletismo indiscriminado, da febre dos esportes, constituindo hoje, aqui como em tôda parte, um mal extenso e intenso. Assim, o livro do dr. Steincrohn é, sob todos os aspectos, oportuno. Visa êle demonstrar, autorizadamente, que a cultura física, feita com precaução, é um estímulo para a infância e a adolescência, mas um êrro de graves conseqüências na idade adulta. Antes que revigorar o organismo, o debilita. Também não serve para a finalidade de conservar a «linha», como se supõe, o que tem sobremodo contribuído para sua popularidade. O autor estuda o assunto na sua complexidade, fazendo uma crítica severa à cultura insidiosa do «muque» que tem acarretado tantos desastres, promovida em larga escala, por leigos bem intencionados, é claro, sob pretexto de que a ginástica fortalece e embeleza, diminuindo as gorduras, tonificando os músculos e os órgãos internos. Combate ainda os regimes alimentares de emagrecimento preconizados por teoristas sem base científica e divulgados sobretudo pelos «compêndios de beleza» entregues ao público sem maior cuidado, por autores e editores gananciosos e irresponsáveis, adotados também sem cuidado por grande número de indivíduos que, antes de seguir essas miraculosas teorias, não têm a precaução de visitar um médico para saber dele se estão ou não em condições de praticar ginástica, atletismo, esporte e de fazer regimes.

A obra do dr. Steincrohn é um livro sensato e oportuno, uma advertência a êsse público da ginástica indiscriminada, um aviso, uma precaução, que será muito útil no seu combate à prática suspeita da cultura física. Bem escrito e traduzido em linguagem simples e agradável, por Ada Maria Coaracy, sua leitura, além de muito útil, é também interessante, sobretudo para as mulheres que, atingida uma certa idade, resolvem, a todo custo, recuperar o que perderam em elegância e beleza com o passar dos anos, seguindo tôdas as práticas que a charlatanice inculca como destinadas àquêle objetivo. O que elas perdem com pomadas e cremes «miraculosos» não tem grande importância, porque se limita à pele do rosto, do colo e dos braços. Mas os prejuízos que lhes trazem as ginásticas e regimes alimentares é muito mais grave, pois lhes devasta a saúde e contribui para encurtar a vida assustadoramente.

O dr. Steincrohn, médico, especializado no assunto, faz uma advertência bem humorada no pórtico do seu livro, dizendo: «Sempre que me sinto inclinado a fazer exercício, deito-me até que a vontade passe». E' um programa que êle preconisa a todos, em geral. Quanto a nós, devemos aconselhar uma providência mais eficaz aos adultos fascinados pela ginástica: quando estiverem convencidos da utilidade da ginástica e dispostos a praticá-la, leiam, antes, êste livro do dr. J. Steincrohn.

OUTROS LIVROS

«Rosa Azul» é o título da coletânea de poemas com que se estréia Alaíde Margarida. Publicado na «Coleção Poesia Viva», revela na estreante, a par de um lirismo comunicativo, as incertezas naturais de quem alça o primeiro vôo e prefere as paisagens familiares aos grandes mergulhos no desconhecido. Poesia ingênua e amável, confessando-se com versos simples, preferindo a música das trovas para exprimir suas mágoas e seus encantamentos.

★

Augusto Maurício vem contribuir para a legenda de Paquetá, a ilha da Moreninha, de memórias tão românticas — com o seu livro «O Solar d'El Rei». Obra de história, evoca o velho palacete da rua dos Muros, onde D. João se hospedava, em Paquetá.

O livro de Augusto Maurício é de história, mas história feita por um poeta. Faz lembrar a história vista por Michelot, de quem dizia Nodier ter errado a vocação, pois era sobretudo um poeta.

Informativo e bem escrito, aqui está um belo livro que aparece, num gênero tão pouco e mal cultivado entre nós.

★

Em edição Pongetti, aparece «O Mundo e a Vida», reflexões filosóficas de Alexandre Passos. O autor reflete com certa ironia sôbre uma centena de assuntos, dos mais cotidianos aos mais transcendentes. E' quase sempre original, mas falta maior profundidade aos seus conceitos. O gênero exige maior condensação e um verdadeiro espírito de síntese que, às vêzes, trái os que pretendem obra mais extensa, no tom ou no sentido das máximas. E' sobretudo perigoso, porque nos leva muita vez a repetir pensamentos e quase até as palavras de outros pensadores. Enfim, estamos diante de um esfôrço honesto, a que a falta de maior espírito crítico não diminui certo agrado de leitura.



Aspecto do almôço, vendo-se, entre outras pessoas, membros da diretoria do Jockey Club Brasileiro

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO TURFÍSTICA

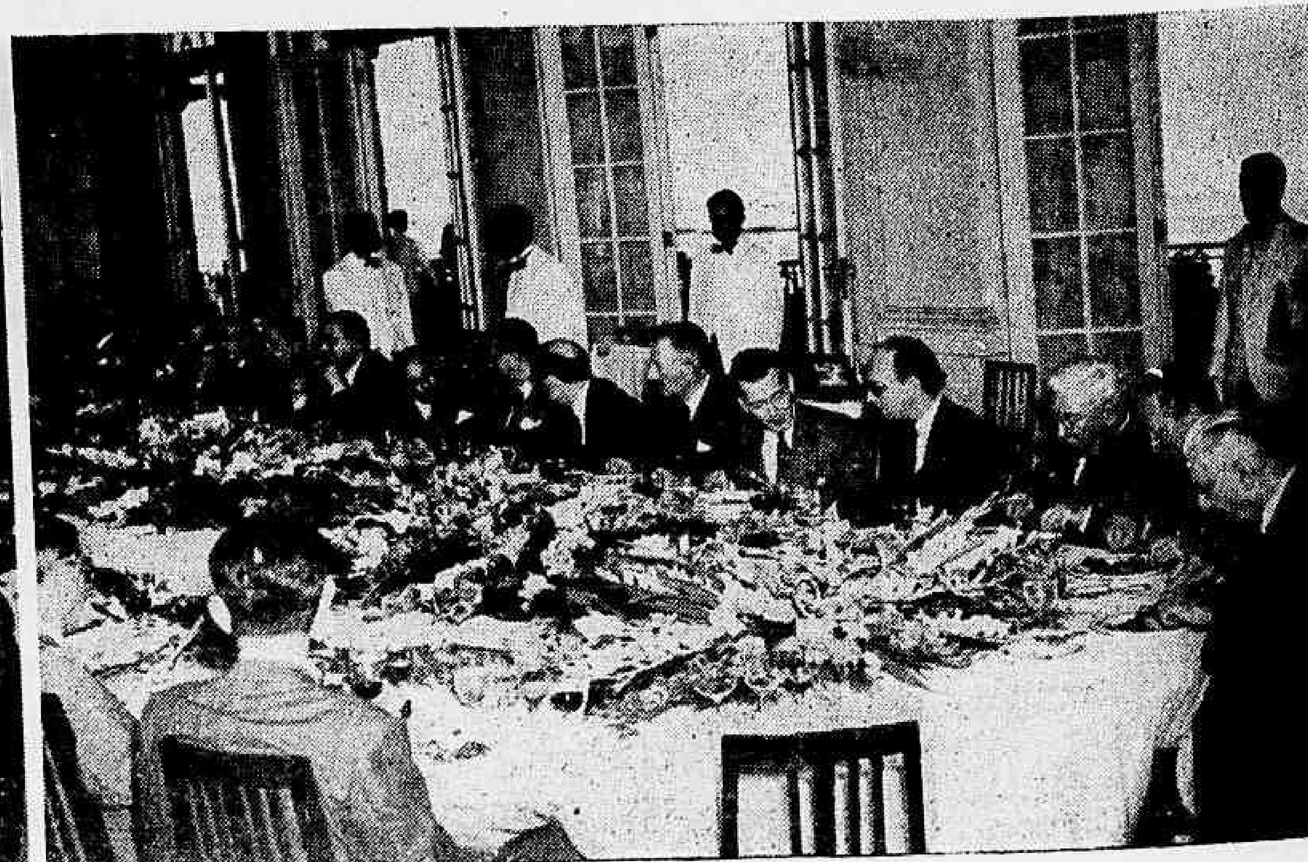
ANTES de corrido o Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul", a grande prova nacional da tríplice coroa do nosso turfe, reuniram-se no Hipódromo Brasileiro, em um almôço de confraternização, os criadores de cavalos de corrida vinculados ao Jockey Club Brasileiro. Foi uma festa de cordialidade e de amizade, que colocou em íntima convivência as maiores expressões da "élévage" brasileira, justamente numa das magnas datas do nosso calendário turfista. Ao ágape compareceram a diretoria do Jockey Clube e outros ilustres convidados, transcorrendo a reunião num ambiente de alegria e camaradagem, como um prólogo da grande carreira que momentos após ir-se-ia desenrolar no magnífico prado da Gávea. Estêve, portanto, inteiramente vitoriosa a feliz iniciativa dos que entre nós se dedicam à criação do puro-sangue de corrida. Dêsse almôço colheu a REVISTA DA SEMANA os flagrantes que ilustram esta página.





Em cima e em baixo, à esquerda: Mais três aspectos do almôço. Em baixo, à direita: Os srs. Roberto e Nelson Seabra, proprietários do ganhador do Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul", ladeados pelos srs. João Borges Filho e Carlos Guimarães de Almeida, presidente e diretor do Jockey Club, durante o "champagne" oferecido em regozijo pela vitória









BELEZA E ELEGANCIA NO JOCKEY-CLUB

AS tardes do Hipódromo Brasileiro continuam a atrair a atenção do nosso mundo elegante. As "pelouses", tribunas e casas de aposta povoam-se de uma multidão feminina onde não se sabe mais o que apreciar, se a beleza e a graça da mulher carioca ou o seu característico bom gôsto no apresentar as belíssimas e luxuosas "toilettes" que exibem no lindo prado de corridas da Gávea, tornando o espetáculo turfístico uma atraente e requintada parada de elegância e beleza. Assim aconteceu na tarde do Grande Prêmio "Cruzeiro do Sul", conforme mostram as gravuras desta página, quando o nosso "grand-monde" ali acorreu para prestigiar com sua presença a disputa da tradicional prova da tríplice coroa.









NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUANTAS ÓPERAS ESCREVEU CARLOS GOMES:
— Cinco?
— Doze?
— Nove?

2 EM QUE LUGAR DO BRASIL SE ACHA O PIANO DE CARLOS GOMES, BEM COMO ORIGINAIS, BATUTAS, ETC.:
— No Museu Histórico do Rio?
— No Centro «Ciências, Letras e Artes», de Campinas?
— No Museu Goeldi, de Belém do Pará?

3 QUAL O PRESIDENTE DA REPÚBLICA QUE PROMULGOU A LEI 62 (DESPEDIDA INJUSTA):
— Washington Luís?
— Getúlio Vargas?
— Antônio Carlos?

4 POR QUE SÃO FAMOSOS OS IRMÃOS NORTE-AMERICANOS HYGATT:
— Porque inventaram o avião?
— Porque eram siameses? (gêmeos)
— Por terem inventado o celulóide?

5 QUE QUER DIZER «GUARACI» NA LÍNGUA DOS NOSSOS INDÍGENAS:
— A lua?
— O sol?
— Deus?

6 QUE NOME DAVAM OS INDÍGENAS À LUA:
— Jací?
— Tupã?
— Caramuru?

7 COMO DEVEMOS DIZER:
— Cadeira estofada?
— Estufada?
— Estoufada?

8 ONDE FICA A MAIS ALTA MONTANHA DA AMÉRICA:
— No Brasil?
— No Chile?
— Nos Estados Unidos?

9 A QUE PAÍS PERTENCE A CIDADE DE MACAU:
— A Portugal?
— À China?
— Ao Japão?

10 QUAL ERA O APELIDO DE CARLOS GOMES:
— Carlitos?
— Tonico de Campinas?
— O Milanês?

11 EM QUE CIDADE DO BRASIL SE COMEMORA, TODOS OS MESES DE MAIO, A SEMANA DE CARLOS GOMES.
— Belém do Pará?
— Capital de S. Paulo?
— Campinas?

12 QUAL O POETA LUSITANO QUE DEU ÀS NINFAS DO TEJO O NOME DE «TÁGIDES»:
— Camões?
— André de Rezende?
— Guerra Juaqueiro?

13 EM QUE ANO ESTEVE NO RIO O ATUAL PAPA PIO XII:
— 1935?
— 1934?
— 1937?

14 QUE ESPÉCIE DE ALIMENTO É O «CAVIAR»:
— Fígado moído?
— Mistura de peixes?
— Ovas de peixe?

15 QUE QUER DIZER HIEROSOLIMITA:
— O que segue uma religião?
— Uma espécie de seita grega?
— O natural de Jerusalém?

16 QUE SINGNIFICA A PALAVRA «PERÍPTERO»:
— Edifício rodeado de colunas?
— Navegação ao redor do mundo?
— Inseto de asas cobertas?

17 QUAL DESTAS CIDADES FOI SEDE DO GOVÊRNO REVOLUCIONÁRIO NA REVOLTA DA ESQUADRA EM 1894:
— Pôrto Alegre?
— Niterói?
— Florianópolis?

18 NOS MAPAS GEOGRÁFICOS, EM QUE LADO FICA O NORTE:
— No inferior?
— À direita?
— Ao alto?

19 QUE OUTRO NOME TEM O SUL:
— Setentrião?
— Meio-dia?
— Linha equinocial?

20 QUAL FOI O OUTRO NOME SUGERIDO PARA BELO HORIZONTE:
— Novo Horizonte?
— Cristianópolis?
— Arrudas?

(Respostas na pág. 58)

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

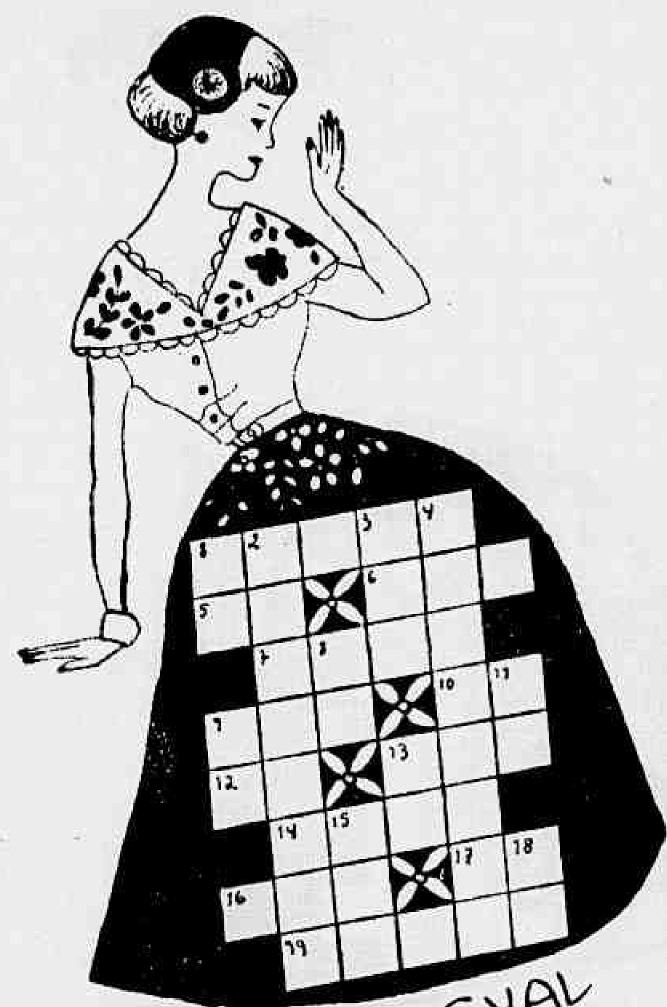
5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

PALAVRAS CRUZADAS

PARA VETERANOS

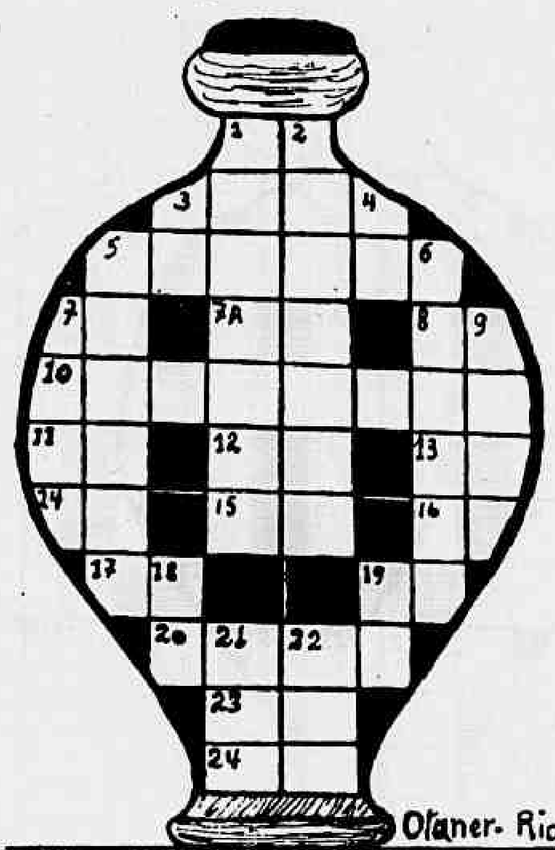
PROBLEMA N. 7



HORIZONTAIS: — 1. Torto — 5. Pessoa exímia em qualquer atividade — 6. Origem — 7. Povoação — 9. Águia muito grande — 10. Ilha francesa no Atlântico — 12. Raiz grega que revela a idéia de ponta — 13. Instrumento para encurvar as calhas das linhas férreas — 14. Amalecita, ministro favorito de Assuero — 16. Nome de mulher — 17. Luz que emana da ponta dos dedos — 19. Casualidade.

VERTICAIS: — 1. Arrieira — 2. Surpresa desagradável — 3. Obrigado por — 4. Embarcação, o mesmo que «varino» (pl.) — 8. Antes de Cristo — 9. O sol dos egípcios — 11. Preposição — 13. Primeira gutural do sânscrito — 15. Palavra céltica que significa «filho» — 18. Comiseração.

★



PARA NOVATOS

PROBLEMA N. 7

HORIZONTAIS: — 1. Instrumento agrícola — 3. Galináceo de crista grande — 5. Bocado — 7. Sozinho — 7A. Brisa — 8. Concede — 10. Gritarias — 11. Ali — 12. O substrato instintivo da psiquê — 13. Batráquio — 14. Antes de Cristo — 15. Contração — 16. Existes — 17. Artigo masculino plural — 19. Artigo feminino plural — 20. Nome de homem — 23. Vento — 24. Segunda nota musical.

VERTICAIS: — 1. Lugar onde se fabrica pão — 2. Clamor de vozes — 3. Nome da 7.ª letra do alfabeto — 4. Língua falada ao sul do Loire (França) — 5. Da Polônia — 6. Cheiros — 7. O principal compartimento de uma casa — 9. Membros das aves — 18. Isolado — 19. Aparência — 21. Oceano — 22. Unidade das medidas agrárias.

Soluções dos problemas do número anterior

PARA VETERANOS

Horizontais: — Go — Ir — Pi — Rota — Asas — Ar.
Verticais: — Grosa — Optar — Irá Ias.

PARA NOVATOS

Horizontais: — Casal — Abado — Ira — Ora — Adiro — Serás.
Verticais: — Caras — Abade — Sã — Adora — Loros — Ir.

Correspondência e colaboração para **REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.**

TUDO ISTO ACONTECEU

QUANDO O BEIJO É CRIME



UM filósofo pernambucano, que também era poeta e boêmio, já disse esta verdade: o beijo é uma dentada pelo avesso. Com certeza a recíproca não pode ser verdade... Por causa dêsse negócio de beijos muita desgraça tem acontecido neste mundo. A humanidade ainda hoje sofre e paga os seus pecados pela crucificação de Cristo, que, em verdade, foi vítima do hediondo beijo de Judas. Mas muita gente não se convence de que êsse negócio de beijo quase sempre dá em complicações terríveis. Vejam o que acaba de acontecer em Buenos Aires: um cidadão de nome Granados frequentava a residência de um amigo que era casado com uma senhora bonita e muito honesta. O diabo, porém anda sempre instigando os filhos de Judas à prática de crimes. Um dia, o tal Granados teve a audácia de dirigir galanteios à senhora do amigo íntimo, sendo repelido pela mesma. Vendo que ela não queria provocar escândalos nem dizer nada ao marido, o "Don Juan" suburbano voltou à carga. Adquirindo mais desembaraço e confiança, o birbante intensificou suas propostas incivis e passou a ameaçá-la com beijos... Um dia, chegando à casa do amigo sob qualquer pretêxto, encontrou madame sòzinha. Era o momento! Junto à mesma, o Lovelace barato agarrou-se fortemente e beijou-a com violência. A senhora conseguiu desvencilhar-se dos seus braços criminosos e refugiar-se numa dependência vazia, fechando-se por dentro com tôdas as trancas. O atrevido bateu, bateu, rogou, implorou, até que, desiludido, foi-se... Já não era possível suportar tantas afrontas. E contou tudo ao espôso. O caso foi ao tribunal e Granados foi bombardeado com uma condenação: cadeia e multa, despesas do processo e desmoralização. Firmou-se jurisprudência, ficando assentado que beijo assim é crime. Nada de violências!

SALVE, SERRA NEGRA!



NA toponímia do Brasil há muitas Serras Negras. No Nordeste, então, há uma serra negra em quase todos os Estados e mesmo em quase todos os municípios montanhosos. Mas a Serra Negra de que vamos falar fica em S. Paulo. O fato que colocou essa Serra Negra paulista em posição de grande destaque e que merecia ser imitada por tôdas as outras serras, isto é, por todos os municípios brasileiros, com serras ou sem elas, é o seguinte: em Serra Negra de S. Paulo fundiram-se todos os partidos políticos! Sabem lá o que é isso! No momento em que o partidarismo político dêste país se agita e cada vez mais divide a nação; no instante em que todos os partidos fazem fôrça e finco-pé no sentido de manter seus próprios candidatos; numa época em que os interêsses partidários concorrem para que não haja unificação de vistas entre os grupos consonantais ou vocálicos da política nacional, eis que Serra Negra nos dá êste edificante exemplo de harmonia e compreensão: todos os partidos que atuam no município se fundiram num só, anulando as intrigas, arrasando o "disse-que-disse", afogando nos lagos do patriotismo os interêsses confusos e desarticuladores dos políticos.

Que milagre foi êsse? Não deixa de ser fenomenal o êxito de Serra Negra. Muito bem fariam ao Brasil inteiro se os que conseguiram tamanha vitória, mandassem para os demais municípios do país a receita famosa com a fórmula patriótica. Se fôsse adotada por todos os demais diretórios políticos, estaríamos com o congraçamento geral da pátria perfeitamente conquistado.

E tudo isso se conseguiu sem alardes, sem manifestações ruidosas, na mais simples das modéstias, na mais bela das humildades. Grande povo, êsse de Serra Negra! Propomos que seja mudado o nome para Serra Azul! Tudo Azul!

UM "ANJO" DEMÔNIO

ACONTECEU em Muriaé, Zona da Mata, Minas Gerais. O fazendeiro José Clemente Pereira Filho, casado com a sra. Glória Fontes Pereira, mãe de nove filhos, um com apenas dois meses, vivia feliz com a numerosa prole, na fazenda do distrito de Belisário, naquele município.

Mas o diabo anda sôlto. Um dia, o fazendeiro e outras pessoas sugestionáveis foram convidados para ingressar numa nova religião denominada "Igreja Apostólica de Jesus". Liam a doutrina nas páginas da Bíblia e o diretor espiritual, denominado o "Anjo", era o organizador dos ritos e pronunciador das prédicas.

Tudo ia correndo bem; mas, um dia, não se sabe bem como, o "Anjo" declarou que a espôsa do fazendeiro Clemente estava com o diabo no couro. Êle "via" a mulher em poder de uma serpente, a emissária do Demônio, com o fim de destruir a nova Igreja de Jesus. Foi um clamor. Dona Glória ficou profundamente compungida e aceitou a prova por que teria de passar segundo as determinações do "Anjo".

Reunida a família, composta de gente miúda e de adultos, foi discutido o ritual adequado para retirar o diabo do corpo da boníssima senhora e devolvê-la ao seio da religião sagrada. Começou então o sacrifício. Rezas, exortações e suplícios. A pobre senhora, depois de uma semana de purgações e castigos físicos, foi, por fim, trucidada ferozmente pelos fanáticos dentre os quais se achavam o próprio espôso, uma filha maior e outros membros responsáveis de seu lar. Cegos pela doutrina do "Anjo", mataram a pobre senhora, convencidos de que cumpriram uma determinação do Além...



Velhos Florentinos, grandes velhos... Êles estavam assim mesmo, juntos e sentados na soleira de um portal nas imediações do Palazzo Vecchio, trocando impressões sôbre as ocorrências do dia, quando foram vistos pelo repórter da REVISTA. Isso aconteceu em Florença, na manhã de 1.° de maio do corrente ano. A cidade de tantos tesouros de arte festejava o Dia do Trabalho, e a cem passos, um desfile de operários ia passando, com bandeirolas desfraldadas... Tôda a gente correu para espiar. Mas os dois velhos filósofos, e a velhinha de pele enrugada, os três, quedaram-se, ali mesmo, sentados, alheios ao grande desfile dos trabalhadores. Pra quê sairem de seus cuidados? Estão cansados de ver e rever desfiles — e conheceram duas guerras, ou mais. Êles querem que os deixem em paz, vivendo a sua vida humilde, recebendo o óbulo que lhes dão os transeuntes e deixando os dias passar sem maiores preocupações. Não parecem exatamente — os velhos, pelo menos — intérpretes daquela famosa peça de Joraci Camargo? Mas quando recebem a esmola, não dizem "Deus lhe pague". Sorriem, levam a mão cansada ao "bonet" — e mergulham em silêncio. O silêncio dos que já viveram muito e aprenderam a faltar pouco. **(Foto R. da S.).**

O REI ESCRITOR



COSTUMAM os historiadores dar aos reis uns apostos que simbolizam as qualidades, virtudes ou defeitos dos soberanos. Assim, tivemos um D. Mánuel o Venturoso, um Luís XIV o Rei Sol, um Taciturno, um Avarento, um Barba Ruiva, etc. Faltava apenas um rei escritor.

Êsse acaba de aparecer, embora rei já sem coroa, rei exilado, banido espontâneamente, é verdade, de sua pátria por motivo de um casamento fora das veias de sangue real: Eduardo VIII da Inglaterra, o famoso e democrático Duque de Windsor.

Como sabemos, êsse nobre e aristocrático príncipe inglês mandou às urtigas o seu trono, em troca de um outro muito mais duradouro e mais afetivo: o trono do coração de sua eleita, Mrs. Simpson, hoje duquesa de Windsor.

Embora o fato lhe tirasse os principais proventos, entretanto não ficou de todo sem recursos, uma vez que possui propriedades na Inglaterra; mas tais rendimentos são absolutamente insuficientes para mantê-lo e à espôsa no nível social, cultural e civilizado que se faz mister em perso...em de sua espécie. Daí a necessidade imperiosa em que se viu o ex-monarca britânico para conservar o estalão de vida em que sempre estêve.

Que fazer, pois? Depois de muito pensar, de muito meditar, resolveu obter alguns milhares de dólares por meio da profissão de escritor. Mas escrever o quê? Romance? Novelas? Historietas em quadrinhos? Nada disso. Escreveria suas memórias. Imediatamente uma editôra dos Estados Unidos entrou em entendimentos e comprou por bom preço a vida dêsse Rei admirável. "As Memórias do Duque de Windsor" começaram a ser publicadas nos maiores jornais do mundo, e causaram mal-estar na Côrte Britânica. No último encontro do rei Jorge VI, irmão do duque, o irmão rei o censurou pelas "Memórias", ao que o rei escritor respondeu: "Não subestimes a profissão de escritor. E' muito mais difícil do que a de rei"...

POBRE ALZIRINHA!

ELA é cozinheira. Analfabeta. Pobríssima. Certa vez empregou-se e tudo ia azul em tôrno de Alzirinha, quando uma necessidade imperiosa a tentou: fazia um frio intenso no seu tugúrio no cimo de um morro desta capital. Alzirinha pensou em comprar uns molambinhos para acautelar-se do frio; mas com que roupa? Isto é, com que dinheiro?

Passando, no dia seguinte por certo coradouro, achou que com umas pecinhas de roupa das que estavam estendidas ao sol poderia aliviar o frio. O pensamento se corporificou no cérebro e ela decidiu furtar os panos. Ia lançando mão do que lhe não pertencia, quando, pressentida, foi prêsa. Daí por diante já não era Alzira Brandão, a Alzirinha. Era a **ré presente**, a constituinte, a criminosa, a delinquente...

Dias depois, isto é, começava o emaranhado do processo. Testemunhas, inquiri...ões, até que se encerrou a instrução criminal numa das Varas do Rio. Analfabeta e pobre, tiveram que arranjar-lhe um defensor de graça, o qual, assoberbado de serviços mais importantes, não pôde dar maior atenção à constituinte cuja tentativa de furto se elevava à "vultosa" quantia de Cr$ 10,00. Sim: dez cruzeiros...



O processo se avoluma, causa despesas ao Estado, o qual com a detenção da quase criminosa, está gastando muito mais do que o valor do furto representaria se houvesse sido realizado. Mais de cem cruzeiros já despendeu a Justiça Pública com êsse caso doloroso, muito mais digno de comiseração do que de vingança social.

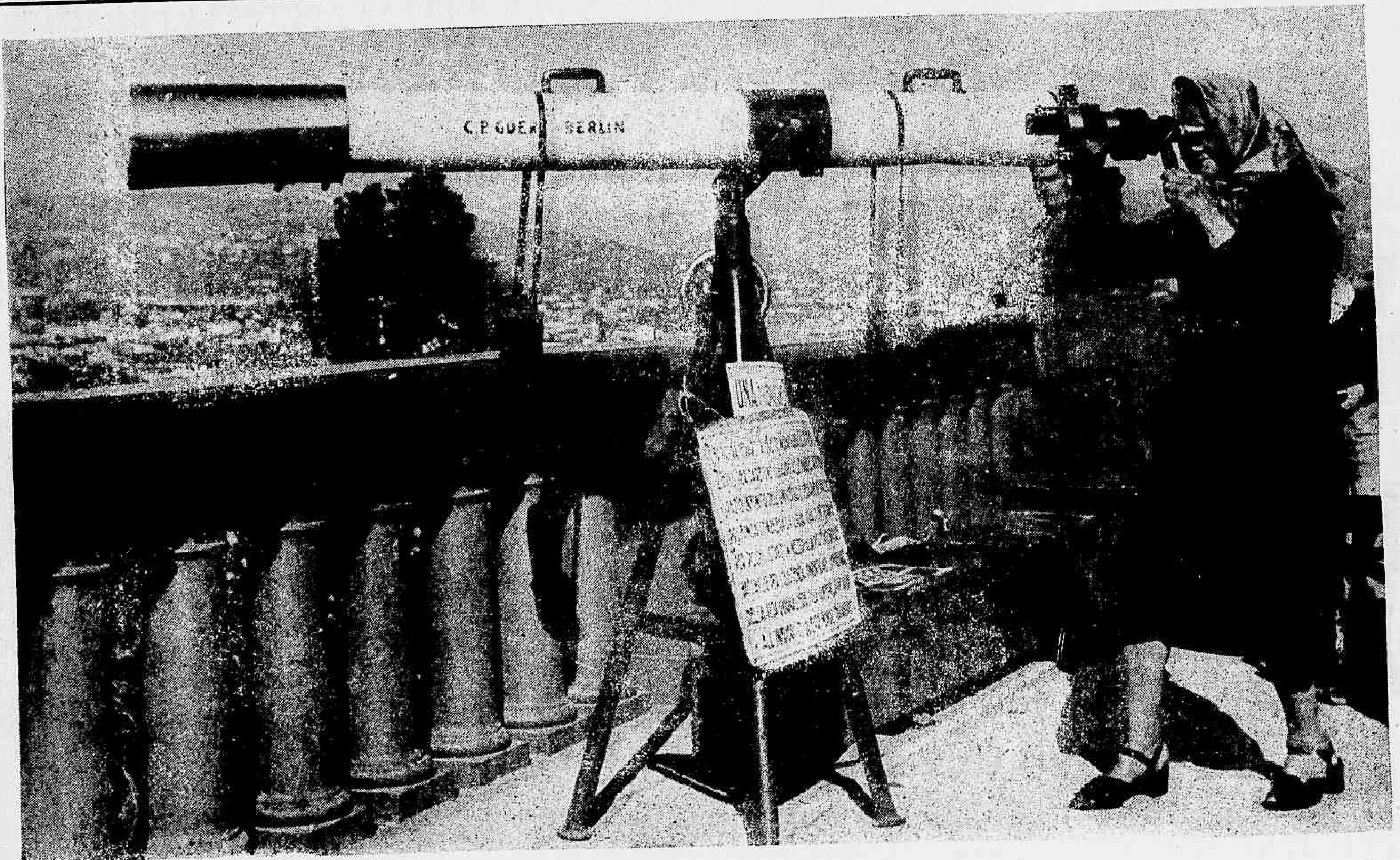
E quando fôr lavrada a sua sentença condenatória será posta em liberdade, pois já cumpriu a pena. Mas de uma coisa Alzirinha tem orgulho: é o de ver seu nome figurando numa das ruas do Rio de Janeiro...

HEROISMO FEMININO

NÃO. Não queremos falar do heroísmo na guerra. Clara Mamarão, Maria Quitéria, Bárbara Heliodoro, Benta Pereira, Anita Garibaldi, Bárbara de Alencar e tantas outras mulheres de nossa terra, foram autênticas heroínas; entretanto, não é sòmente nas lutas cruentas das batalhas ou nas incruentas da política ou das reivindicações sociais nas praças públicas que se prova o ânimo heróico, desassombrado. Lady Godiva, por exemplo, submetendo-se àquela prova terrível de passear pelas ruas de Coventry montada num cavalo e apenas protegida pelos seus longos cabelos, a fim de obter do seu espôso a revogação dos pesados impostos que asfixiavam o povo, é alta prova de heroismo feminino, tão grande como se ela houvesse pegado em armas para defender a população de qualquer assalto do inimigo.

Um dos recentes episódios de heroísmo feminino fora das batalhas nos foi oferecido pela lindíssima e jovem Adrienne Nichols, da cidade de Cleveland, nos Estados Unidos. Espírito bem formado, Adrienne é uma das figuras mais dedicadas às obras pias de sua terra. Gosta de entrar em campanhas de beneficência e não dá exemplos dessa dedicação servindo-se dos outros; ela mesma diz e faz.

Faz pouco, declarou em reuniões que muito dinheiro poderiam as novas samaritanas obter com a colheita de jornais velhos. Pediu que não jogassem fora as fôlhas lidas. Entregassem-nas à associação, para que, daquela papelama surgissem, pela venda, alguns dólares. E, para mostrar que os jornais lidos podem trazer recursos aos necessitados, Adrienne se despiu e fêz, com as gazetas, uma "toilette" original, como exemplo público. Uma Lady Godiva do século XX.



FLORENÇA POR UM ÓCULO... — Quem vai à Itália neste Ano Santo, não deixa de incluir no roteiro de viagem uma visita mesmo rápida, à moderna Atenas. Em Florença, tudo nos fala ao coração e ao senso estético, desde as suas gloriosas catedrais à casa de Dante Alighieri, hoje transformada em museu, e onde as mais preciosas relíquias do poeta da "Divina Comédia" são carinhosamente conservadas; desde o Batistério, com as suas gloriosas portas trabalhadas em alto relêvo, ao Palácio Vecchio, com as suas estátuas desnudadas que não escandalizam os habitantes da terra. E quando se percorreram suas ruas estreitas, de calçamento muitas vêzes centenário é preciso ainda subir ao Viale dei Colli, e lá em cima olhar, em conjunto, as basílicas, as ruínas do teatro romano e a massa-bruta, escura, veneranda, do Pitti Palacio. E' na "terrasse" da Viale dei Colli que se encontram êsses óculos, alugados a vinte e cinquenta liras, para melhor abranger o conjunto da histórica cidade medieval. Aqui está uma aldeã que nesse dia foi ver Florença pela primeira vez, deslumbrada com as proporções maiores da visão, através dessa poderosa lente. Tome nota o leitor: Quando visitar Florença, faça o mesmo; veja a terra de Dante por um óculo e há de vê-la melhor. **(Foto R. da S.).**

FÓRA DO PROGRAMA



NÃO faz muito, nestas páginas comentamos aquêle fato ocorrido com uma artista que representava sensacionais números num "show", com suas cobras de considerável tamanho. Em dado momento, os espectadores vibravam de aplausos diante de uma cena impressionante: a serpente atacara a domadora com tanta violência que esta se via sufocada pelos anéis que a imensa cobra lhe armara em volta do pescoço. Mas os assistentes julgavam que aquilo tudo era do programa, e que a moça apenas estivesse contracenando com o ofídio...

Sòmente depois que ela começou a pedir socorro é que outros artistas e o gerente do espetáculo acudiram livrando-a de morte por asfixia. Também nos circos em que se exibem feras de alto porte, êsses fatos se registram, de quando em quando. De tempos em tempos os senhores domadores, com todo o aparato, revólver na destra e chicote na sinistra (tudo isto, leitor, para evitarmos a cacofonia de **uma mão**), são mutilados, mortos ou feridos pelos seus pupilos de ronco atômico. Mas não se emendam e continuam na brincadeira.

Recentemente sucedeu um dêsses acidentes de consequências deploráveis, já agora sem bichos mordedores ou apertantes. O negócio se passou com a bailarina japonêsa Mari Savara, especializada numa sensacionalíssima "Dança das Chamas". Ela descia para o proscênio por uma longa escada sinuosa, entre renques de velas acesas, arrancando palmas frenéticas do povo. Mas nos começos dêste mês de junho Mari não foi muito feliz. Ao passar bailando por entre as velas, uma língua de fogo atingiu seu vestido. As chamas aumentaram, entre aclamações e palmas da assistência que julgava ser aquêle incêndio um número extraordinário do programa... Por fim, aos gritos de Savara, já muito queimada, salvaram-na com água e cerveja...



BONECAS DIABÓLICAS

O que o leitor está vendo nas gravuras desta página — uma criança sentada ao órgão, escrevendo e desenhando, não é gente viva. E' uma boneca dotada do mais estranho, complicado e misterioso mecanismo. Essa família estranha e curiosa se compõe de três membros, sendo dois "meninos" e uma "menina", tudo aparentemente orçando pelos dois ou três anos, mas que na realidade, existem há mais de dois séculos!

Elas "nasceram" na Suíça, em Neuchatel, e foram criadas por um dêsses gênios da mecânica de um país que nos deu os seus relógios maravilhosamente exatos, delicados e incomparáveis. O teólogo Pierre Jacquet-Droz, de La Chaux-de-Fonds, no Cantão de Neuchatel, concebeu e inventou essa maravilha de técnica e mecânica representada pelos seus três "filhos" imortais...

Atualmente estão êles sob os cuidados de um outro Droz, que, aliás, não é nada do inventor, apesar do mesmo sobrenome. Uma espécie de Silva, Ferreira ou Sousa aqui no Brasil. E é o sr. Droz, Edmundo Droz, a única pessoa neste mundo que sabe manejar com os bonecos de Pierre Jacquet e fazê-los tocar órgão, pintar, escrever e sorrir. A ninguém mais é dada a honra, o privilégio de fazer "viver" a família de duzentos anos e sempre na mais tenra idade. Só êle, Monsieur Droz...

Em tôrno dêsse fato se forjaram muitas versões. Inventaram mesmo que o velhote senhor dos segredos dos bonecos tem pacto com o diabo... Por êsse motivo, quando gente modesta e simples da roça ou das herdades encontram pelos caminhos o feiticeiro, foge dêle temendo que o canhoto ande ali por perto. E' um indivíduo que divide com Satã os seus conhecimentos e quer dar vida diabólica a sêres inanimados.

Mas se tais pessoas criam coragem e vão ver a mais linda e sabida boneca dêste mundo executar ao órgão os minuetos, as quadrilhas e lanceiros do século da Côrte de Luís XVI, ficam verdadeiramente maravilhadas e sentem até vergonha de terem suspeitado tanta injúria do pobre e honesto sr. Droz.

Não resta dúvida de que, ao imaginar e criar êsses autômatos que se movimentam por intermédio de um mecanismo estupendo, o famoso e genial teólogo Pierre Jacquet-Droz foi estimulado pela idéia infantil de imitar Deus no Genesis ou Prometeu com seu Pigmalião, bem como diante das antigas tentativas da Pedra Filosofal: êle desejava dar vida aos seus bonecos, criando o seu mundo, desvendando os mistérios da vida.

Por êsse motivo o povo simples do campo acha que aquelas figurinhas de tão meigo aspecto e de tanta beleza infantil não são mais do que uma inspiração do demônio e que espalham pela terra as influências do inferno.

Não há turista, curioso, gente do local que, indo a Neuchatel, não vá ver os bonecos de Droz. Êles vivem bem guardados na Municipalidade e sòmente o velho Edmond Droz pode e sabe movimentá-los. E se o velho morrer de um momento para outro? Quem poderá substituí-lo? Essa pergunta ocorre imediatamente. Mas, para evitar tamanho perigo, já estão proporcionando a um jovem técnico do Instituto de Física de Neuchatel o conhecimento total do mecanismo dos bonecos. Chama-se êsse privilegiado Jean-Pierre Wagner. Mas vai precisar de vários anos para chegar a conhecer com a necessária exatidão o mistério daquele mecanismo complicado!





NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O PSD escolhe o seu candidato 6/ 7
Expedição a Trindade (Carlos Duarte) 10/13
Barrault — 50% teatro e cinema (Carlos Tenorio) .. 14/15
Não existe mais a cidade sagrada (Alberto Conrado) 20/23
Os «Pracinhas» que repousam em Pistoia (Celestino Silveira) 26/25

CURIOSIDADES

Gotas atômicas para a cura do câncer 17/19
Toscanini, o Evangelista da Música 4/ 5

LITERATURA

Viva São João! (Martins d'Alvarez) 3
Luz e Sombra (G. Gastão Bussamara) 16
Mary estava chorando (Lauro Sales Filho) 25
Semana Literária (Edmundo Lys) 50/51

FEMININAS

Sugestivos 37
Modelos Juvenis 38
Cintados ou Amplos 39
Modelos para tôdas as horas 40
Feltros e véus 41
Week-End na Cozinha 42/43

HUMORISMO

Bom Humor 8
Sete dias em revista (Theo) 24
Boas maneiras (Nicodemus) 36

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 9
A Personagem da Semana .. 9
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 44
Música (R. Lyra Filho) ... 45
CORREIO DA REVISTA — 48
Puxe pelo cérebro 54
Palavras Cruzadas 54
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Uma pequena vaidosa 49

FOTOS

Arnaldo Vieira — Carlos Duarte — Celestino Silveira — Avulsas

BONECOS

Rafael

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

★

NA CAPA:

No Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia (Foto C.S.)

Puxe pelo cérebro

(Respostas ao Teste da pág. 7)

1 — Nove (Noite no Castelo, Joana de Flandres, Fosca, O Guarani, Salvador Rosa, Maria Tudor, O Escravo, Condor e Colombo)
2 — No Centro Ciências, Letras e Artes, de Campinas
3 — Antônio Carlos (interinamente, na ausência de Getúlio Vargas)
4 — Por terem inventado o celulóide (1863-65)
5 — O sol
6 — Jaci
7 — Estofada (estufada é de estufa)
8 — No Chile (O Aconcagua, nos Andes, (6.953 mts. de altura)
9 — A Portugal (desde 1557)
10 — Tonico de Campinas
11 — Campinas, S. Paulo (Conforme a lei n. 210, de 23-9-49, do vereador F. P. de Azevedo Marques)
12 — André de Rezende
13 — 1934
14 — Ovas de peixe (especialmente do esturjão)
15 — O natural de Jerusalém
16 — Edifício rodeado de colunas
17 — Florianópolis
18 — Ao alto
19 — Meio-Dia
20 — Novo Horizonte.

VENDEU O 1º NÚMERO DA "REVISTA DA SEMANA"

Encontro histórico e inesperado foi o que se verificou recentemente, na Itália quando Celestino Silveira, nosso enviado especial, visitando a cidade de Paola, na província de Cosenza, foi ali apresentado a um antigo vendedor e distribuidor de jornais e revistas que no Brasil exerceu suas atividades por muitos anos. Afastado pela idade daqueles serviços, o sr. João Caruso — êsse o seu nome — vive uma velhice tranquila na terra em que nasceu, e ao apertar a mão do jornalista brasileiro não póde esconder a sua alegria: — "Fique sabendo que vendi o primeiro número da REVISTA DA SEMANA" — disse o velho Caruso ao nosso companheiro. De fato, lembrando episódios "daquele tempo", o antigo jornaleiro citou datas com precisão absoluta: — "Isso foi por volta de 1900, no princípio do século — acrescentou — e recordo-me perfeitamente do sucesso que alcançou o aparecimento da nova revista, a primeira publicação que circulava no Rio com novos processos de ilustrações"... Foi o sr. Caruso fundador da emprêsa distribuidora de jornais com sede na Barra do Piraí, ainda hoje entregue a seus descendentes, e as evocações do seu tempo de Brasil — terra da qual guarda as mais gratas lembranças e onde desejaria voltar apesar dos seus 82 invernos — recuam até os dias do Império. Conheceu Pedro II e Floriano, assistiu à implantação da República, viu de perto o marechal Deodoro na manhã de 15 de novembro de 89 — e tôdas essas reminiscências serão relatadas na entrevista que, a respeito, publicaremos em nosso próximo número. Muito material fotográfico de Paola ilustrará essa reportagem. Pormenor curioso: em Paola, encontramos centenas de pessoas falando português e grande número de velhos jornaleiros do Rio, hoje aposentados.



MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

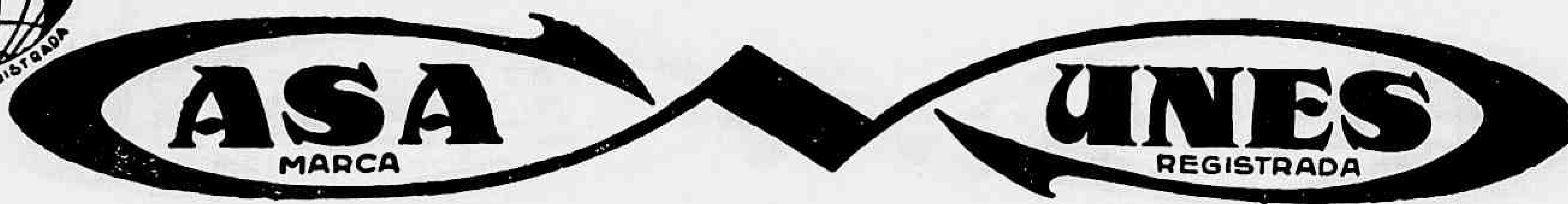
orçamentos executados por técnicos especializados

GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo, fabricados especialmente para





65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto

...aí se encontram os cigarros Hollywood

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.



Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood !

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.030-H